

Isso só acontece Comigo



DAYANA ARAÚJO

Isso só acontece comigo
Dayana Araújo

Obra Registrada

Todos os direitos reservados

Proibido cópia sem autorização

Capítulo 1

Não estou nada bem

Feia. Deprimida. Humilhada. São as palavras certas para definir a situação que me encontro. Estou com sobrancelhas enormes e segundo minha mãe, parecem de lobisomem. Tenho até vergonha de olhar para baixo e ficar diante de pernas cabeludas no maior estilo “Tony Ramos”. Os fios ruivos, saudáveis e brilhantes que um dia pertenceram a mim, agora são ressecados e com enormes pontas duplas. As unhas, antes pintadas de um vermelho rubi, se tornaram descascadas, sujas, com cutículas pontudas e grandes. A essa altura, acredito que pelo tamanho que estão, podem servir muito bem como uma arma de calibre e tudo.

O jeans tão amado que um dia foi a peça de roupa que mais usava, agora não passa mais do meu joelho. Isso porque do tamanho 40 passei para o 44 em questão de semanas. Porém, nem por isso deixo de ir à loja da Cacau Show, a fim de comprar mais chocolates trufados para acalmar meu estado psicológico; e como se não bastasse estar me sentindo a pior das mulheres, eis que um garoto sardento, de uns oito anos, trata de frisar isso. Quando me dirijo ao caixa para pagar os bombons, o menino puxa a blusa da sua mãe e fala nitidamente apontando para mim:

— Mamãe, mamãe, aquela tia não parece com aquele bichinho do desenho animado?

— Lucas, aqui não. Que mania você tem de comparar as pessoas com animais!

— Mas... ela não parece com a baleia *Free Willy*?

Quero um buraco para me enfiar inteira lá dentro e só sair em 2069. Se tem uma coisa que todo mundo repara, é esse lance de estar acima do peso. Você faz tudo de bom na sua vida: graduação, pós-graduação, viaja para o exterior, casa, tem filhos, porém ninguém liga. Engorda para vê! É capaz de sair uma chamada no “Jornal Nacional” falando das suas gordurinhas.

Olho no relógio de pulso e é exatamente meio dia. Vou em sentido ao estacionamento do *shopping* e destravo o meu automóvel. Encosto minha cabeça por alguns segundos na poltrona e dou a marcha saindo dali. Durante o percurso, reflito sobre os últimos acontecimentos da minha vida.

Hoje, completaria um ano de namoro com o Edu. É por isso que não estou nada bem. Vocês não têm noção como me dói compreender que não demos certo. Sabe, parecia que estava escrito nas estrelas, nas nuvens e nos

tarôs ciganos.

Edu era uma cara com um rostinho de menino, loiro, de olhos azuis, não tinha muitos músculos, porém seu corpo era o suficiente para mim e a minha mente pecaminosa. Dotado de gentilezas, romantismos e inteligência. É claro que seria impossível não se apaixonar por ele.

Tudo daria certo no nosso relacionamento se o “Edu” não tivesse me chifrado com uma das minhas melhores amigas: Michele Bigodinho.

Chamava-a assim, pois ela nunca depilou seu buço. Mari, minha amiga louca, diz que é para ela ganhar mais dinheiro como mulher barbada no circo.

O que não entendo é um cara como o Eduardo, me troca pela aquela ... aquela ... pessoa.

Eu era:

Linda.

Culta.

Inteligente.

Ela era:

Horrorosa.

Bigoduda.

Sem outro adjetivo.

Pois é, amiga leitora, acho que ficaria mais tranquila se o cara tivesse me trocado por alguém melhor do que eu, não pior. Isso me faz questionar: o que diabos fiz de errado?

E é por isso que ando comendo demais. Minha autoestima está lá embaixo; se encontra em alguma profundidade perdida por aí. O chocolate tem sido meu fiel companheiro. Sabe como é, algumas pessoas quando ficam deprimidas usam drogas, bebem, vão para balada, já eu ... como chocolates.

O bonitinho olha para mim e eu para ele e pronto! Começamos a nos relacionar gastronomicamente e talvez amorosamente também. Quem não anda muito feliz com isso, é meu nível de glicose e muito menos minha balança, que por sinal, nem olho mais, tenho até medo de saber quantos quilos engordei.

Ligo o som do carro no último volume, que por sinal, emite uma música mais antiga que minha vó. Percebo que esse CD não é meu, e sim, da minha mãe. Que é louca por este tipo de canção. Dona Drica tem mania de

mexer em todas as minhas coisas. Sempre que dou brecha, ela vai lá e aproveita. Aposto que essa cisma toda é para averiguar se estou usando drogas. Nunca usei, contudo, de vez em quando ela deixa escapar alguns discursos:

“Essa juventude de hoje.”

“Garotas que moram sozinhas são mais propícias às drogas, você sabe... a solidão e tal.”

“Boa Viagem está infestada de gente drogada. Viu a cara daquela sua vizinha? Aqueles olhos vermelhos não são normais.”

Às vezes ela vasculha minhas coisas à procura de camisinhas. Soa meio louco, porém minha mãe rastreia se me cuido e toda vez que ela encontra, diz:

“Graças a Deus não vou ter um neto. Imagina eu, avó?”

Saindo do meu devaneio, o CD de mamãe emite uma melodia muito mais antiga do que imagino. Não reconheço o nome dos cantores, muito menos a letra daquela música. E olhe que eu gosto de canções antigas, *Cyndi Lauper*, Leandro e Leonardo, Legião Urbana, são cantores do meu repertório pessoal, porém, Dona Drica gostava de músicas da era pré-histórica! Cantores com nomes que você nunca ouviu falar; até o tom de voz deles soava estranho, parece que a entonação muda com o passar das décadas.

Quando as lindinhas começam a tocar o seu refrão meloso, pronto! Não aguento e freio o carro bruscamente; parando em um canto qualquer.

Olha só a letra:

“Não se vá, não me abandone, por favor, pois sem você, vou ficar louco.”

Choro copiosamente. Ainda dói e muito! Chego até a ficar em posição fetal no banco do carro. O dilúvio se materializa em forma de gotas a escorrer pelo meu rosto. Solução e fungo bastante. Demora um bom tempo até ficar mais calma, enxugo minhas lágrimas e volto a mim. Percebo que o carro está parado no meio da avenida, ao escutar estridentes buzinas e reclamações dos carros de trás que acredito que pensam:

A) Que eu havia morrido

Ou

B) Estava sendo assaltada

Quando recupero a razão, arrumo os cabelos e limpo meu rosto. Dou marcha no veículo e parto, sem deixar de escutar o desapontamento dos

motoristas de trás por nem a opção A ter acontecido nem a B. O que os deixam mais furiosos.

— Barbeira!

— Quer aparecer coloca uma melancia na cabeça!

E, quando um automóvel vermelho encosta junto ao meu, um pirralho de boné repara nos meus olhos inchados e algumas lágrimas que ainda caem, e grita:

— Conta para tua mãe, Kiko!

E solta uma gargalhada. Não estou tendo sorte com crianças!

Abro a porta do apartamento e me dá um aperto no coração ao recordar dos nossos momentos. Cada lugar da minha casa é uma lembrança dos bons minutos que passamos aqui. As boas risadas no meu sofá, os jantares de última hora na minha cozinha, nossas noites quentes no meu quarto, nossas conversas ao pé de ouvido na varanda.

Meu celular começa a tocar e deixo minhas lembranças para trás e atendo.

Olho na tela ...

— Mamãe! — não sei como me surpreendo com sua ligação. Típico dela falar verdades de forma bem escrota para mim e o melhor de tudo: mostrar que ela está certa e eu errada.

— Já está solteira? EU BEM QUE TE AVISEI! Disse que você estava dando de graça! — quase perco meus tímpanos.

— Mãe, primeiro, a senhora pode falar baixo? Já não basta toda humilhação que passei, ainda tem que falar deste jeito comigo? — escuto outros xingamentos do outro lado da linha. Como se não bastasse, minha mãe ousa aumentar o timbre de voz, que acredito que da China tinha chinês sabendo da minha vida.

— Só porque sou velha! — resmunga.

Outras das habilidades de dona Drica é: a arte de dizer que ninguém a respeita mais por conta da sua idade. E ela só tem 44 anos. Imagina quando chegar aos 60?

— A senhora pode falar como as mães normais falam? “Um” filha, você está bem?” Já era suficiente para mim. — ... e aliás, como soube? — fico curiosa, pois ainda não tinha contado nada a ela.

— Vi que você colocou solteira no seu status do *facebook*.

Aplausos para as redes sociais!

— Sabia que isso aconteceria. Começando pela mãe dele...

Nem me lembre!

A velha vivia infernizando minha vida com SMS muito ofensivos para uma senhorinha de 70 anos.

“Espero que você não tenha DSTs, prostituta.”

Isso foi o de menos. Uma vez fiz aniversário com a família do Edu e a minha linda sogra me deu de presente um pano que se coloca em botijão de gás. Humilhação pior impossível!

Saindo dos pensamentos, volto ao presente e mamãe ainda está na linha telefônica com todas as reclamações possíveis que alguém pode imaginar. Vou à minha escrivaninha marrom e de lá retiro um papel branco de umas das gavetas. Começo a amassar e fazer chiados para que ela pense que a ligação está caindo e me deixe em paz de uma vez.

— mamãe... não... estou... te... ouvido! — desligo. Não estou mais a fim de escutar do meu passado e do quanto fui burra o suficiente em me envolver nessa relação.

Deito no sofá e minha cachorra, Miúcha, aparece, ficando próxima a mim.

— Homens, Miuchinha... — ela lambe meu rosto.

A Mi é uma cadela vira-lata. Tem pelos brancos e uma mancha preta no seu olho esquerdo. A peguei assim que vi um homem grotesco a maltratar no sinal de trânsito. Detesto gente que faz maldades com animais! Quando ela chegou aqui, era um animal acuado, fedorento e que nem de longe lembra o que ela é hoje.

Miúcha para de me lambe e sai de perto do meu sofá em direção à porta, latindo. Segundos depois, é a Mari, minha melhor amiga, que entra no apartamento. Dei a ela uma cópia da chave da minha casa. Temos essas intimidades. Conhecemo-nos desde de criança e praticamente sinto como se ela fosse um membro da minha família.

Ela está com seus cabelos negros, soltos e com seus olhos castanhos faiscando. Carrega uma garrafa de champanhe e duas taças na mão.

— *Bitch!* Quer dizer que está solteira?

A Mari tem essa mania de chamar as suas amigas de *bitch*. Apesar de

saber o que significa, não tive como conter esse apelido que pegou no ensino médio, quando ela dava em cima do professor novato de inglês e perguntava ao pobre coitado como era palavrões em outro idioma para esculhambar as pessoas. O problema era que, na época, minha amiga era louca por essas *socialites* americanas e segundo ela, era chique chamar as amigas de *bitches* nos Estados Unidos. E que éramos privilegiadas de sermos chamadas assim. É claro que quando soubemos o que significava, as coisas não ficaram muito bem para ela. Mas pensa que ela deixou de chamar?

— Vamos comemorar! — estoura a rolha do champanhe. A espuma acaba caindo no meu tapete vermelho; Miúcha rapidamente sai de perto da porta e começa a lambar.

Mari joga os cabelos para o lado e rebola no maior estilo dançarina-de-programa-de-Tv. Tira seu *iPhone* do seu *short jeans* e coloca ao último volume:

“Agora eu tô solteira e ninguém vai me segurar. DAQUELE JEITO!”

Um pirralho passa pelo corredor e grita:

— Fiu! Ei! Tem uma daquelas *panicats* dançando aqui! — levanto do sofá e fecho a umbral.

— Mari!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! — repreendo.

— Eu tô é feliz, agora vou ter companhia para ir para os shows, festas, baladas. U-hu! — me dá um abraço apertado, derramando mais champanhe.

Acho que Mari é a única amiga do universo que fica alegre quando eu estou solteira. Diz ela, que quando estou namorando, fico uma chata. Esqueço do mundo ao meu redor e viro uma freira recatada e virginal. Aí, quando fico solteira, ela comemora por ter companhia para suas farras e paqueras.

É como dizem: “vamos beber que amar tá foda.”

Coloco o líquido para dentro na tentativa de que ele possa fazer me esquecer de todos os problemas. Vejo Miúcha estirada no canto do sofá, com a língua para fora. Pelo que observo, o efeito do álcool se faz até na raça canina. Só sei que fui dormir ao alto volume de “Valesca Popozuda”

Capítulo 2

Sou dedo ruim para homem

Meu nome é Cleonice Fernandes. Mas, por favor, me chame de Cléo. Possuo uma pele alva, bochechas rosadas e olhos azuis de um oceano infinito. Tenho cabelos na tonalidade de um ruivo abafado, puxei à minha vó Divina. Quando nasci, meus pais se separaram pelas fofocas da vizinhança que achava que eu era “a filha do urso”. Mesmo anos depois sendo constatado por DNA (que foi feito pelo programa do Ratinho. Não entrarei em detalhes no tamanho da baixaria que foi) que tudo passava de uma balela; eles nunca mais se reconciliaram e não tocaram uma palavra sequer um com o outro. Mamãe por ter tido seu orgulho ferido. Papai por vergonha. Hoje ele vive no México com minha madrasta gritando pelos cantos: *arriba muchacho!*

Sou aquela garota que sonha com o cara certo. Não príncipes encantados; por favor, deixe isso para as princesas de contos de fadas. Mas um cara bacana, que curta “Legião urbana” e “Leandro e Leonardo”. Um homem que goste de ler, um rapaz que diga palavras gentis, eu sei, eu sei, eles estão em extinção, mas não custa sonhar, né?

Amo vestidos florais e curtos. Tenho uma estatura de 1,65. Adoro romances e *chick-lits*; possuo uma grande admiração pela escritora irlandesa *Marian Keyes*. Carrego na minha bolsa sempre um novo romance dela. Também gosto de livros de suspense; apesar de quase sempre não acertar o assassino. Aprecio livros de terror, mas quando fico com medo coloco o bichinho lá na geladeira como *Joey*, o personagem do seriado *Friends*, fez com “O iluminado” de “*Stephen King*”.

Outra coisa que não posso esquecer, é como eu sou a pessoa mais azarada do mundo! Do tipo de carregar consigo tudo de mais vergonhoso e desastroso. Exemplos:

1. Sabe aquela garota que ficou a primeira vez menstruada e estava de calça branca e os pirralhos do ginásio saíram gritando:

— Ei! Acho que você levou um tiro no bumbum!

EU!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

2. Sabe aquela garota que viu um cara gato lhe dar mole no meu da rua e tentou dar uma rebolada fenomenal e caiu no chão?

EU!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

3. E aquela garota que achou que o gatinho da quinta série estava

dando mole e foi sorrir, porém só mais tarde percebeu tinha casquinha de feijão-preto no dente?

EU!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Cléo azarada, muito prazer.

Mas vamos lá, tenho um histórico tenebroso de homens com que tentei me relacionar. Os ficantes só duravam duas semanas no máximo, para em seguida descobrir que ou eram casados ou uns tremendos galinhas. Por isso só entrarei em detalhes em dois, que considero relacionamentos sérios.

Primeiro namorado:

Bernardo de Almeida.

Como tudo começou?

Era ensino médio, tinha quinze anos. Minhas amigas já desfilavam com namorados. E, eu? Nada. Os garotos que se interessavam por mim eram tão estranhos. Uma vez, Thiago Mafaiote queria ter um relacionamento comigo e a “cachorra” dele. Uma coisa bem esquisita por sinal.

Mari vivia atacando todos professores gatos e novatos da escola. Minha amiga foi sempre inconsequente e por mais que hoje, com 22 anos, ela não mudou nada.

Estava na fila do almoço alheia a preocupações, quando um garoto derrubou suco no meu uniforme da escola.

— Ei, tá cego? — gritei irritada. — E agora o que farei? — percebi que a tentativa dele de me limpar, piorou mais ainda a situação.

— Olha, tenho outra camisa da escola na minha bolsa. Vem comigo? — me puxou para sua sala, tirando de sua mochila, o uniforme.

Dentro da sua bolsa, observei uma coisa incomum para um garoto. Ele tinha dois exemplares de *Harry Potter* perdidos com os outros livros da escola. Li em uma pesquisa na internet que meninos dificilmente leem livros. De acordo com o estudo, entre os dois gêneros, quem mais lê são as mulheres.

— Ei! Você gosta de ler? — meus olhos estavam brilhando.

— Se eu gosto de ler? Cara, eu adoro. E, *Harry Potter*? É o melhor livro do mundo!

Minha alma gêmea.

Era a primeira vez que tinha encontrado um menino com o mesmo *hobby* que eu. Fiquei admirada. Toda a minha raiva havia sumido. Olhei para os seus olhos castanhos, seu topete preto discreto, um queixo fino, bíceps bem

avantajados e passei a enxergá-lo com outros olhos.

— Olha — pegou meu braço carinhoso. — o novo filme está no cinema, você gostaria de ir comigo? — sorri e balancei a cabeça confirmando.

Depois disso, ficamos inseparáveis, dividindo nossas leituras prediletas. Na época *J.K. Rowling* era nossa referência. Nosso namoro começou tímido, quase como uma amizade. Até um dia irmos assistir *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Papo vai, papo vem, no escurinho do cinema acabamos nos beijando. Na saída do local, ficamos nos fitando, como dois bobos, com olhares intensos e falando coisas sem sentido quando se estar perto de alguém que se ama. Meus olhos faiscavam. Cheguei até a bater com a cabeça no poste, por conta da minha distração.

Ele ficou perguntando o tempo todo se eu estava bem. Disse que quando chegasse na minha casa colocaria gelo na minha testa. Quando retornei, tomei o máximo de cuidado para não acordar a mamãe. Fui direto para cozinha. Peguei um saco de gelo e Bernardo tomou-o da minha mão. Para que ele colocasse na minha testa. Começamos a sorrir ao relembrar a cena.

Garotas de quinze anos dificilmente têm senso de direção.

Quando menos esperávamos, mamãe apareceu de camisola, bobes e olhando no relógio da cozinha.

— Você sabe que horas são, SEU BERNARDO? — Dona Drica já o conhecia. Das inúmeras conversas pelo telefone e por algumas vezes eu e Bernardo inventarmos a desculpa de que tínhamos de fazer algum “trabalho” da escola lá em casa.

— Perdoe. Estou sendo meio abusado. — colocou as mãos no bolso de sua calça, constrangido.

— ESTÁ MESMO! — ela tinha um péssimo humor quando era acordada antes da hora.

— Tá bom — murmurou sorrindo. — É melhor eu ir mesmo, a senhora com esses bobes estão pior que *Voldemort*! — fez gracinha.

— ORA... SEU!

Sorrimos.

Desse dia em diante, vi que o que sentíamos era especial, mesmo minha família sendo um bando de loucos, Bernardo continuava achando graça em tudo. Não se importava com o fato da minha mãe ter zilhões de plantas da selva amazônica dentro de casa. O que causava muitos mosquitos e uma possível doença da dengue. Ou como meus tios viviam uma vida para lá de

suspeita se metendo com agiotas. Muito menos com o fato de minhas primas sempre se acharem as rainhas da cocada preta.

Supôs que isso era realmente amor.

No dia da nossa formatura, Bernardo ficou um pouco distante. Meio sério. Não soltou nenhuma de suas piadas. Parecia incomodado com alguma coisa. Fiquei triste. Até papai veio lá do México e parecia fazer questão de estar comigo e ele não. Mamãe ficou uma fera com a presença do meu genitor e da sua esposa. Entre caretas, ela só faltava matar os dois com a faca da mesa. Porém, para não ficar para baixo, ela chamou um espanhol de uma balada que conheceu, onde apenas disseram “oi” e nada mais.

A cerimônia tinha começado, a diretora da escola nos saudava com lindas mensagens de agradecimentos, pelas excelentes notas no vestibular. Eu tinha passado em Administração. Mari, Enfermagem.

— Queridos pais e mestres, uma pequena homenagem aos nossos excelentes alunos. — parecia muito orgulhosa.

Uma enxurrada de palmas dos convidados.

Fotos nossas no telão apareceram. O antes e depois de muitos discentes. Surgiu uma minha de índia e depois uma adulta. Bernardo estava do outro lado de cabeça baixa. Rebeca, uma garota nojentinha da sala, começou a sorrir, não entendi o porquê. As imagens do meu namorado começaram a serem exibidas, ele criança, vestido de soldado. Achei uma gracinha. Até sorri para ele, que não retribuiu.

Logo em seguida, levei um susto! Fotografias de Bernardo em um banheiro beijando um garoto emergiram no telão. Meu queixo caiu. Olhei incrédula para o meu namorado. E aí, começou uma sucessão trágica: a mãe do Bernardo começou a discutir com a mãe do outro garoto, supostamente amante do Bernardo.

Outras mães começaram a gritar para que tirassem os retratos.

O rapaz do audiovisual apressadamente começou a tirar as imagens.

Enquanto isso, mamãe começou a brigar com minha madrastra.

A mãe do Bernardo saiu puxando a sua orelha.

A diretora tentava acalmar os ânimos, mas acabou levando um tapa.

Os pais começaram a se enfurecer.

Mamãe foi afastada pelo seu companheiro e por papai.

Neste instante de selvageria, ela percebeu que eu continuava

paralisada na cadeira.

Saiu correndo em minha direção, quando bateu em um garçom com uma bandeja de bebidas.

Caindo os líquidos das taças nos cabos de energia que gerou um incêndio.

Meu vestido azul, longo, estava queimado. Muitos alunos choravam e vi gente saindo com faíscas de fogo no cabelo.

Os bombeiros chegaram para apagar o fogo, junto com eles, veio uma equipe de reportagem da Rede Globo que começou a filmar o local. E ainda tinha gente que improvisou um cartaz escrito: filma eu!

Comecei a soluçar dentro do carro. Foram anos difíceis, idas e vindas a psicólogos. Ainda tive que aguentar uma comunidade no falecido Orkut:

“Cleonice Fernandes, a gata é tão ruim que perde até para homem. Kkkkk”

Capítulo 3

Segundo namorado:

Eduardo do Vale.

Onde conheci?

Estava procurando emprego e para uma recém-formada, as coisas não iam lá muito bem. Enviei currículos para várias empresas e por mais que eu tenha estagiado todos os períodos da faculdade, parecia que as experiências foram nulas.

Fui chamada a administrar uma empresa de materiais e logística. Não era bem o que eu queria, contudo, como eu necessitava de dinheiro, resolvi atuar na área. Um bom salário e uma boa dose de aprendizado era o que eu estava precisando.

Passei por testes dinâmicos, redações, avaliações psicológicas e aí fui aprovada. Vibrei com a conquista. Dava graças a Deus por ter um teto para morar, já que quando passei no vestibular, papai me deu de presente um apartamento próximo de Boa Viagem e por um bom tempo pagou minhas despesas, porém como já havia me formado, decidi não dar mais esse trabalho e seguir minha vida de forma mais independente.

Em um dos meus primeiros dias na organização, já haviam me colocado em mil e umas funções, talvez pelo fato de ser novata e ter medo de perder o emprego acharam que poderiam me esnobar. Já estava ficando uma louca de camisa de força diante de tantas tarefas.

Cálculos.

Coordenar o pessoal do trabalho.

Ligações com clientes.

Chefe mal-humorado.

Um homem alto, de terno e gravata, com os olhos azuis, uma voz grossa, se aproximou de minha sala. Fez um sinal com as mãos pedindo permissão para entrar, assenti. Ele abriu a porta e se aproximou da mesa com um sorriso encantador.

— Posso ajudar?

— Tenho várias licitações, cálculos para serem feitos na logística da empresa, clientes reclamando...— respirei fundo e continuei. — Se você for um anjo...você pode ajudar sim.

Ele sorriu.

— E se eu for? — ergueu a sobrancelha e fez um gesto sugestivo.

— Seria um prazer.

O meu anjo da guarda me ajudou com a papelada que tinha para resolver. Me auxiliou na logística, cálculos e licitações. Pedimos vários cafés e finalizamos o trabalho. Saímos tarde da noite naquele dia.

Peguei a chave do meu carro e me dirigi para o estacionamento e ele me acompanhou todo percurso.

— Todo o anjo tem um nome, qual o seu? — o questionei, assim que vi que ele estava destravando seu veículo e pronto para entrar.

Ele sorriu enigmático e antes de sair, me respondeu:

— Deixarei que você adivinhe.

Toquei em um das mechas do meu cabelo e fiquei toda boba o admirando saindo dali.

Durante o trâmite de volta para casa, fiquei pensando que aquele trabalho não seria tão ruim como imaginava. Trabalhar na parte logística tinha lá suas vantagens. Principalmente se todo dia encontrasse uma figura celestial no meu caminho. Com certeza aquela empresa passaria de inferno para um maravilhoso paraíso em questão de segundos.

Estacionei meu carro na garagem do condomínio e desci. Cumprimentei o porteiro no *hall* de forma rápida e acabei esbarrando em alguém na entrada, pedi desculpas pela distração e subi pelas escadas rumo ao apartamento. Eu realmente estava com a cabeça nas nuvens. Aqueles olhos... aquela boca... aqueles braços fortes! Não tinha como parar de pensar. Se a cada minuto lembranças de seu rosto invadiam minha mente e meu corpo ansiava pelo seu toque.

Abri a limiar e coloquei a bolsa que carregava no sofá. Me dirigi à raque, pegando uma garrafa de vinho francês e uma taça que se encontravam ali. Coloquei o líquido até quase esborrar no recipiente, degustando aos poucos, sentei relaxada no sofá. Com minha mão esquerda tateei a poltrona até encontrar o controle do *home teacher* e liguei na estação da Rádio Recife, que acabou parando em um quadro romântico chamado: “momentos de amor”, onde se tocava músicas apaixonadas e o locutor lia cartas de pessoas interessadas em companheiros amorosos.

Miúcha chegou de mansinho lambendo meus pés. Era incrível como minha própria cachorra era chegada a ser pinguça.

— Nada de bebida, mocinha. Não, Mi! — ela me fitou com os olhos mais arregalados e piedosos.

Não resisti e derramei um pouco do vinho em sua tigela. Por favor, veterinários de plantão, NÃO ME CONDENEM!

O Cupido me atacou. Não resistia a homens inteligentes. Tentava prender meu coração, porém, por mais que eu colocasse em uma gaiola a sete chaves, ele vivia fugindo.

Capítulo 4

Nome revelado

Acordei com uma baita dor de cabeça, resultado das generosas quantidades de vinho da noite anterior. Levantei do meu sofá, onde acabei dormindo e fui direto tomar um banho. Em seguida, me arrumei com capricho e realcei meus traços com maquiagem, afinal, nunca se sabe quando podia se encontrar com um anjo dando mole nos corredores da organização.

Tomei café da manhã com frutas e iogurte. E fui ansiosa para empresa aguardando pela tão desejada presença do gato dos olhos azuis.

Assim que pus os pés no trabalho, percebi que não havia quase ninguém, constatei que cheguei um pouco mais cedo que o normal. Dei bom dia para os faxineiros que ainda limpavam o piso branco da organização; deixando o ambiente com um cheiro agradável. Aproveitei para ir à copa, tentar me enturmar com o pessoal, visto que ainda não tinha feito amizade com ninguém, e que todos eles tinham o costume de se reunir naquele lugar antes do expediente começar.

Quando cheguei, a porta estava fechada. Bati umas duas vezes até dar de cara com um único rosto. Ao me deparar com ele, esqueci até o meu nome ao ver a cena que se desenrolava à minha frente. Aquele deus grego estava sem camisa e com uma cara amassada, deduzi que estivesse dormindo no sofá onde muitos empregados sentavam. Seus cabelos estavam desgrehados e seus olhos estavam pequenos e apertados. Meu corpo quase entrou em combustão ao se deparar com aquilo. Como conseguia ser mais sexy daquele jeito do que todo engomadinho como eu costumava ver?

Envergonhado, me pediu desculpas e colocou sua camisa branca e ajeitou os cabelos, argumentando que havia dormido no trabalho por causa de algumas complicações nos cálculos e não conseguiria ir para casa até que resolvesse. Eu só me concentrava em seus lábios se movimentando e imaginando junto aos meus. Percebendo minha distração, ele parou de falar e perguntou se eu estava bem. Balancei a cabeça afirmativa e o anjo sorriu. Um sorriso digno de um ser celestial como aquele.

Conversamos um pouco sobre trivialidades, *hobbies*, gostos musicais e sobre o que eu estava achando da organização. Saímos da copa e caminhamos pelos corredores da empresa até chegar na porta da minha sala; ele beijou gentilmente minha mão e se despediu, mas antes olhou para trás e revelou o que tanto eu queria saber:

A propósito, se interessar... meu nome é Eduardo.

Confesso que esperava que fosse algo mais divino. Miguel. Gabriel. Nomes que se enquadram mais a uma figura celestial. Contudo, não era a falta de uma denominação de um anjo que o descaracterizava como um. Sei bem que o que vi hoje cedo se tratava de mais uma das maravilhas de Deus. E como! Só de lembrar já estava hiperventilando.

Sentei na cadeira da minha sala e comecei a imaginar todas as coisas não santas que poderia fazer com aquele corpinho. Meus devaneios foram tantos que nem percebi que Ângela, minha secretária, batia à porta repetidas vezes, pedindo autorização para entrar, assim que a notei, me recompus e imaginei se ela havia visto minha cara de tarada nível mor, babando na poltrona. Torci para que não.

— Senhorita Fernandes! — assim que abri a umbral, ela pareceu aliviada e vi discretamente fazer movimentos com as mãos, abrindo e fechando-as, como se estivessem com câimbras. Devia ter batido demais no vidro e eu sem ouvir. Concluí que ela havia visto sim minha face de quero-fazer-sexo. Mas pelo pouco que a conhecia, sabia que ela não seria inconveniente a ponto de perguntar nada. Dava graças a Deus por isso!

— Desculpe, Ângela. Estava distraída. — sorri sem graça e como boa profissional que era, minha assistente manteve sua postura formal, somente me dirigindo minhas obrigações rotineiras. Repassando meus compromissos e ligações que deveria fazer. Assim que terminou de falar, notei um pequeno papel dobrado no meio de sua agenda.

— Senhorita, este bilhete chegou agora há pouco. — Assim que pus os olhos nele, ela entregou nas minhas mãos.

— Obrigada, Ângela. Mais alguma coisa? — quis que ela saísse logo para verificar se era o que pensava.

— Por enquanto, não. Qualquer coisa mantereí a par dos compromissos que surgirem ao longo do dia. Tenha um bom dia! — agradei e ela fechou a porta com delicadeza e saiu.

Eu deveria dar prioridade a meus afazeres que tanto minha secretária enfatizou, porém, aquele bilhete me chamava e junto com ele um doce perfume que acredito ter sido despejado propositalmente. O abri e me deparei com uma caligrafia fina e precisa.

“Eu vou contando as horas e fico ouvindo passos.”

Assinado: Edu.

Na nossa rápida conversa na Copa, falei da minha paixão por “Lágrimas de Chuva” de “Kid Abelha”. Se eu já estava caidinha por aquele

cara, com essa atitude ele me conquistou de vez.

— Que carinha é essa? — reparei que uma moça tinha acabado de entrar na minha sala. A protestos de Ângela, que não permitia o acesso de pessoas em meu escritório, sem antes me avisar, mas conhecendo bem a mulher que estava à frente, ela não era do tipo que aguardava, fazia tudo na sua vontade.

— Desculpe, senhorita. Ela entrou sem ao menos esperar que telefonasse. — minha funcionária deu uma pausa para respirar, diante da corridinha que deu para alcançar a pessoa à frente.

— Não há por que se lamentar, Ângela. Eu a conheço. E muito bem! — minha face encheu-se de alegria ao estar na presença de uma pessoa que fez parte de momentos tão especiais na minha vida.

— Isso que eu estava tentando dizer. — ela fez cara de poucos amigos para minha funcionária, que murmurava suas justificativas por ter se equivocado.

— Você só estava fazendo seu trabalho, Ângela. E muito bem por sinal! Nunca se sabe que tipos de pessoas podem passar por aquela porta. Assaltantes se fingindo de bons amigos, assassinos e por aí vai. Precaução nunca é demais! Saiba que a partir de hoje essa mocinha será sempre bem-vinda. Podendo entrar a hora que bem quiser, tudo bem?

Minha secretária assentiu, em seguida ofereceu-se para ir à copa trazer água, café, na tentativa de amenizar o mal-entendido. Recusamos e dispensei Ângela. Era conversa demais que colocaríamos em dia e não daria tempo para sequer pensarmos em fazer outra coisa.

Com gritinhos histéricos, abracei tanto Michelle que ela quase ficou roxa. Um *flashback* invadiu minha mente. Recordando dos nossos tempos de colégio e meninices. Paqueras e recuperações em matérias que ficamos juntas. Lembro da Mari e suas implicações com nossa amizade dizendo: “*mulher de bigode, nem o diabo pode*”.

Na época, Mariane e eu não estávamos na mesma sala, o que facilitou que eu e Michelle ficássemos mais próximas, devido a nossos gostos semelhantes e pensamentos iguais. Achava um exagero os sermões da minha amiga, mas hoje, vejo que seus conselhos vieram bem a calhar.

— Como você veio parar aqui? — estou curiosa pela coincidência em nos encontrarmos.

— Menina, seguimos caminhos diferentes, mas no final nos encontramos. Me formei em contabilidade. E sou a nova contratada dessa

magnífica empresa! — esbanjou sorrisos.

— Que alegria! Meus parabéns! — a saudei feliz em saber que teria uma colega de trabalho conhecida por perto.

Michelle contou sua história de como tentou uma universidade pública, o quanto foi difícil. Como conseguiu passar na entrevista para empresa, como teve que fazer testes e mais testes como eu. Prestei atenção em cada detalhe no resumo de sua vida. Contei um pouco da minha. Relatando tudo de bom que fiz nos últimos anos, sobre minha carreira e minha vontade de um dia administrar meu próprio negócio. Minha amiga ouvia tudo esboçando reações animadas ao escutar minhas vitórias. Até que ela chegou a um ponto que eu não gostava de comentar.

— E seu coração, como anda?

Suspirei fundo. Ainda não havia contado a ninguém sobre o que sentia nos últimos tempos. Falar dos meus sentimentos sempre era complicado. Devido à carga emocional de azar no amor, eu sempre temia que algo desse errado só no simples admitir o que sentia. Porém, eu não estava na frente de uma estranha e por mais antiético o que fosse revelar, sabia que poderia contar com ela. Era da minha amiga que estávamos falando. Ela sempre foi confiável e boa conselheira, então, não tinha para quê cerimônias.

Me aproximei mais da Michelle, olhei para os lados só para verificar que ninguém nos observava do lado de fora, por mais que eu soubesse que não daria para escutar a conversa, havia sempre aqueles que gostavam de fofocas e de leituras labiais e o que contaria era algo grave e ao mesmo tempo mais natural possível, se tratando de uma pessoa como o Eduardo.

— Estou apaixonada! — ruborizei.

— UUU. Por quem? — Michelle se aproximou mais do meu lado.

— Aí é que tá! Ele é um cara do trabalho! — abaixei a cabeça envergonhada.

— Ih, menina, que roubada! — minha amiga lamentou-se.

Naquele momento, Edu abriu a porta da sala:

— Cléo ... você... Recebeu o... — calou-se assim que viu a Michelle.

Nos poucos instantes que o Edu permaneceu ali parado, vi minha amiga olhar de forma sedutora para ele, porém achava aquilo normal, pois além de ser um bonitão, tinha aquela voz sensual de locutor de rádio, que só um oi fazia a gente se derreter toda.

— Recebi.

Fechei minha sala. E um temporal começou a aparecer. A forte chuva fez com que acabasse a energia do prédio inteiro do trabalho. Alguns funcionários perderam seus arquivos. Ficamos trancados porque a empresa nem sequer tinha gerador e vimos que as ruas também estavam escuras. Um medo total se espalhou. Alguns aproveitaram a claridade do celular e tentavam fazer alguma coisa. Meu chefe já estava enlouquecido com a companhia de energia, falando trilhões de palavrões, tamanha sua revolta. Edu me viu e fez um aceno para o andar de cima, o vi sumir. Peguei meu celular e liguei minha lanterna e fui para as escadas.

Minha mente trabalhava em possibilidades loucas naquele escuro. Será que eu tinha visto mesmo o Edu? Poderia ser um *serial killer* me induzindo a um caminho sem volta. Ele poderia estar me observando há dias e aproveitou a falta de energia e tratou de executar seu plano. Ou poderia ser um vampiro sedento por sangue fazendo sua linha *sexy* e convidativa para eu cair em suas garras e perder cada gota de líquido que circula no meu precioso corpinho. Não me julguem! Assisti demais *Buffy*, a caça Vampiros, e aprendi que quando as luzes se apagam tudo pode ser possível se tratando dessas criaturas da noite. Ai, Jesus, Maria e José! O que eu estava fazendo? Indo de encontro às escuras à procura de uma noite de luxúria e rasgação de roupas que poderia terminar em uma morte cruel e sangrenta!

Com todo o medo que existia em mim, dei meia volta e fui descendo e nesse momento escutei a porta ranger. Ai, pai! Esqueci que podia ser um fantasma. Nem sei o que um poderia querer comigo, mas vai saber! Tremendo mais que vara verde não ousei nem respirar.

— Cléo?

A voz continuava a me chamar e eu permaneci imóvel encostada na parede no meio das escadas. Fiz uma oração a todos os santos. Que se ele fosse um *serial killer* que caísse espatifado no chão, por alguma mão invisível e santa que o empurrasse. Rezei para que se fosse um vampiro que automaticamente eu ficasse anêmica sem uma gota de sangue no corpo para que ele procurasse outra vítima e me deixasse em paz. E se fosse um fantasma que ele encontrasse à LUZ! Mas com a proximidade da pessoa em questão, percebi que estava totalmente errada.

— Se você quiser ficar comigo aqui nesta escada não vejo problema nenhum. — abri os olhos e posicionei minha lanterna de celular, até então esquecida, na direção do rosto que falava comigo. Edu me olhava sorrindo, provavelmente me achando a criatura mais imbecil deste planeta.

— Sabe, não culpo você ter medo. Eu sou daquele tipo que morde

mesmo. Onde você preferir...

Ai, pai! Isso foi uma insinuação, não foi? Esses olhos faiscando e essa mordida nos lábios não poderia ser só fruto da minha cabeça cheia de imaginação. Nem sei se tenho calcinha depois de uma declaração dessa.

— Acha que está diante de um fantasma? Me toca para você ver se eu sou de verdade. — sua mão quente e macia me posicionou no seu tórax em seguida no seu abdômen e por último... em suas partes de baixo. Jesus! Eu não sou de ferro! Pulei em cima dele entrelaçando minhas pernas no seu quadril e meus braços na sua nuca. Ele sorriu satisfeito e nos direcionamos à sala do arquivo da empresa e o que fizemos ali na mesa nenhuma prece que eu pedisse conseguiria realizar com tamanha perfeição como aconteceu.

Quando à luz voltou, estávamos ainda nos arrumando, sorrindo e se me permite dizer minha opinião: prontos para outra! Mas antes que pudéssemos executar o que pensávamos, a porta da sala se abriu e fomos surpreendidos por Michelle.

— Ei! — sua boca estava entreaberta pelo choque, acredito eu.

— Michelle ... nós ... — olhamos nervosos para ela. — Por favor, não conte a ninguém.

— Não vou contar... A não ser que os dois me paguem um jantar. — sorriu e respiramos aliviados.

Ainda dava tempo de comer um lanche rápido. Decidimos então, passarmos em um *fast food*. Percebi que Michelle observava o Edu com muita admiração e ousou dizer até que com segundas, terceiras e quartas intenções. A lanterninha da desconfiança acendeu e tratei de mostrar a ela que eu e Edu nos gostávamos. Conversei sobre o bilhete, os olhares furtivos e aquele clima de paixão que nos assolava sempre que nos encontrávamos. Acho que meu plano funcionou. Michele direcionou o seu olhar para seu lanche e esqueceu o Edu naquele momento. Comemos e conversamos um pouco, depois seguimos cada um para sua casa.

Passaram dias, meses e Edu sempre me pedia para ter cautela ao assumir o nosso namoro. Podíamos ser demitidos. Tentava esperar, porém a cada dia que passava, tinha mais certeza que ele estava querendo pular fora. Quando já estava pensando em desistir, o Edu apareceu de repente lá na minha sala todo contente.

— Cléo! — entrou feliz. — Minha mãe quer te conhecer!

Estava satisfeita. Finalmente tinha chegado o grande dia!

Mal sabia eu onde estava me metendo.

No dia do tal encontro com a família dele, passei horas com a Mari no centro da cidade, à procura de uma roupa adequada. Vencidas pelo cansaço, compramos um vestido preto de cetim, com mangas até o antebraço, com comprimento acima do joelho. Passamos a tarde toda nos maquiando e fofocando.

— Vá logo! Agarra esse bofe! — Mari piscou o olho.

Peguei o táxi e me dirigi ao endereço. Pelo retrovisor do carro, percebi que preto combinava muito bem com minha pele clara e meus cabelos ruivos.

Antes de apertar a cigarra da casa, respirei fundo.

Quem me atendeu foi o próprio Edu. Que com um sorriso aberto me deu as boas-vindas e me deu um beijo suave.

A casa era no bairro nobre da cidade do Recife, Casa Forte. Não chegava a ser uma mansão, mas era bem localizada e espaçosa. Tinha um pequeno jardim na frente, era de um tom verde pastel; possuía dois andares.

— Olá, seja bem-vinda! — uma senhora de aparência mais velha, me recebeu com dois beijinhos, assim que entrei. Um senhor simpático, também idoso, me deu um aperto de mão e um abraço, porém não parava de olhar para meu decote V.

Fiquei na sala de estar, conversando sobre livros, música e cultura. Eduardo muito gentil me presenteou com um exemplar de um romance. Nos beijamos. Olhei no espelho da sala e reparei que meu batom rosa pêssego tinha saído. Eu detesto ficar sem batom! Posso ficar com a cara mais limpa do mundo, mas a cor dos meus lábios ninguém tira! Pedi licença e fui ao banheiro. Retirei meu batom da minha pequena bolsa de mão e retoquei no espelho do toalete. Ajeitei meus cabelos e saí, quando...

— Ai, que susto, senhora do Vale! — a idosa me encarava com a face macabra na umbral. — Penélope era mais bonita que você e não tinha essa cara de quenga!

Cara de quenga? Gente! Me segura para eu não dar uma boa resposta a essa mulher!

— Desculpe? — fiz cara desentendida.

— É o seguinte: meu filho voltará com Penélope, foram cinco anos de namoro. Estou me referindo a ex dele, e você ... prostituta. — me olhou de cima abaixo.

— Senhora do Vale, mais respeito, por favor! — estava quase perdendo a paciência.

— Respeito? Meu filho não sairá desta casa, nunca! — Ela deu uma risada diabólica e se aproximou de mim. — Nunca! — estava agora quase beijando meus lábios! — NUNCA!

— Já entendi, não sou surda! Agora a senhora pode ir mais para lá? Com todo respeito, seu bafo não é lá dos melhores. — ela saiu e ficou me olhando perto das escadas. Quando fui descer o primeiro degrau, ela colocou sua bengala.

Aconteceu o seguinte:

1. Eu gritei.
2. Saí embolando as escadas com uma bola de futebol.
3. Levei hematomas de todos os lados.

Final?

Fui levada pela ambulância do Samu para o hospital mais próximo.

Enquanto estava internada, falei para o Eduardo que tinha sido a mãe dele. Ele me acusou de calúnia. Passamos uns meses sem se falar.

Quando melhorei e voltei para o trabalho...

— Ai. Meu. Deus!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Meus papéis caíram, minha boca ficou seca, entrei em estado de choque.

Eduardo estava na cadeira giratória brincando de “cavalinho” com Com com ...

Michele Bigodinho!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Os cabelos dela estavam assanhados, a calcinha estava no chão. Estava desorientada! Como? Quando? E por quê?

Não que me ache, tudo bem, eu tenho um ego muito grande de beleza. Mas ela era uma mulher barbada do circo!

Os dentes eram tortos, o corpo era meio sem proporção. Uma coisa meio sem saber onde começa a bunda ou o peito.

Então...

1. Avancei em Edu como uma leoa enfurecida.
2. Meu chefe chegou.
3. Fui demitida. Depois do meu azar todos com homens, resolvi ser freira. Fui expulsa de lá, depois que bebi o vinho dos sacerdotes e fiz *strip-tease* para os seminaristas.

Capítulo 5

Visita surpresa

Acordo sete horas da manhã. Vejo Mari no sofá ainda com a garrafa de bebida nas mãos. Mi está dormindo no tapete da sala, com a barriga para cima e provavelmente tendo algum sonho canino.

Levanto com uma baita dor de cabeça. Não sou acostumada a beber, então, qualquer gota de álcool já me deixa de ressaca. Escovo os dentes, tomo banho e preparo um café preto bem forte; e dois mistos quentes, para mim e para minha amiga. Enquanto me delicio com minha refeição, Mari acorda e vem direto para cozinha.

— Bom dia! — murmura animada demais para meu gosto. Minha amiga nem sabe o que é ressaca. Para o seu organismo, álcool é o mesmo que água.

— Bom dia, senhorita! — a respondo sorridente.

— Tomarei banho e depois quero conversar com você sobre nossa programação de solteiras! — seus olhos brilham de expectativa.

— Só espero que nessa programação não tenha nada incluído em ficarmos nuas na praia de Boa Viagem! — minha amiga sai aos risos.

Uma pequena bola de pelos de quatro patas entra em cena.

— Já tá com fome, Mi? — ela coloca as patinhas brancas no meu colo. Com os olhinhos pidões fita a comida que saboreio. Reparto o pão e dou um pouco a ela. Meu santo! Ela nem mastiga a comida e já está em cima de mim de novo!

— Agora já chega! — levanto e vou ao armário, retiro sua ração e despejo na sua vasilha de comida. Ela devora em poucos segundos.

— *Bicth!* — Mari acaba de sair do toalete, ainda está com os cabelos molhados e balança um papelzinho com alguma coisa escrita.

— Que é isso? — puxo o papel de suas mãos, analiso com cuidado e não contenho o riso com que está escrito ali.

Programação das solteiras: Mari e Cléo

Sexta-Feira: Farra com a Cléo

Sábado: Falar mal do Edu e fazer macumba para que o pinto dele caía.

Domingo: Festa de Boas vindas à solteirice.

— Palhaça! — resmungo e minha amiga solta uma gargalhada.

— O que é festa de boas-vindas à solteirice? — franzo a testa e imagino muitas loucuras orquestradas pela Mari.

— Ah, todo mundo faz despedida de solteira antes de se casar, por que não se pode fazer uma festa para comemorar a recém-liberdade que se adquira após um pé na bunda? Sou um gênio! Pode admitir. — fala orgulhosa.

— Doida! — ela joga os cabelos para trás e senta-se à mesa, comigo.

Eu e Mari temos um gosto em comum: amamos seriados!

Sei que isso é mais coisa de adolescente, mas não ligamos. Adoramos: *The originais*, *Greys Anatomy*, *Drop dead diva*, *The Walking Dead*, *Once upon time*, *American Horror Story* e *Grimm*.

— Qual será hoje? — balanço três DVDS de seriados diferentes.

— Diário dos vampiros! Quero ver o gostoso do Damon em ação! — minha amiga fita o DVD maliciosa.

Sorrimos. Entro na cozinha e preparo uma coisa que segue a segunda colocação de preferidos da minha vida: BRIGADEIRO!

Despejo na panela o Leite Moça junto com achocolatado e margarina. Pego uma colher de pau na gaveta e começo a mexer o doce.

— Vem logo! Vou dar o *play*, viu? — Mari está na sala toda agoniada.

— Espera aí, apressada! — reclamo enquanto finalizo o chocolate.

Minha amiga além de doida, era uma impaciente. Muitas vezes ela perdeu oportunidades na vida por causa de sua pressa. Teve uma vez que um ator global chamou ela para sair e só porque o cara estava demorando dez minutinhos de nada, ela foi embora! Vê se pode?

Outra vez estávamos no trânsito e ela saiu desembestada do carro e foi caminhando a pé para faculdade, só porque teve um acidente por conta da chuva e tivemos que esperar. Ela saiu correndo e na primeira esquina que virou, um vento soprou forte no seu vestido branco, que a fez parecer em um daqueles filmes de *Marilyn Monroe*.

— Mariane Leão! Isso demora, sabia? — protesto.

Depois de alguns minutos, o brigadeiro fica pronto. Pego duas colheres e me dirijo com a panela à sala, percebo que minha amiga está muito à vontade deitada no tapete, babando por *Damon Salvatore*.

— Cachorra! — dou língua para ela, que retribui.

— Ah, você demorou demais! — argumenta.

Sento no chão. Colocando a panela em cima de uma almofada e dando à Mari uma colher para que ela possa devorar.

— Brigadeiros são melhores que homens! — dou uma boa colherada do chocolate que se derrete na minha boca.

— Nem sempre! — ela pisca o olho para mim.

Somos interrompidas por Miúcha, que late impaciente em frente à porta e pula feito milho de pipoca dentro da panela.

— Que foi, Mi? — me aproximo dela, que continua latindo.

A campainha toca e resolvo abrir a porta. Dou um grito assim que vejo quem é.

— JAQUELINE! — abraço minha prima e demoro longos segundos para soltar. A saudade que sinto dela era grande demais e não me polio com demonstrações de afeto.

Mari levanta depressa e a abraça também.

— Vem, entra! — minha amiga pega sua bolsa e entramos todas juntas. — Bela hora de aparecer, hein, dona Jaqueline! Logo agora que o gostoso do *Damon* aparece de toalhinha! — Mariane reclama e faz um bico.

— Vocês continuam com esse vício de séries? — ela cruza os braços, duvidosa. Balançamos a cabeça afirmativamente e Jaque sorri.

Estou feliz com a visita. Jaqueline é a única prima da minha família que tenho uma ligação. As outras só me dirigem a palavra se tiver um doutorado em *Harvard*. Jaque não.

Talvez tenha sido porque estudamos juntas no começo do ensino médio e ficamos mais próximas. Ela é o tipo de pessoa que fala com você sem se importar com seu status social e muito menos sua aparência. Tem um estilo hippie, usa saias longas, florais, possui cabelos loiros e olhos cor de mel intensos.

Os pais delas, o tio Beto e a tia Catarina, infelizmente morreram em um acidente. Uma grande perda. Lembro de mamãe chorar bastante e de eu ter me trancando durante horas no quarto de tristeza. Os dois eram gente boa, não mereciam ter morrido daquele jeito.

Desde da partida deles, Jaqueline foi cuidada pela sua vó paterna. Por isso no final do ensino médio nos distanciamos. Ela havia se mudado para

outro bairro. Ainda mantínhamos contato pela internet. Foi aí que soube que ela faria um intercâmbio na Espanha e provavelmente concluiria seus estudos lá. Foi assim que ela conheceu o Fabrício e os dois se apaixonaram. Depois disso, a Jaqueline não quis nem a pau voltar para o Brasil e como ela já era maior de idade, sua vó quase nada pode fazer. Apenas ir lá verificar se era isso que ela queria e se o rapaz era um bom moço.

— Como está sua vida, prima? Conta tudo! — estou ansiosa para saber todos os detalhes. Ela balança os cabelos loiros e dá um bom suspiro.

— Meninas, ser casada é tudo de bom. É ótimo saber que tem alguém do seu lado para compartilhar os momentos. Claro que de vez em quando tem uma briga ou outra, mas... Ah, o Fabrício é ótimo! — olha sonhadora para nós. — É sério, dona Mariane! — Mari faz um cara de nojo.

— *Bitch, please!* — Jaque balança a cabeça diante do bordão da minha amiga.

— Ela continua com essa frase de efeito? Mesmo depois de termos quase a espancado? — minha prima estudava conosco quando Mari começou com seu apelido “carinhoso”.

— Agora pior do que nunca! — sorrimos e Mariane revira os olhos.

Minha prima continua a conversa:

— Ele é o tipo de cara que me entende apenas com um olhar. Nossa sintonia é incrível quando estamos juntos. Além disso, o Fabrício faz questão de participar da minha vida, dos meus sonhos e do nosso futuro.

Miúcha chega de mansinho e se apoia no colo da Jaqueline, lambe seu rosto e parece sorrir. Sua boca aberta e os dentes bem à mostra me faz concluir isso. Essa cachorra às vezes aparenta ser gente.

— Ah, Mi! Quando tempo! Como tá linda! — Jaqueline dá um beijo rápido na orelha da minha cadela. — Mas e você, Cléo, como anda? Fisicamente você não aparenta estar bem.

— Bom, o de sempre, fui chifrada, abandonada e enfim meu destino é esse! — dramatizo.

— Ah, isso é horrível! — minha prima fala horrorizada.

— Não se preocupe. Tenho uma boa ideia para acabar com o desgraçado! — Mari dá uma risada diabólica.

— Você como sempre perversa, hein! — Jaqueline dá um tapa de leve na perna da minha amiga.

— Bom, prima... — pego nas suas mãos, emocionada. — Não quero

falar mais disso, quero aproveitar cada segundo dessa sua visita. Depois você desaparece para Espanha e eu não te vejo nunca mais.

Sorrimos.

O dia passa e nem percebemos. A conversa está tão boa que eu não quero que acabe. Jaqueline conta sobre sua vida na Espanha e como ela adora sua loja de biquínis brasileiros que faz bastante sucesso.

Quando pergunto sobre os espanhóis, Jaque nos relata que os do bairro onde ela mora são sempre gentis e bonitos; eu e Mari quase fazemos as malas para ir logo para lá. Caímos no sono lá para meia-noite, depois de assistir *Once upon time* e delirar pelo personagem do “Gancho”. Aqueles olhos claros e cabelos pretos me fazem dormir muito bem naquela noite.

Capítulo 6

Mais deprê impossível!

Acordo antes das meninas. Estou sentindo novamente aquela tristeza. Escovo meus dentes, tomo um banho e preparo um café rápido, com cereais e leite gelado, contudo, a sensação não passa. Uma vontade de chorar, gritar e me afundar na cama por dias.

Não sou o tipo de pessoa que fica em casa com os pés para cima esperando um milagre. Sempre corro atrás das minhas coisas, principalmente no quesito profissional. Com minha demissão, não tive meus direitos trabalhistas recompensados; e desde que saí de lá, procuro emprego em todas as agências, cheguei a fazer alguns testes e o que recebo de resposta é isto:

“Senhorita Cleonice, sinto em lhe informar, mas seu perfil não se enquadra na nossa empresa. Desejamos sorte nas suas próximas conquistas.”

Embaixo tinha um gritante P.S:

“Quem sabe a senhorita não tenha mais sorte como figurante do programa Casos de família, hein? Pelo que eu soube você tem perfil.”

É isso. Meu chefe me queimou com todas as agências do universo. Quase todas as respostas que estava esperando das empresas são semelhantes a esta, sempre com uma gracinha sobre o fato de eu ter armado o maior barraco com o Edu e não quererem confusão em suas empresas. O que é um absurdo! Só por causa de um pequeno deslize, todos me crucificam na cruz.

Paulo, meu chefe, deveria me agradecer de pé junto pelas coisas que fiz por ele todo tempo que estive naquela organização. Ele já se esqueceu de quem foi que teve a ideia brilhante da fusão com a outra empresa de logística que salvou a pele dele? Ele já deslembrou de que descobri quem o estava roubando? Ele também se olvidou da reunião importantíssima com clientes internacionais e a única que falava espanhol era eu? Pelo visto sim.

Odeio o Paulo! Com todas as minhas forças. Nunca me senti tão humilhada na minha vida. Não sei nem o que fazer, já que na minha própria área de atuação eu estou queimada. Talvez devesse vender pipoca no sinal. Mendigar. Pedir auxílio bolsa família. Ou ir para o programa do Sílvio Santos atrás de aviõezinhos.

É por isso que acordei tão arrasada assim, estava sentindo que mais uma bomba estouraria nas minhas mãos. Estou acabada. Sem namorado. Sem emprego. Sem mais nada na minha vida.

Me dirijo à geladeira na maior velocidade possível, atrás de meus chocolates, reviro as gavetas e não encontro nada. Vou aos armários e também zero. Estou desesperada, como se estivesse em abstinência. Então, resolvo procurar qualquer coisa que tem cacau em sua composição e açúcar. Acho um pacote de granulados escondido atrás de alguns potes de margarinas. Abro a embalagem e com uma colher começo a comer desesperadamente; eu sou um fracasso. Papai não teria orgulho de sua filha universitária. Mamãe diria mais palavras horríveis a mim. E eu também falaria palavras ofensivas a mim mesma, porque não suporto admitir que a menina sonhadora que jurava que abriria uma empresa, se encontra em uma situação deprimente como esta.

O granulado acaba e vou ao refrigerador atrás de outros e acho. Minha tristeza é tão grande que preciso desabafar. Pego meus CDS retrógrados e coloco no DVD e seleciono a opção karaokê. Pego o microfone e desatino a cantar. Miúcha me acompanha nos agudos, latindo:

Au. Au. Au. Au.

— *“Pense em mim. Chore por mim. Liga para mim, não, não, liga para ele. Para ele. Não chore por ele... Vamos pegar o primeiro avião em destino à felicidade, a felicidade, para mim é você.”*

As meninas se levantam com caras amassadas e cabelos bagunçados. Ficam intrigadas na sala com a cena que se desenrola à frente, eu e minha cachorra, fazendo Karaokê às nove da manhã.

— *“Há muito tempo te amo, te amo, te amo...”*

Continuo a cantar sem nem ligar para as bocas entreabertas da minha prima e minha amiga.

— *“Pense em mim, chore por mim, liga para mim...”*

Mi agora late mais ao meu lado.

— Ela tá mal.— Mari deduz.

— Coitada. O que foi aconteceu? — Jaque não entende o que há, mas sei que minha amiga sabe.

— Ela comeu GRANULADOS! — olha de relance para as embalagens vazias no chão e eu confirmo.

— A situação está ruim. — Mari me olha com piedade.

— O que isso quer dizer? — Jaque cruza os braços e me encara receosa.

— Ela tá no fim do poço. — minha amiga chega a uma conclusão.

Elas continuam seus diálogos como se eu não estivesse presente e sim

estivessem falando de alguma de suas parentes debilitadas, arrumando estratégias para me tirar o microfone das minhas mãos.

— Eu estou ouvindo! — olho para elas e volto a cantar, porém de nada adianta. As duas conversam como se eu tivesse algum problema de surdez.

— Precisamos fazer alguma coisa.

— Acho que um salão de beleza cairia bem.

— Roupas novas.

— Um dia no shopping.

— Com as amigas.

— E um bom cinema.

Enquanto canto o refrão com todas as minhas cordas vocais, Miúcha continua me acompanhando como minha fiel seguidora. É por isso que amo esta minha cachorra! Nos dias tristes ou felizes ela sempre está comigo.

— *“Quero fazer você feliz. Vamos pegar o primeiro avião...”* — não termino de cantar, pois Mari tira a tomada do DVD e da televisão e grita categórica:

— Vamos sair! AGORA!

— Abra os olhos, Cléo!

A cabeleireira roda a cadeira giratória e me posiciona de frente ao enorme espelho do salão. O reflexo me faz ver a Cléo fracassada para trás. Minhas sobancelhas não estão mais de lobisomem, meus cabelos deram adeus às pontas duplas e fios ressecados. Parece que em frente a esse vidro é outra mulher. Inacreditável!

— Uau! — toco meus longos cabelos, que só aparei dois dedos, pois adoro meu cabelo.

Olho para a maquiagem e está belíssima. Minha pele parece de porcelana com o efeito da base, as bochechas estão rosadas e meus olhos estão com delineador preto, destacando meu olhar. Insisto por um batom, pois estou me sentindo nua, facialmente. A profissional concorda e passa um gloss de cereja nos meus lábios.

Dou um belo sorriso. Minha autoestima se eleva. Me sinto mais segura depois dessa transformação. As meninas ficam para lá de felizes, provavelmente esse é o objetivo delas também. Mari agradece a todos do salão e paga no seu cartão de crédito, devido à minha atual situação

financeira, não tenho dinheiro nem para pagar a manicure daqui, o que é uma vergonha.

Depois do salão de beleza, as meninas compram algumas peças de roupas para mim. Jaque passa no cartão duas blusas de manga, nas cores rosa e violeta. Mari passa no dela, duas saias; quase que tenho um ataque ao ver o comprimento delas! Mas minha amiga me convence que depois que eu der um jeito nas minhas pernas cabeludas, eu ficaria muito bem usando-as.

Nos três passamos a tarde inteira conversando, tomando sorvete e por último indo ao cinema. Já na fila para comprar os ingressos, as meninas sorriem e olham para mim. Não estou entendendo o motivo da graça até que Jaque comenta:

— Sua mudança já está fazendo efeito! — cutuca meu braço sorrindo.

— Estão te engolindo com os olhos, amiga! — Mari aponta para um rapaz acima do peso que está na fila do outro lado me observando.

— Fala sério! — faço um bico de indignação.

— É por que ele é fora do padrão? E não têm aqueles ossos de cachorro que você costumava roer? — ela ironiza referindo-se ao Edu.

— Vamos parar né, Mari! — cruzo os braços.

— Tá bem. Fui longe demais, desculpe. Mas sei lá, adoraria que um homem me olhasse do jeito que esse aí tá de olhando.

— Sem olhar para o corpo dela, né? — minha prima olha para ele e em seguida para mim, analisando.

— E ele parece apaixonado. Isso é olhar de gente apaixonada. — continua Mari.

— Concordo plenamente. Talvez ele já conheça a Cléo. — minha prima franze a testa. — Talvez mesmo... Você não o co... — não deixo Jaqueline terminar a frase, estou irritada com as duas por ficarem me jogando em cima de homens que não conheço.

— NÃO! Agora chega!

Faço uma cara emburrada e já não vou com a cara desse rapaz por ficar me encarando. Agora as duas discutem sobre o meu preconceito em flertar com alguém fora dos padrões e que eu só quero gatões de músculos e bem acentuados; minha prima argumenta que é por isso que eu me dou mal. Santo Deus! Tudo isso por causa de uma paquera de um rapaz na fila do cinema e que sabe Deus quem é! Fico pê da vida com essas duas e encerro aquela conversa falando bem alto que eu odeio todos os homens. Isso faz com

que o cara pare de me olhar e fique a fitar o chão, desolado. O restante das outras pessoas me observam como se estivesse de frente a uma desequilibrada.

Jaque sorri pelo meu mico e pega no meu braço e compramos os ingressos para assistir nosso filme, alheia aos olhares curiosos que nos são lançados.

A sorte das meninas que o filme é de comédia, sorrio bastante durante o longa e esqueço o episódio da fila, onde elas me condenaram.

Assim que as luzes acendem, todos se levantam e saem do local. Por coincidência do destino, o rapaz da fila está na mesma sessão que a nossa, nem reparo muito nele e acho que o cara fica com medo de falar qualquer coisa comigo, assim que seus olhos encontram os meus, ele abaixa a cabeça.

Desço as escadas com as meninas e por acaso o rapaz tem o atrevimento de dar um papel embrulhado à Mari, com certeza ele deduz que ela é minha amiga. Nem ligo, ando depressa como se nada estivesse acontecendo.

Enquanto as garotas ficam para trás conversando, saio da sala e nem sinal das meninas. Resolvo ir ao banheiro retocar o gloss, assim que saio, as vejo olhando de um lado para o outro, provavelmente me procurando.

— Tô aqui! — corro em direção delas. Assim que chego próximo às garotas, as advirto. — Nem venham me jogar para cima daquele cara!

— Ih, quem disse que a gente fará isso? — Mari ergue a sobrancelha e minha prima sorri.

— Assim é melhor. — balanço a cabeça em acordo.

— Não sabe o que está perdendo! — minha amiga lança um olhar furtivo e canta “*Gordinho gostoso*” com coreografias e tudo, fazendo minha prima rir e até eu.

Sáímos do cinema e fomos direto para minha casa. Enquanto subo as escadas, as garotas se divertem com o mico que eu havia pagado. Narram minha cara de olhos arregalados e nervosos gritando: não gosto de homens! Tento não sorrir, porém elas contando o fato, me fez me ver de forma extremamente engraçada.

Pego a chave do meu bolso para abrir o apartamento. Noto várias caixas de papelão no corredor, presumo que alguém se mudou para o apartamento da frente. Fico curiosa em saber quem será meu novo vizinho ou vizinha, contudo, só o(a) conheceria na manhã seguinte.

Capítulo 7

O novo vizinho

O som de um rock pesado me desperta. Coloco minha almofada no ouvido, mas de nada adianta. Levanto, querendo fuzilar o bendito que me acorda com esse barulho dos infernos. Espio o quarto ao lado, Mari e Jaque continuam dormindo como duas anjinhas. O sono dessas duas é de pedra.

Vou ao banheiro, tiro a roupa e me deixo guiar pela água bem quentinha do meu chuveiro. Pego meu sabonete de cheiro de morango e esfrego na minha pele. Em seguida, faço uma rápida depilação nas pernas.

Saio do toalhete com enorme vontade de me arrumar. Me dirijo ao quarto e abro meu guarda-roupa. Coloco um vestido curto, azul, com flores estampadas. Pego o secador e começo a secar meus cabelos molhados. Faço um *make* básico. Pó, *blush*, rímel e batom e vou à cozinha.

Pego minha cuscuzeira e outra vasilha; lavo-as e preparo o cuscuz. No recipiente de plástico, coloco a massa e misturo com sal; um pouco de água e uma colher de margarina. Ligo o meu *home teacher* e sintonizo em uma frequência da rádio e surge uma música que adoro: “*Mirrors, de Justin Timberlake*”

Mariane e Jaqueline levantam-se. As duas acordam com umas caras amassadas e se aproximaram do balcão da minha cozinha americana. Dão um “bom dia” e se aconchegam na mesa, pegando cada uma um prato e esperando o cuscuz ficar pronto.

Quando a massa já está fofinha, desligo o fogo. Cada uma pega seu prato e tira um pedaço. A fumaça é nítida. O cuscuz está bem quente. O que é ótimo para comer com manteiga que se derrete pelos cantos. Devoramos em poucos segundos!

Tomamos um pouco de leite gelado e assim que terminamos a refeição, colocamos os pratos na pia, cada uma lava o seu. Quando acabamos de enxugá-los, minha cigarra começa a tocar. Temi que fosse mamãe na porta para me dar sermões sobre ter desligado o telefone na cara dela. Mas quem dera que fosse.

Quando abro a limiar...

— Cléo! — ao ver quem é, fecho-a na hora.

Como alguém tem essa cara de pau?

Minha cachorrinha acorda e late sem parar. Mi tem um dom de cheirar homens que não prestam de longe! Roo as unhas freneticamente.

Pelo amor de Deus! Isso não está acontecendo. Por favor!

— Sabe, acho que joguei pedra na cruz, só pode! — concluo abalada.

— Menina! Que babado! — Mari coloca as mãos na boca. Ela também vê aquele ser plantado na minha porta. O que me dá mais alívio de saber que realmente eu não imaginei.

— Cléo! — Jaque pega minha mão e paro com meu estado traumático.

— Como ele pôde? Ele sabe muito bem que moro aqui! — choramingo.

— Filho da mãe! Amiga, pode deixar viu! — Mari toma partido.

— Que você estava pensando, Mari? — Jaque e eu olhamos para ela curiosas.

Somos interrompidas com um apertar nervoso da campainha e desta vez resolvo abrir.

— Cléo! Que cara é essa? Não vai me dar as boas-vindas? — ele sorri como se nada tivesse acontecido.

— Como é?! — olho espantada para o tamanho do seu cinismo. Minha irritação é tão grande que dou um tapa no rosto dele.

— Que é isso, Cléo?! — toca na sua face, chocada, por que eu não sei, ele sabe que sou capaz de tudo.

— Que é isso digo eu! Que porra é essa, Edu? Queria o quê depois de tudo que você fez eu te perdoaria? Ficaria rindo? Que ficássemos coleguinhas e corrêssemos de mãos dadas para o fim do arco-íris? Que espécie de ser humano é você? — minha cabeça ferve e sei que se essa conversa não acabar, será pior do que da última vez.

— Cléo, se você deixar eu explicar... eu... — fecho a porta na cara dele e as meninas aplaudem minha coragem.

Só o que faltava! Um ex namorado, ao qual odeio profundamente, morando de frente para minha casa e ainda tendo a cara de pau de agir como se nada tivesse acontecido.

Vou à cozinha e as garotas me seguem. De repente aqueles sentimentos que prometi guardar em um lugar bem escondido vem à tona. Pego umas trufas da Cacau Show (que comprei no shopping ontem, para deixar no estoque.) e devoro a de morango, cacau, café e maracujá. Quase tenho uma overdose de açúcar.

Eduardo.

Ex namorado.

Me traiu com uma das minhas amigas.

Agora.

Meu vizinho.

Coço meu pescoço e pisco os olhos repetidas vezes.

— Vamos dar um jeito nele, Jaque? — Mari está com sua feição endiabrada.

— Vamos! — as duas saem da cozinha e vão para algum lugar da casa. Enquanto eu assimilo todos os fatos. Miúcha continua com cara de *serial killer* na porta. Me direciono à sala, procuro na raque algo que, com certeza, está por trás disso. — Achei! — pego o objeto que está perto da TV. — lá está ele com cara pacífico. Com roupa de freire e uma cara ingênua. — Isso é culpa sua, Santo Antônio! Semana passada tinha acendido uma vela e pedido um amor das antigas de volta. Na verdade estava falando de um garoto que conheci em uma festa de São João, quando tinha 13 anos; e olha só o que ele me traz? — Viu o que fez? — olho para imagem que parece querer dialogar comigo. — Que é isso, Santo Antônio? De tanto ouvir preces, ficou surdo agora?

Jaqueline e Mari entram na sala com um enorme sorriso no rosto, me estendem um papel. Rapidamente vou à cozinha e coloco o santo de cabeça para baixo em um copo com água. Quero ver ele fazer mais gracinha dessa vez! Retorno a sala e as meninas nem percebem o que eu tinha feito, talvez por estarem alegres demais com seu plano.

— Agora ele verá só! — minha amiga sorri maléfica.

— Que é isso, garotas? — reconheço o papel da Mari. Dois itens estão riscados e um está com a palavra: URGENTE! — Não. Sério, gente. Eu não tenho grana!

— Quem falou que você paga?! Nós duas fazemos questão! — elas apertam as mãos e praticamente selam um pacto.

Pisco várias vezes meus olhos ao ouvir uma grande serenata sendo pronunciada no corredor.

Quando abro a porta:

Alguns de meus vizinhos estão sorrindo e chorando. Com um grupo de atores vestidos com roupas da década de 30, cantam a música do “Roberto Carlos” e no final um certo vizinho olha para “amada” e pede:

— Quer casar comigo, Michelle?

Não tenho mais dúvidas!

— Me dá a porra desse papel! ESSA FARRA COMEÇA HOJE!

Capítulo 8

Quem é vivo, sempre aparece

Estou nervosa. Pobre da minha prima que só queria passar o Natal com minha família altamente louca e perturbada e agora está gastando rios de dinheiro comigo. Primeiro com roupas e saída ao shopping, agora com uma festa que eu nem sei o que será. As duas ficam cheias de segredinhos e me mandam para uma casa que não queria ir tão cedo: a moradia da mamãe.

Toco a campainha inúmeras vezes, até ela aparecer:

— O bom filho a casa retorna! — respiro fundo e entro.

Dona Drica está com o cabelo curto, estilo Joãozinho, com luzes na cor chocolate. Veste uma saia abaixo do joelho, preta, e uma camisa de tecido fino, branca. Ela está muito bem para uma coroa de seus lá quarenta e tantos anos.

Mamãe continua me encarando. Sento no sofá; ela também.

— Aconteceu alguma coisa? Faz anos que você não vem aqui! — me fita desconfiada.

— Mãe... aquele dia do celular. — mordo os lábios ao tentar me justificar. Ela cruza as pernas.

— Ah, sei muito bem que você fez aquilo de propósito. Mas por mais que você ache que não te amo, só falo aquelas coisas para vê se você consegue enxergar a realidade.

— Desculpa, mãe. — não sei por que, mas começo a chorar. — Aquele rapaz é um idiota! Não era nada do que eu pensava.— mais lágrimas. — E agora ele é meu vizinho junto com aquela mulher barbada do circo.

— Quem ele pensa que é? Olha filha, juro que eu vou lá agora dizer uns bons desaforos.— ela arregança as mangas levantando do sofá.

— Não, mãe! — imploro, porque sei que ela é capaz disso.

— Tem razão.— analisa melhor. — Podemos sequestrar a velha da mãe dele e jogar em um barranco. O que você acha?

Isso é horrível. Porém mesmo assim, sorri.

— Talvez podemos vender a desgraçada para o circo de *soleil*? — estreita os olhos com sua ideia e sorri.

— Mamãe!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Realmente, Dona Drica se preocupa comigo. Ela pode ser neurótica,

ter uma casa cercada de plantas, ser um pouco exagerada, mas ela é minha mãe.

— Tive uma ideia! Para melhorar esse seu ânimo, vou preparar um bolo de chocolate especialmente para você! — caminha para cozinha. A acompanho e preparamos juntas o alimento. Eu, entregando os ingredientes: trigo, margarina, ovos, leite e achocolatado. Ela, colocando tudo aos pouquinhos na batedeira.

— Cadê a vovó? Senti falta dela. — questiono. Nunca mais vi Divina e acho suspeito ela não estar aqui.

— Dormindo. Depois dos remédios ela ficou com excesso de sono.

Vovó é uma figura; infelizmente ela está sofrendo de dores de cabeça crônica. O médico atribuiu isso às noites mal dormidas, já que minha vó só descansava quando raiava o dia, assistindo filmes do fim do mundo, na TV a cabo.

Ela adora assuntos que envolvem apocalipse. Divina é uma ex professora de história. Quando jovem, quis participar de escavações no Oriente Médio. Segundo ela, a resposta do fim do mundo está no Egito. Mas infelizmente ainda não pôde realizar este sonho.

Colocamos a massa na forma e esperamos. Enquanto isso, mamãe abre a geladeira e mostra uma avalanche de comida que ela já preparou para a noite de Natal, que será amanhã. Pergunta pela ingrata da Jaqueline — palavras dela e não minhas. — Falo que ela está fazendo uma festa surpresa na minha casa e esse é o motivo de estar ali. Mamãe faz bico e reclama algo como:

— Só assim para você aparecer aqui em casa.

Sorrio.

Quando dá o tempo certo, ela tira o bolo e despeja em um pírex redondo. Esperamos esfriar e pegamos uma lata de leite condensado e colocamos cada uma em sua fatia. Saboreio aquela delícia devagar. É incrível como chocolate reage bem com meu organismo. É como se ao engoli-lo todas as tristezas do mundo desaparecesse. Como se a vida de preta e branca ficasse colorida.

Meu celular vibra, emitindo o som de mensagem, me tirando do estado êxtase que me encontro.

“Vem logo! A festa começou!”

— Mamãe... — termino a última garfada naquele bolo delicioso. Coloco o prato na pia e me dirijo à Dona Drica. — O dia foi ótimo. Sinto

muito pela ausência dos últimos tempos.

— Coração de mãe sempre perdoa. — dá uma piscadinha.

— Tenho que ir agora. — levanto e mamãe me dá um beijo na testa, que retribuo. Antes de partir...

— Filha! Espere! — ela desfaz a posição que estava e sobe as escadas, retorna pouco tempo depois com uma bola de cristal nas mãos. — Quando fui visitar a sua prima, em Madrid, conheci algumas ciganas e elas me ensinaram a prever o futuro através da bola de cristal.

— Ah... mãe! Fala sério! — digo descrente.

— Por favor, deixe tentar com você! — suplica.

Resisto por um bom tempo. Até ela vir choramingando dizendo que sou uma filha ingrata que não a ama.

— Mãe! A senhora às vezes inverte os papéis, não se esqueça que *eu sou a filha!*

Dona Drica é meio esotérica. Gosta de mapas astrais, horóscopo, cartas e desde que me conheço por gente, ela jura que tem o dom da adivinhação.

— Tá bom. Como isso funciona? — ela me leva para um dos quartos vazios do andar de cima. Coloca o objeto na mesa redonda com uma toalha branca estampada. Pede para que direcione meu rosto para a bola de cristal.

— Mamãe isso é ridículo! Esse povo é charlatão! — por incrível que pareça, quando me aproximo do objeto, ele começa a ficar com cristais diferentes e nuances de cores que não entendo. Mamãe olha surpresa e sorridente.

— Sabia! Sabia! — bate palminhas.

Ih, que coisa estranha!

Minha boca fica seca e quando tiro meu rosto do objeto, ele volta ao normal.

— Filha! Filha! — ela estala os dedos, sorridente. — Consegui! — fico meio espantada com esse alvoroço todo. — Você está perto do grande amor da sua vida, ele é diferente dos outros, talvez ele seja um sapo e não um príncipe, mas você precisa enxergá-lo com os olhos do coração. E será hoje, filhota! — ela vê isso tudo em fumaça estranha? Meu Deus! Será que aquilo era efeito de drogas?!

— Mãe! — balanços seus braços, preocupada. — Pelo amor de Deus!

Não diga que a senhora é usuária dessas drogas novas, por favor!

— Que drogas! — ela solta os braços.— Está duvidando de MIM? — eleva a voz.

Respiro.

— Não, mãe. Eu acredito.— finjo para evitar mais dramas como da vez do telefone e finalmente ela me deixa sair.

Ouso subir pelas escadas, em vez de pegar o elevador. Quando começo a caminhar para meu apartamento, vejo no corredor Michele e Eduardo muito íntimos com palavras melosas:

“Você é o amor da minha vida”

“Você também”

“A mulher que eu precisava”

“Teremos filhos em breve, meu amor”

Ecaaaaaaaa! “Que casazinho sem sal e sem açúcar”.

— Melhor, Cléo? — Michelle se dirige a mim e sai com risinhos.

Não respondo.

— Ei! Cléo! Que música alta é essa?

Ignorei-o. Pego minhas chaves que estão no bolso da calça e quando abro a porta... me deparo com garotas seminuas e homens quase pelados de máscaras. Um DJ está no fundo da minha residência animando a festa com músicas de *“David Guetta”*.

— Ei! É a Cléo! Não pode entrar assim, hein! É a festa do cabide. Tire a roupa! — um rapaz mascarado comenta.

Edu está na porta do seu apartamento. Não tenho dúvidas do que faço.

Capítulo 9

Bem-vinda à solteirice, Cléo!

Edu está boquiaberto à frente. Dou um sorriso sarcástico. Ele quer jogar, então vamos às regras! Chega de chororô, de lamentação! Agora, é ele quem dança miudinho.

Tiro minha roupa e fico de lingerie preta, de renda.

— Cléo... — ele olha para minhas curvas, se lembrando, com certeza, dos nossos momentos.

— Tchau, Edu! Sinto muito, não posso convidá-lo. — fecho a porta. Gargalhando alto. — Me dá isso aqui! — puxo uma taça de bebida de um dos garçons que circula pela minha sala. Um monte de pessoas se aproxima de mim, assim que percebem que entrei.

— Ei! É a nova solteira do pedaço! — um rapaz negro, musculoso, aponta para mim.

— Um brinde à Cléo! — levantam as taças, me deixando ruborizada. Mas confesso que gosto da atenção.

O DJ volta a animar todos. Com os embalos da música:

“*Titanium*”

— *Bitch!* — Mari me abraça. Ela está usando um *baby dolls* rosa com preto de bolinhas e uma máscara branca na cabeça. — Está massa, não é? — dá uma piscadinha e suga pelo canudo uma bebida estranha que está na sua taça.

Algumas meninas usam biquínis ou *lingeries*, outras usam camisolas, pijamas e fantasias de diversos personagens. Me espanta a Mari não estar nua na pista.

Minha sala está cheia de luzes coloridas que saem de pequenos globos que estão apoiados na estante. Em uma mesa, próxima ao sofá, alguns salgadinhos e petiscos fazem parte da alimentação da galera. Um balde de gelo com “*ices*” mergulhados, completam as bebidas.

Começo a nem ligar para mínimos detalhes e me embalo pela dança frenética e todos parecem bem agitados. Vejo Miúcha com uma camisola rosa e com laços na cabeça a se movimentar para lá e para cá. Obra de Jaqueline e Mari, aposto!

Meu celular toca na minha bolsa, que deixei esquecida no sofá, assim que entrei. Só escuto o barulho porque havia acabado de terminar uma música e o DJ pergunta à galera qual canção eles gostariam que tocassem em seguida.

— Alô? — saio da sala e vou ao banheiro, trancando a porta, para abafar o som, que agora vinha com tudo.

— Cléo?! — a voz conhecida me chama.

— Jaque? Por que você não está aqui? — me intrigo pelo fato dela não ver o resultado de sua obra junto com minha amiga.

— Cléo, meu marido chegou lá na casa da tia. E, aliás, a festa é para solteiras, esqueceu? — do outro lado da linha ouço risadas.

— Só por causa disso te perdoou. — faço beicinho.

— A Mari te dará uma surpresa à meia-noite. Fica esperta, hein! — mais sorrisos e um adeus de despedida.

Meia-noite? Surpresa?

Antes que eu a interrogue, ela desliga. Fico morta de curiosidade para saber o que elas estão aprontando por trás de mim.

Saio do banheiro e vou para minha sala novamente, colocando o celular na bolsa. Mal dou dois passos e Mari me intercepta.

— Cleozita! Coloca essa camisolinha sexy preta. — me estende a peça de roupa. Visto e só neste momento me dou conta da gravidade de estar realmente apenas de calcinha e sutiã para lá e para cá, e o mais engraçado: é que não fico com vergonha. Mas talvez a Mari pensa que eu estou, por isso me entrega o vestuário.

— Por que as máscaras? — estou curiosa.

— Ah, foi uma ideia que vi na internet. Li uma matéria em um site e achei interessante! — cochicha no meu ouvido.

— Eu não conheço metade dessas pessoas, Mariane. — falo preocupada.

— Ih, menina! Isso é porque tá escuro! Eles são nossos vizinhos daqui do prédio. Olha... — ela aponta — vizinhos do 406, 407, 409. — eles acenam para mim e retribuo o cumprimento. Olho para esquerda e avisto uma garota de camisola roxa com máscara na cor preta no rosto. Acho que me lembra alguém. Cabelos pretos, franja no rosto...

— Mari, quem é aquela ali? — aponto e vinco minha testa, desconfiada.

— Deve ser alguma amiga da Jaqueline. Ela disse que convidaria uma. — sinto que há algo muito errado naquela moça.

— Vamos aproveitar a festa! — minha amiga me puxa alheia à minha preocupação.

Dançamos nos achando a próxima “Beyoncé” do pedaço. Rebolando de um lado para outro, pegamos bebidas de um garçom que passa próximo a nós. Fazemos várias coreografias. Até que DJ anuncia que é meia-noite.

— Pessoal! — Mari eleva a voz em mil decibéis e todos param. — Queria que vocês dessem uma salva de palmas para a melhor amiga do mundo. Esta pessoa linda que não quero ver sofrer nunca mais! — uma onda de assobios e aplausos surge a seguir.

— Cléo! Cléo! Cléo! — gritam. Nunca me senti tão bem! Minha amiga realmente sabe como elevar a autoestima de qualquer um.

— Agora prepara-se, Cléo! Para minha surpresa.— sorri divertida.

Quando menos percebo, as luzes são apagadas e uma fumaça vem do lado do DJ, que agora toca uma música bem íntima de quem faz *strip-tease*:

“*Snap — Rhythm Is a dancer*”

O garçom que antes me servia, larga as bandejas de lado e rasga a sua blusa branca. Ouço muitas meninas gritarem:

“*Aaaaaaah*”

“*Gostoso*”

Meu queixo cai. Ele exhibe músculos bem trabalhados na academia com certeza. Sua pele é negra e seu olhar bem safado. Mexe seus membros insinuantes e as meninas gritam, jogam dinheiro. Minha residência agora está parecendo O clube das mulheres.

Entre olhares insinuantes e dancinhas coreografadas, ele rasga a calça preta que sai com facilidade. O deixando de cueca branca. Puxa uma cadeira e me pega pelo braço de forma delicada e sussurra no meu ouvido:

— Senta. — obedeço. E o observo dançar para mim. E aí, é que a coisa começa. A porta é aberta e mais dois rapazes entram. Um bombeiro e um policial; de músculos muitos mais avantajados do que o do garçom. Eles vêm devagar em minha direção, quase em câmera lenta. Cada um me entrega uma rosa e agora parece que os três disputam minha atenção.

O policial é moreno, com ombros largos e cabelo raspado, usa um óculos *ray-ban*. O bombeiro tem cara de menino, rostinho lavado, pele alva e um cabelo espetado. Aos poucos eles tiram peça por peça.

Babo na cadeira. De vez em quando eles rodeiam onde estou; chegando próximo ao meu rosto. O bombeiro é mais ousado e chega até a me beijar. Porém o policial é ainda mais, pede que eu tire a calça dele com a boca.

— Tira! Tira! — um pequeno grupo de pessoas gritam.

Faço exatamente o que ele pede. Os três se aproximam onde estou sentada e solicitam para que eu levante. Circulam cheirando meu pescoço, beijam minha nuca. Fico pasma com a ousadia desses meninos. Mas bem que estou gostando.

“Você não sabe como você fica sexy com essa camisolinha”— o garçom sussurra com uma voz grossa.

“Linda demais”— o policial me puxa por trás embalando numa música envolvente.

Depois o bombeiro me leva para dançar com ele e morde minha orelha, fazendo-me arrepiar.

— Já chega! — Mari chega acabando com a farra.

Ligam-se as luzes e os *gogo boys* soltam:

— Aaaah! Agora que a festa estava boa.

— Tem uma pessoa especial que esperou até agora, meninos! E eu devo um favor a ela. Obrigada por tudo! — minha amiga dá olhar quarenta e três para os garotos, que se vestem e saem do apê soltando beijos para mim.

— Menina! — ela me pega pelas mãos. — Como você está quente!

— E quem não ficaria, hein, amiga? — me abano.

— Tem uma pessoa aqui querendo sua atenção, Cléo! — Mari puxa um rapaz um pouco barrigudo, com máscara branca nos olhos, com calção preto, os cabelos castanhos claros, curtos e de sorriso contido. Ele parece envergonhado. Claro, diante daqueles deuses do amor, ele não é nada. A barriga dele está saliente e têm alguns pelos ali que acho supernojento.

— Oi, Cléo. — diz baixando a cabeça.

— Oi. — respondo meio a contragosto.

— Posso dançar esta música com você?

Aos poucos uma canção que adoro começa a tocar.

“Hoje a noite não tem luar

Eu estou sem ela...

— Legião ur...

— ... urbana! É! Isso expressa algumas coisas que ando sentindo desde que te conheci. — nossos corpos se encostam e começamos a nos embalar pela

letra, alguns casais dançam também. Vejo a Mari agarrada com alguém de longe.

— Eu sei que não sou bonito. — vejo que aqueles olhos são familiares, castanhos claros, quase mel. — Mas gosto de ser romântico. — sorri tímido.

— De onde você me conhece? — o questiono.

— Prefiro não dizer. — fica quieto por uns instantes.

“Lua de prata no céu. O brilho das estrelas no chão.”

Ficamos dançando para lá e para cá. Nossos corpos próximos parecem que entram em combustão, tamanha a eletricidade que emana dos poros. Olhares que damos um ao outro são intensos e dizem mais que qualquer palavra.

Subitamente me sinto atraída por ele de uma forma que nem eu sei explicar direito. Quero conhecê-lo, saber mais do homem que está provocando essas sensações. Desejo tirar sua máscara, mas ele balança a cabeça em negativa e respeita sua decisão. Olho pela janela da minha casa, a lua está linda lá fora, cheia e brilhante, como se soubesse o que significa aquela letra do Renato Russo.

“O mundo pertence a nós.”

Capítulo 10

Pós-festa

O despertador insiste em tocar. Dou um bocejo e me levanto... do meu tapete?!

Aos poucos assimilo os acontecimentos da noite anterior.

Uma festa.

Garotos e garotas *seminus*.

Gogo boys dançando para mim.

Um cara misterioso.

E por último, mas não menos relevante, depois que tudo acabou, coloquei numa caixa todos os presentes que o Edu me deu e bati às três da manhã na sua porta, jogando os objetos mais altos e velozes que pude. Ainda fiz um *strip-tease* e saí gritando nos corredores:

“Olha só o que você perdeu”

Depois de arrumar minha casa e colocar tudo no eixo. Deito supercansada no sofá junto com a Mari. Comentando tudo sobre a festa, cada detalhe e principalmente sobre os *gogo boys*.

— A melhor parte foi o *strip-tease* que você fez para o Edu, a songamonga vai morrer! — sorri de um jeito divertido.

— Ainda não entendo o que ele quer aqui. — digo intrigada.

— Pois é. Mas se ele quer guerra, já sabe que estamos prontas para isso.— levanta indo para cozinha, pega uma garrafa de água e coloca em um copo para beber.

— Mari, por que você não vem morar aqui? Agora que estou sem emprego, seria uma boa. — chego na cozinha e ela termina de beber sua água.

— Ah, Cléo! Queria muito, mas sabe como é. Você não aguentaria os meus pretendentes! — dá uma piscadela.

— Safada! — sorrimos.

— A vida é engraçada né, amiga?

— Por que diz isso?

— Porque antes eu me sentia para baixo, traída. Depois de ontem, sinto que é o momento certo de seguir em frente. — suspiro confiante.

— Assim que se fala! — ela ergue a mão para que eu bata com a minha em sinal de cumprimento pelo que acabo de dizer.

— E ser solteira não é tão ruim assim.

— É o que eu digo: “*antes só do que mal acompanhada*”. — pego duas taças no meu balcão americano e despejo meu vinho tinto em cada uma delas. Erguermos elas para cima e fazemos um brinde à nossa solteirice!

Tim. Tim!

— Somos meio doidas em dar uma festa com essa bagunça toda antes do Natal, será que isso não é pecado? Seremos castigadas? — coloca o copo de lado.

— Ih, olha quem fala! Nem vem dar uma de puritana, Dona Mariane Leão. — ela dá um meio sorriso.

— É sério.— fica triste de repente. — Minha mãe dizia isso.

Silêncio.

Natal sempre é uma data comemorativa de pesar para a Mari. Bom, ela pode passar com sua família, que se resumi à sua mãe; mas a velha é meio problemática, queria que a minha amiga casa-se de véu e grinalda e ainda fosse virgem.

Quando ela tinha 17 anos, engravidou de um de seus paqueras. Por incrível que pareça, minha amiga queria muito esse bebê. Sou testemunha viva disso. Mas a louca, altamente psicopata, quando soube disso, fingiu concordar com a gravidez e as costas da Mariane, colocava pequenas doses nos seus sucos de antibióticos, para que minha amiga tivesse um aborto.

A pobrezinha não sabia de nada, até que um dia a Mari passou muito mal e soube de toda a história através de um médico do hospital que a consultou e depois dos resultados de exames de sangue. Foi uma tristeza de dar dó! Ela se auto titulou órfã! E foi viver sua vida sozinha, entregues nesse mundão de Deus.

— Não fica assim amiga. — a abraço.

— Nem vai dar para ir hoje para o Natal com uma família de verdade, como a sua. — deixa uma lágrima escorrer. — Tenho plantão.

— Estarei sempre com você. Independente de fisicamente ou não. Família também se ama à distância. — tento animá-la, não desejo que minha amiga fique penosa.

— Tem razão. — enxuga a lágrima.— Vamos logo fazer o prato da ceia, para levar para tia Drica.

Mari é uma grande amiga. As pessoas podem julgá-la de inúmeros nomes pejorativos. Mas falam isso porque não conhecem a verdadeira Mariane Leão. Uma pessoa de coração grande, que sinto que mesmo não termos laços sanguíneos, ela é muito melhor que ser alguém da minha família.

Passamos a tarde fazendo arroz branco com passas a molho champanhe. Fazemos também torta de frango com creme de milho por cima. Uma delícia por sinal. Insisto por tudo para que minha amiga me diga quem é o cara misterioso, porém, não sei o que ele fez, porque calou direitinho a boca da minha amiga, que se fecha em sete chaves. Nos despedimos e ela vai chateada fazer seu plantão no hospital.

Visto um vestido vermelho de mangas longas e rodado. Faço uma maquiagem leve, com apenas rímel e um batom rosa pêssego (que nunca pode faltar!) Desço com o prato de comida na mão, indo para o estacionamento. O clima natalino é bastante intenso no prédio onde moro. Luzes e mais luzes nas portas das casas; guirlandas, laços vermelhos, a cada pessoa que vejo, dou um sorriso e desejo “*Feliz Natal*”. Fico tão curiosa em saber quem é aquele cara que me chamou atenção na festa, que começo a reparar os rapazes do local onde moro.

Pego o elevador e há dois homens já dentro. Olho para eles, um tem barriga bem saliente, possui os olhos dele e está piscando para mim. Será... que? Antes que me precipite, me lembro que é o Thiago, que tem problema de tique-tique nervoso e come da mesma fruta que eu.

Descartado.

Assim que as portas do elevador abrem, vou direto para o estacionamento. Reparo em um homem que conversa com o porteiro do prédio, enquanto caminho. Observo sua postura e tom de voz é bastante parecido com o Mascarado, mas tiro o cavaleiro da chuva, assim que vejo uma mulher chegando próximo a ele e dando um beijo na sua boca e um olhar furioso para meu lado.

Descartado 2.

Cumprimento o porteiro, o senhor Joaquim. Que sempre é um senhor simpático. Desde que mudei para cá, sempre me trata bem. Desejo Feliz Natal e ele me saúda da mesma forma. Me pergunta o que carrego no prato. Retiro a toalha e ele me pede um pedaço. Não acho nada de mais lhe oferecer um pratinho, tenho certeza que mamãe não ficará uma fera com isso. Ele pega sua mochila e ao abrir, percebo uma máscara branca muito conhecida em sua bolsa. Será? Ai, meu, Deus!

O cara que quase beijei na festa é meu porteiro do prédio de 51 anos, casado e pai de dois filhos?!

Capítulo 11

Feliz Natal família Fernandes!

A avenida Boa Viagem está um caos. O trânsito parado. Uma forte chuva inicia naquela hora. É realmente muito estranho, pois período de inverno aqui em Recife começa no mês de maio. Mas com esse tempo doido, quem confia?

Ligo o som em alguma estação de rádio, para tentar relaxar em meio àquele estresse todo. Uma música dançante e romântica invade o ar. Acho superoriginal a melodia. Descubro depois, pelo locutor que é uma composição de um tal Mister “M”. Chego até a rir. Imagino aquele mágico famoso que gostava fazer apresentações no programa do Gugu fazendo as pessoas dançarem.

O trânsito finalmente fica livre. Passo, prestando um pouco atenção nos grandes restaurantes. Cheios de luzes brilhantes e decoração extravagante para chamar atenção dos clientes. Observo igrejas, onde as pessoas provavelmente devem estar louvando o nascimento de Jesus. Finalmente chego ao Derby, onde a prefeitura capricha na decoração.

Luzes contornam a praça do local, onde há um lindo presépio. Não deixo de perceber os corais que se apresentam no quartel. Com músicas natalinas e pessoas na plateia aguardando ansiosas as apresentações. Um enorme árvore feita de garrafas pets está no local. Me dá uma vontade de assistir, porém escuto meu celular vibrar. Dou uma rápida olhada em quem é, para não me perder na direção.

“Mamãe”

Entendo que provavelmente ela deve estar desesperada achando que não vou.

Entro na Caxangá, quase tenho um ataque de pânico. A avenida está totalmente alagada. Parece cena do próximo longa da Lagoa azul. Só falta ali o Noé e sua arca para embarcar na próxima viagem. É difícil entrar na rua. Já que aparenta ser uma piscina natural.

A chuva graças a Deus dá um tempo. Mas mesmo assim fico com medo de estragar minhas roupas e sapatos, diante daquela lama e água suja. Paro na frente da casa e pego a comida e destravo o carro para descer. Dou um salto-mortal para fugir da enorme poça ali na frente. Quase derrubo o prato de vidro que carrego na mão.

A casa da mamãe é a mais chamativa da rua. Visto que hoje em dia, as

peessoas mal ligam para esta data. Lembro da minha infância de ver meus vizinhos enfeitarem com afinco suas casas. Com pisca-piscas de diversas cores. Até fazíamos uma competição da casa mais bonita. Porém, agora, os tempos são outros. Somente mamãe e uma vizinha do lado ornamentam suas residências. Dona Drica pôs tantas cores de luzes na frente daquele lar que chega a doer a vista.

Segurando o pratinho em uma mão, com a outra toco a campainha.

— Finalmente!— ela pega meu prato e vai à cozinha.

Entro na casa, onde tem uma linda árvore-branca de Natal e alguns presentes embaixo. Me dirijo à cozinha, e a mesa quadrada, marrom, está repleta de comida. Minha tia Lio já está mastigando um pedaço da coxa do peru; murmura alguma coisa quando chego, mas só consigo prestar a atenção nas partículas de farofas que caem do canto da sua boca. Ela é sempre assim, onde há uma boca livre lá vai minha tia marcar presença.

Vovó está em uma cadeira de balanço, cochilando. Usa um vestido floral e um coque. Sua cabeça pende para o lado e ouço sua respiração alta. Me aproximo dela e toco de forma delicada seu braço. Ela desperta de repente.

— Dizem que és mensageiro da MORTE! — acorda assustada e provavelmente tendo sonhos apocalípticos.

— Vovó, sou eu, Cléo! — dou um sorriso e ela estreita os olhos, pega os óculos que está na mesa e me visualiza.

— Ah, Cléo! Minha netinha. Que saudades! — esbanja alegria.

— Eu também. Na última vez que vim aqui, a senhora estava dormindo.— puxo uma cadeira e sento ao seu lado. Mamãe vai à sala ligar o som e coloca CD de músicas natalinas.

— Ah, aqueles malditos remédios! Falei poucas e poucas para aquele neurologista de uma figa! Nunca mais engulo um pedaço sequer daquilo. — sorrio. Vovó é muito teimosa!

— Onde estão o resto? — questiono mamãe, que retorna à mesa. Sentando-se.

— Você ainda pergunta? — ela revira os olhos.

Natal sempre é símbolo de paz, amor e harmonia, mas na minha família é anúncio de uma terceira guerra mundial. Isso devido ao fato que meus entes queridos não se dão bem. Só para ter uma noção: ano retrasado meus tios meteram facada um no outro por conta de um pedaço de panetone. Ano passado tivemos que correr para hospital, pois a vovó chegou até a

falecer, porém ressuscitou no milésimo de um segundo.

— Qual foi desta vez? — pergunto curiosa, pensando que eles devem ter jogado bomba atômica uns nos outros.

— Ah! Suas tias estavam brigando qual era a filha que ganhava mais dinheiro e acabaram saindo daqui aos tabefes umas com as outras.

— Menos eu. — tia Lio finalmente se pronuncia, depois de se limpar com guardanapo, retirando o óleo de gordura que fica no canto da sua boca.

— A senhora não conta, tia. Não tem filhos.

— Se tivesse, acha que eu seria como elas?

— Provavelmente.— mamãe e eu falamos uníssonas.

Abro a garrafa de vinho que está na mesa. Coloco o líquido em cada taça das pessoas presentes. Enquanto dialogamos despreocupados, desce um garoto de uns vinte anos pelas escadas de madeira da casa da mamãe. Causando estranhamento em todos. Ele tem uma cara de moleque, olhos pretos e um cabelo estilo *Justin Biber*. Todos esperam explicações da dona Drica, que nada fala, apenas diz seu nome, que é Lucas. Damos um “Feliz Natal” e ele dá um “valeu”. Já o acho mal educado. Mas se conheço mamãe, provavelmente deve ser um desses garotos de orfanato que ela quer fazer caridade para tentar tirar sua alma do purgatório.

Depois nem ligo.

Jaque e Fabrício finalmente aparecem. Chego até a me levantar e cumprimentá-los. Fabrício é um homem que exala masculinidade por onde passa. Se é que me entendem. Barba para fazer, topete discreto, um porte alto e atlético. Muito educado me felicita. Jaque está linda, em um vestido longo, com abertura na coxa, a estampa azul com desenhos de flores combinam muito bem com ela.

Sentamos e começamos a comer.

— Cléo, soube que ficou desempregada. — Fabrício inicia a conversa, colocando uma boa garfada da minha torta e da Mari em sua boca e me surpreendo com seu português fluente.

— Sim. E está muito difícil de arranjar outro. Quando chego na agência de trabalho, as pessoas correm de mim como se tivesse uma doença contagiosa. — ele dá um sorriso divertido. Acho que já sabe da história toda.

— Eu e Jaque conversamos e queríamos te pedir para trabalhar conosco, na Espanha. — tomo um bom gole de vinho e chego até a tossir.

— Ih, seus lindos, valeu mesmo. Mas com todos os defeitos do meu

país, prefiro ficar aqui. — os dois abaixam a cabeça com um semblante triste. — Sinto muito. — tento confortá-los. — Porém não consigo me ver trabalhar em outro lugar.

— Tudo bem, então, prima. Mas qualquer coisa estamos aqui.— Jaque argumenta.

A campainha toca, anunciando que mais alguém marca presença me nossa festividade.

— Quem será? — mamãe levanta-se e vai chateada atender.

Ao abrir a porta...

— Soraya! Que milagre é esse?

Ela entra com sua incrível capacidade de deixar o lugar onde ela pisa mais negativo. Com seus cabelos negros, longos, na cintura, e sua franja reta, quase cobrindo seus olhos escuros. Soraya vai dando o ar da graça na cozinha. Solta uma fumaça de cigarro no ar, fazendo todos terem um ataque de tosse.

— A que devo essa visita? — mamãe tampa o nariz. Ela odeia cheiro de cigarro.

— Eu a convidei. Fiquei muito feliz que vocês se resolveram na festa.— Jaque dá uma piscadinha e a encaro séria sem entender nada.

— Não sei do que está falando Jaqueline. — falo com cara de poucos amigos.

— Eu sei que vocês não se davam bem. Por isso, chamei Soraya para sua festa de solteira. Para tentar apaziguar os mal-entendidos. Deu certo?

Engasgo. Soraya? Na minha festa? Não sei o que essa víbora fazia lá. Odeio a Soraya desde sempre. Meu ódio com ela nasceu quando ela me empurrou de um escorrego quando tinha dez anos, me fazendo cair de cara em um monte de areia e ainda me fez comer cocô de gato. E, quando tinha doze anos? Ela colocou um escorpião no meu quarto, fazendo soltar todos os tipos de gritos histéricos que um pré-adolescente pode dar. Fora o dia que encontrei uma boneca de vodu com meu nome estampado cheio de agulhas.

Jaque continua dando um enorme sorriso, achando que fez uma obra de caridade a nós duas.

— Graças à Jaqueline, eu tenho isso aqui, Cle.o.ni.ce. — joga a bituca de cigarro no chão e pisa com seus saltos pretos, altos. Mamãe faz uma careta, diante de tamanha mal educação.

Ela se aproxima de mim e balança um aparelho celular com ar triunfante. Ao me deparar com o conteúdo que ela me mostra, fico totalmente

boquiaberta ao ver me ver pelada, correndo nos corredores, gritando para o Eduardo:

“Olha só o que você perdeu!”

— Eu sei que se isso cair nas mãos erradas ... ops! Já caiu. Pode dar uma imensa confusão. Já imaginou no youtube? — dá uma risada maquiavélica.

Jaqueline balança a cabeça discordando da atitude.

— Mas eu ... imaginei que tivessem ficados amigas. Achei que estava aproximando as duas. — minha prima murmura triste e negando com a cabeça.

— Pobre menina ingênua. — debocha. — Mas como hoje é Natal, tenho uma proposta a fazer. Topa sair com seus ex-namorados por 10 mil reais?

Capítulo 12

Analisando a proposta

Pausa.

Quero ter aquele controle do filme “*Click*”, onde se congela as pessoas para voltar ao passado. Se tivesse, teria congelado Soraya e metido a faca do peru na cabeça dela! Eu não acredito do que ela acaba de dizer. O que fiz de errado nesta vida? Eu devo ter sido uma pessoa muito má. Porque não é possível que Deus me castigue tanto. O que está faltando agora? Ser presa? Morar debaixo de uma ponte? Ser abduzida por aliens? Eu já não duvido de mais nada.

— O que me diz, prima? — me fita com os olhos cheios de malícia.

— O que acontece comigo se... não aceitar?! — mordo os lábios com receio.

— Se não concordar, o que acontecerá com você, me dá até dó.— sorri de forma torta.

Fico imaginando esse vídeo circulando na internet. Senhorinhas idosas me chamando de desavergonhada. As portas de todas as agências fechando para sempre para mim. Teria realmente que ir para plateia do Sílvio Santos para caçar aviõezinhos. Que horror!

Prevejo os comentários maldosos das pessoas da internet:

Que estria é aquela na perna esquerda?

Viu aquela celulite no bumbum dessa mulher? Aquilo ali afundaria o Titanic.

Olha só os peitos caídos da Cléo! Se é que pode chamar de peitos, parecem dois limõezinhos.

Que nojo! Essa mulher mal depila as partes de baixo. Está parecendo uma mata atlântica.

— Aceito! — melhor prevenir do que remediar.

Os olhares de todos pairam sobre mim. O marido de Jaque coloca o vinho para fora. Minha prima está incrédula. Tia Lio observa cheia de expectativas. O tal Lucas parece estático. Vovó faz sinal positivo com as mãos, argumentando que antes do fim do mundo, sobra espaço para se fazer coisas idiotas.

— Ótimo! — bate palminhas e senta-se à mesa.

— Filha, você tem certeza? — mamãe me encara diante da resposta que provavelmente mudará os rumos da minha vida.

— Eu tenho escolha? — Jaqueline me olha triste e solta uma “desculpa”. — Tudo bem, prima. Você é muito inocente. Não imaginava o tipo de gente com que estava lidando. — olho furiosa para Soraya.

— Como você é capaz de uma coisa dessas? Eu sempre te apoiei na minha casa, em pleno Natal? — mamãe fita minha prima não acreditando no que estava acontecendo.

— Titia, a senhora devia me agradecer! Estou dando uma de... Mamãe Noel? — volta a gargalhar e continua seu discurso. — Com a dificuldade que minha priminha está, demorará muito para arranjar um dinheiro desses não, é? E além do mais, a senhora também não está em condições de ajudá-la. Aquela sua pensão furreca que o titio te dava foi cortada. Devido... a seu casamento com o menino de fraldas. — aponta para Lucas. Desta vez fico mais perplexa. Mamãe abaixa a cabeça. E agora eu entendo tudo. Aquele moleque era meu padrasto?

Jesus, Maria e José não me digam isso!

— Mamãe!!!! — arregalo os olhos.

— Nós ... eu ... contaria! — diz constrangida.

O tal Lucas levanta-se da cadeira e abraça dona Drica.

Aquilo não está acontecendo. Pego a garrafa de vinho e despejo mais na minha taça. Tomo um bom gole para assimilar todas aquelas informações.

— E a prima Jaque, pobrezinha! Mais falida que moeda de um centavo. — dá um sorriso de dar medo até no coringa! — minha prima e Fabrício abaixam as cabeças e soltam algumas lágrimas que escorrem pelos seus rostos.

— É verdade. — Jaque fala chorosa. — As vendas não estão muito boas, eu e Fabrício tentamos de tudo. Queríamos te levar para lá para que você nos desse uma ajuda. Achei que você pudesse nos recuperar da quase falência.

— Se for assim, eu vou.— tomo consciência da situação.

— Bom, se quiser ir, prima querida, vá! Mas lembre-se que daqui que você adquirir os lucros, demorará muito tempo. E até na Espanha existe youtube!

Como ela sabia de tudo isso? Quem é essa mulher? Uma versão do mal do C.S.I?

Lembro da festa. Do shopping. Das roupas. Minha prima falida

gastando dinheiro com algo que não pode. Sinto um desgosto apertar minha garganta. Não posso recusar.

— Quais são as suas condições? — um pequeno sorriso macabro ronda seu rosto.

— Serão três encontros com cada um deles. Começaremos primeiro com Eduardo? — minha prima estala a língua com prazer do que acaba de dizer.

— Ele vai casar! — arregalo os olhos.

— É por isso que a brincadeira fica boa. — mostra seu sorriso aberto e satisfatório para mim. — Você tem que me dizer onde serão esses encontros, para que eu possa averiguar os fatos.

— O.k. — murmuro perdida. O que posso dizer diante desta situação sem solução? — Quando começa?

— Aguarde o meu contato. Tchauzinho! — sai fazendo um som insuportável de seus saltos. Todos voltam a olhar para mim, me colocando no centro das atenções.

— Não tenho dinheiro sobrinha, senão...

— Tia Lio, não precisa se incomodar.

— Não se preocupe minha netinha, nenhum apocalipse dura para sempre! — pisca os olhos.

Ah, vovó! Se tudo fosse tão fácil como nas suas histórias.

Todos se abraçam chorosos. Aquela noite também fica para história de Natais mal sucedidos da família Fernandes.

Capítulo 13

Explicações

Depois da nossa parente má ir embora, os olhares de todos voltam para dona Drica e o menino de fraldas aguardando explicações. Vovó cruza os braços e ajeita os óculos em desconforto com toda a situação. Tia Lio não fecha a boca e é capaz de ter entrado e saído mosquito de lá sem ela perceber. Jaque e Fabrício estão murmurando um com outro, possivelmente sobre o que Soraya acaba de dizer. Eu, apenas fito minha mãe e espero ela se pronunciar sobre o que está acontecendo.

— Mamãe, acho que a senhora nos deve explicações! — cruzo os braços, levantando da cadeira.

— E você dizendo que era um filho de sua amiga, hein! — vovó fala com tom irritado, perante a mentira da minha mãe. E olhe que ela mora aqui e também não desconfiou de nada.

Drica fica apreensiva e demora um pouco para responder.

— Bem ... eu contaria! — Lucas continua abraçado com ela.

— Vocês não aceitariam. — chora. — Olhem só a cara de vocês agora!

— Eu só quero que saibam, que eu amo muito a Drica. Não pensem que por conta da diferença de idade, isso impede alguém de se amar. Nunca encontrei ninguém como ela. Foi amor à primeira vista. Não consegui resistir. — dá um olhar romântico para minha mãe.

— Nos conhecemos quando eu ia para escola... — Lucas inicia as explicações sobre o relacionamento deles para nós. — Um dos meus amigos tinha esbarrado na Drica sem querer e fez com que ela derrubasse suas compras; rapidamente fui ajudá-la. Nossos olhares se cruzaram e senti algo diferente. A parti dali, passei a ir no mercado em que ela ia para ver se aquela linda mulher passava. Consegui falar mais com ela, carreguei suas sacolas e conversarmos. E aí... o cupido nos pegou!

Quase durmo depois tanto mel que foi colocada nesta conversa. Os dois ainda fazem juras de amor e trocam beijos ardentes. Ainda não consigo engolir tudo aquilo. Faço uma careta. Não admito que um pirralho daquele possa ser meu padrasto.

— A parte do casamento é que eu ainda não entendi. — vovó estreita os olhos e os dois param de se beijar.

— Essa é a melhor parte! — mamãe toma rumo da conversa. — Quando completamos seis meses de namoro...

— Seis meses?! Esse tempo todo a senhora escondeu isso de mim? — falo irritada.

— Eu posso acabar de contar, Cléo? — me olha ameaçadora.

Me calo.

— Então... O Lucas me chamou para conhecer o jardim da casa do seu avô. Quando cheguei lá, estava tudo armado. O juiz da paz estava próximo a uma linda árvore, algumas cadeiras estavam postas no espaço do jardim. Lucas estava de *smoking*. E eu por sorte, estava vestida adequadamente, pois esse safadinho... — aperta as bochechas do moleque, que sorri. Preciso de uma sacola para vômitos! — Me disse que seria aniversário de bodas de prata dos seus avós.

— Te enganei direitinho, hein, amor! — ele sorri. Mamãe dá um beijo rápido nele.

— Então... nós casamos! — finaliza sua história sorridente enquanto nós não conseguimos disfarçar nossas reações de surpresa.

— Ótimo! Realmente estamos no fim dos tempos! — diz Divina.

Acordo no meu quarto antigo. As paredes são rosas com pôsteres de cantores. A cômoda, a cama, são as mesmas. Aquele cheirinho de mofo invade o ar. Livros de Machado de Assis estão na prateleira. Memórias Póstumas tem o capítulo marcado. A minha coberta é de poesias de Drummond. Como fui burra em passar tanto tempo sem vir aqui. Minha essência está neste lugar, não posso fugir disso.

Lavo meu rosto e escovo meus dentes rapidamente, pois sinto um cheirinho de uma comida familiar. Troco de roupa mais veloz que posso e desço as escadas quase no desespero para chegar a tempo de degustar a iguaria.

— TAPIOCA! — sento na cadeira, eufórica. Vovó sorri.

Apesar de ultimamente não falar coisa com coisa, minha vizinha não perde o seu dote culinário. Seus quitutes e doces continuam com o sabor de sempre e posso dizer que até melhores! Minha prima e seu marido estão já à mesa e tia Lio com certeza madrugou. Ela é a primeira a quase pular feito *Jack Chan* em cima da tapioca de queijo e coco que vovó acaba de fazer.

— HUUUUUM ... delícia, hein, vó! — falo assim que termino a minha de leite condensado.

— Obrigado, minha netinha. Quem quer mais? — todos levantam os

pratos.

Lucas e mamãe continuam no clima de tô-nem-aí-para-o-que-vocês-pensam. O melhor é quando ele veio me pedir ajuda na matéria de português, que está em recuperação. Reviro os olhos e falo que ainda não tenho cara de professora de ensino médio. Mamãe só faltou pegar uma colher de pau e me bater.

— Não podemos denunciar aquela tal de Soraya? — Fabrício me lembra do inferno que enfrentaria.

Bufo.

— Você sabe quem é o marido dela? — ele balançou a cabeça negativamente. — É o deputado Sílvio. O cara é metido com tudo que é de ruim que você pode imaginar. — o coloco a par do assunto.

— Verdade. — mamãe concorda.

— De vez em quando ele até aparece no “Jornal Nacional” como suspeita de queima de arquivo de algumas pessoas. Mas claro, ninguém nunca teve prova contra esse cara. São apenas “suspeitas” — faço aspas com os dedos.

— Sem falar que a própria Soraya pode ser comparada com o capeta. A mulher já fez cada uma nesses últimos anos que prefiro nem contar. — tia Lio faz cara de drama.

— Eu realmente sou culpada disso tudo. — Jaqueline começa a chorar. — É tudo culpa minha.

— Não, prima. — seguro suas mãos.

— Amor, sem estresse! Isso fará mal ao bebê. — todos olham espantados para o casal.

— Bebê?! — falamos ao mesmo tempo.

— Contaríamos depois do jantar. — Fabrício vai ao banheiro e volta depois de alguns segundos e com um pedaço de papel higiênico em mãos dá para minha prima assoar o nariz.

— Obrigada, amor. Mas agora ... eu estou acabada! Como sustentarei esse bebê? — volta a chorar, agora nos braços do marido.

— Eu mal entrei na família e já vou ser titio. — o pirralho intrometido fala. Eu e vovó quase o matamos com os olhos. Mostrando que não é hora apropriada para seus comentários.

— Jaque, assim que pegar a grana daquela psicopata, te darei uma

parte, sei que convertendo para euros será bem menos. Mas já serve de ajuda.

— Obrigada, Cléo.— me abraça e para de se lamentar.

— Obrigada mesmo. — Fabrício faz um sinal positivo com a cabeça e sorri.

A tarde passa gostosa. Todos nos reunimos no sofá, assistindo filmes antigos. Claro que o *cover* do *Justin Biber* quis que fizéssemos partidas de *videogame*. Provavelmente deseja também que brincássemos de amarelinha. Pergunto quem queria filme ou *videogame*, a maioria levanta a mão para filme.

Bem feito!

Apesar das tribulações, todos parecem ter se esquecido de todas as coisas ruins da noite passada. Minha prima já mostra um sorriso no rosto, sendo paparicada por Fabrício, que alisa sua barriguinha. Vovó de vez em quando cutuca mamãe e seu novo “marido”.

Sorrio. Adoro a teimosia da minha vó, que assim como eu, não está engolindo aquela historinha da sessão tarde.

Faço pipoca salgada com queijo ralado por cima. Particularmente adoro comer desta maneira. E minha família também. Após o fim do filme, vovó nos conta histórias da sua infância no sertão. Começa com o relato de lobisomem que assombrava as meninas da sua cidade. E também narra a do papa figo. Confesso que esta última me dá um medo que nem *Stephen King* consegue. Um homem que come fígados de crianças é de arrepiar!

Às sete da noite, Jaque e seu marido se despedem de nós.

— Fica com a gente! — choramingo.

— Não posso. Agora que chegará o ano novo, preciso entrar com o pé direito resolvendo todas as pendências. — ela alisa meu ombro como consolo.

— Então, não deixe de me ligar. Posso te passar um planejamento estratégico e um bom plano de negócios. — ela balança a cabeça afirmativamente. Fabrício segura as malas, já colocando no táxi que os espera lá fora.

— Precisamos ir. — diz lacrimejando.

Ficamos nos olhando por instantes como se prolongássemos o tempo para que ele parasse para nós. Difícil ter alguém de sua família que você gosta tanto morar tão longe e ver só de vez em quando. Não tive sorte mesmo, as pessoas que amo moram distantes e as que não quero próximo moram perto

(isso é para você Soraya e companhia)

Nos abraçamos, já sentindo a saudade que nos apertaria.

— Apesar de tudo, tia, a comida estava uma delícia! Principalmente o peru. — agradece minha prima, fazendo mamãe estufar o peito de orgulho e se sentir a Ana Maria Braga.

Fabício nos dá um abraço sincero e promete que se recuperará. Agora eles têm um bom motivo para isso. Ficamos todos na porta de casa, esperando o táxi partir e dá o nosso Adeus.

Capítulo 14

De volta para casa

— Miúcha! Você deve estar faminta, hein! Que maldade deixar você no Natal sem comer. — abro a porta do apartamento e minha cachorra começa a pular e me babar toda. Ela balanço o rabinho como se não estivesse com nenhuma raiva de mim por tê-la deixado passando fome. Os cachorros têm um senso de pureza incrível. Ainda não acredito como tem gente por aí que faz maldade com esses pobres animais, eles realmente são feitos para ser o melhor amigo do homem.

— Vamos para cozinha. — retiro do armário a ração da Mi e despejo na tigela de plástico vermelha, coloco generosas porções de comida me desculpando pelo esquecimento de deixá-la sozinha aqui. Em poucos segundos não sobra um grão para contar a história.

Incrível que ao chegar em casa, aquele clima gostoso de Natal se desfaz. Não há guirlandas, árvore, nem sequer um pisca-pisca. Também pudera, sem grana não comprei enfeites para tal celebração. O máximo que poderia fazer pelo meu lar com meu dinheiro mísero era comprar meias (usadas e talvez furadas) e pendurar na janela na esperança que o Papai Noel lesse meus pedidos dentro delas. Ô vida!

Desperto do meu devaneio ao escutar o som da campainha. Escancaro a porta e não tem ninguém. Fecho em seguida. Provavelmente são os pirralhos do 403. Desde que eles viram a Mari dançando funk, enquanto a porta estava aberta, vivem me perturbando.

Novamente aquele som de volta.

Retornando ao local, olho para os lados, nada. Até que encontro um bilhete perto do meu tapete.

Já descobriu quem é o Mascarado que você dançou outra noite?

Levo um susto ao ler aquelas palavras. Procuro por alguém no corredor, mas não há. Fecho a porta e volto ao meu apartamento. Tenho uma ideia insana. Pego um bloco amarelo que está em uma das minhas escrivaninhas e puxo a folha e começo a escrever.

Se for você, por que não começa me contando? Sou muito curiosa. rs

Empurro o papel para o lado de fora. Para minha surpresa, a campainha volta a tocar.

O que eu estou fazendo? Voltando a ser uma criancinha do primário?

Abro o bilhete e sorrio.

Ih, curiosidade matou o gato!

Rabisco a minha resposta, empurrando a página para o lado de fora.

Então, já estou morta faz tempo! rs

Segundos depois...

Não se preocupe. Mais cedo ou mais tarde, você descobrirá. Já tem uma pista. Eu moro no mesmo prédio que você.

Escrevo de volta.

É uma pista muito rasa, não acha? Que tal me dar mais?

A campainha toca novamente.

Hum. Não sou o que você espera. Sou gordo, ronco e tenho chulé. Você aguenta?

Gargalho.

Talvez. Depende se suas qualidades superam seus defeitos.

Levanto de supetão e abro a porta com força. Mas vi apenas crianças brincando no corredor. Meninos e meninas jogando amarelinha e outros brincando de pique-esconde.

O Edu chega a abrir a porta me dando um “oi”. Fecho-a na mesma hora.

Espero mais por alguns minutos. Até que...

Primeiro: você tem que me conhecer para saber. A hora ainda não é agora.

Escrevo de volta.

E quando será?

Escuto passos vindo em direção ao meu apartamento.

No momento certo. Agora preciso ir. Tem alguém vindo em direção à sua casa. Beijos!

Ainda estou ajoelhada no chão, espiando atrás da porta. Mas para minha surpresa, quem vem na direção da minha residência, não era uma pessoa, na verdade era alguém altamente perturbada: Soraya!

Capítulo 15

Altamente perturbada!

Soraya mal entra no meu lar que minha cadela avança para cima dela. Ela sacode Miúcha para os lados, enquanto Mi range forte e parece não querer largá-la. Ela é uma detectora de pessoas ruins, fez isso com o Edu e não errou.

Olho a cena esperando que minha cachorra dê um fim naquele ser humano que é minha prima, mas isso não acontece. Depois de inúmeros palavrões de Soraya e difamações à cadela, Miúcha a larga e late forte a seu lado.

— Cachorra idiota! — olha com nojo para Mi.

Quero matá-la! Ninguém fala mal da Miúcha na minha frente. A contragosto e para encerrar o fim daquela visita desagradável, tiro minha cachorrinha de cima dela e coloco-a na casinha, que fica na varanda. Tranco a porta e falo com a esposa do capeta.

— Só lembrando... na minha casa mando eu. Não ameace a Miúcha, faço ela arrancar suas tripas. — trinco os dentes.

— Para alguém que está sendo ameaçada por mim, você está muito petulante. — senta-se no meu sofá com um olhar desdém.

— O que quer? — cruzo os braços.

— O encontro será hoje. Faça-o sair com você. Será no restaurante Amuleto. — pega minha agenda e anota o endereço. Me dá o papel e sorri triunfante. — Se não for queridinha, um certo vídeo circulará pela internet e você sabe, não se tira essas coisas da noite para o dia! — sorrio. Tenho uma ótima ideia para aquele encontro, que ela nem imagina.

— Adeus, priminha. — coloca um óculos preto quadrado e sai.

Coloco um vestido florido, tomara que caía, justo, com comprimento mini. Calço minhas sandálias rasteiras e capricho na maquiagem. Um esfumado nos olhos. E um batom na cor rosa bebê. Faço um *babyliss* no meu cabelo. E me olho no espelho confiante. Estou pronta. Agora vamos à guerra!

Saio do meu apartamento e vou em direção ao alvo. Toco na campainha. O indivíduo me atende e me fita com o maior ar de desejo. Pelo amor de Deus! Alguém avisa que ele vai casar!

— Senhorita? — ele morde os lábios. Percebo que há uma barriguinha saliente ali, mas continua bonito, devo admitir.

— Sabe... queria me desculpar com a maneira que venho me comportando ultimamente. Edu, não foi muito legal o que andei fazendo. — isto faz parte do meu plano. Eu queria mesmo que ele se ferrasse!

— Eu também. Queria te pedir desculpas pelo lance com a Michelle. — baixa a cabeça e depois volta a olhar para mim.

— Então, queria saber se você quer esquecer o passado e aceitar como pedido de desculpas ir para o restaurante Boteco furado.

Mudo de planos. Direi à Soraya que insisti por tudo, mas que ele não quis de jeito nenhum sair comigo para aquele restaurante que ela indicou. O que eu quero com isso? Fazer o Edu nunca mais olhar na minha cara. Esse boteco vende comidas extremamente gordurosas, conhecendo o meu ex, ele tem um hábito alimentar saudável, provavelmente dirá não. Sorrio triunfante.

— Proposta estranha ... bom, eu vou.

Ih, ferrou!!!

A noite está bem fria. Meus pelos estão arrepiados e cruzo os braços constantemente para me aquecer. Meus cabelos balançam-se com o vento da maresia e devo tremer um pouco, pois no caminho, Eduardo se oferece muitas vezes para que aceite seu casaco. Putaqueopariu! O cara está muito gostoso. Que cavanhaque é este, aí? E estes olhos? Tão ... Ei! Que é isso? Dou um tapa no meu rosto a fim de tirar minha consciência safada de cena.

— Que foi? — olha para minha face desconfiado.

— Nada. Um mosquito. — sorrio meio torto.

Tento me controlar ao máximo perto do Eduardo, mesmo depois de tudo, ele ainda consegue causar um *frisson* dentro de mim. Tudo nele é convidativo para a perdição. Os olhos, a boca fina e até por estar um pouco cheinho ele ainda tem seu charme. Preciso me monitorizar ou boto meus planos por água baixo. Respiro fundo e jogo meus pensamentos pecaminosos em uma parte distante do meu cérebro.

Finalmente chegamos no local. Ao entrarmos, Edu abre a porta de vidro para que eu possa passar. O lugar é bem chinfrim. A fachada com letras se dissipando, quase não dando para enxergar o nome. As paredes caindo aos pedaços. Sem ar-condicionado. Garçons sem uniformes que podem muito bem ser confundido com clientes.

Sentamos em uma das mesas de plástico e um funcionário mal-humorado nos atende. Eduardo quase tem uma briga com ele exigindo mais educação. Sorrio. Estou estragando sua noite. Isso é bom. No acordo da

minha prima, não tem nada sobre o Eduardo não querer sair comigo, mesmo que eu implore por isso.

Depois das devidas reclamações, outro garçom nos atende. Com um tratamento diferente do anterior, meu ex se dá satisfeito e solicita a refeição. Pede bolinhos de bacalhau com acompanhamento e me pergunta o que desejo, requisito ao funcionário anéis de cebola sem guarnição e muito menos líquido para beber. (isso tinha a ver com meu plano) E, levando em consideração a qualidade do restaurante, se eu morrer, que se dane acordo!

— Como vai o casamento? — puxo conversa.

— Bem. — ele analisa o cardápio e avisa ao garçom que pode ir, sem mais solicitações.

— Bem? Nossa! Achei que Michelle Bigo... Quer dizer... A Michelle, fosse a mulher da sua vida e tudo mais. Pensei que teria mais entusiasmo nesta frase. — o cutuco.

— Relacionamentos não são mar de rosa, Cléo. Às vezes existem problemas a serem enfrentados.

Coisa estranha. Engraçado que não é isso que vejo nas suas postagens no *facebook*, muito menos naquela declaração de casamento na minha porta, que diga-se, foi muito de mau gosto da parte dele, mas enfim, não que esteja espionando, nem nada, uma colega minha curtiu e comentou sua postagem, então, apareceu lá no meu *feed* de notícias.

“Michele é o amor da minha vida.”

Oi?

“Contando os dias para a cerimônia.”

Coitado!

“Nunca encontrei ninguém assim, eu nasci para você e você para mim”

Pobre Edu. Ele acha que é da linhagem das peludas do circo.

O garçom vem a seguir me tirando das minhas divagações. Ao ver os anéis de cebola, mudo de ideia, desejo comê-los com algo a mais para completar o meu plano. Peço mostarda e derramo abundantemente na comida, deixo-a quase nadando de tanto líquido que despus. Meus dedos ficam sujos e lambo-os sem nenhum pudor.

— Você está bem? — Eduardo me olha intrigado.

— Tô. — jogo uma generosa quantidade de anéis de cebola na minha

boca. — Tô ótima! — a mostarda escorrega pelos cantos, enquanto falo de boca cheia. Edu balança a cabeça, sorrindo.

— Você anda muito estranha, Cléo. Venho te observado nesses últimos dias. — levanta a sobancelha esquerda, em sinal de dúvida.

Nesse momento, coloco seis rodela de anéis na boca. Minha bochecha está parecendo um balão de gás hélio que a qualquer momento pode explodir e... explode, caindo salpicos de condimento no rosto do Edu e o deixando constrangido e me fitando ferozmente.

Ele pega o guardanapo à disposição e limpa seu rosto sério e não me dirige mais a palavra. Um silêncio sepulcral invade e o que vejo são os olhares curiosos das pessoas em plantão, por eu ter praticamente cuspid no rosto do meu acompanhante.

Poucos minutos depois do episódio, Soraya chega no ambiente quebrando o clima embaraçoso e me lembrando do meu objetivo naquele lugar. Ela me lança um olhar furiosa e caminha para os fundos do local, sentando-se em uma das mesas. Envio um SMS para ela explicando o motivo de ter trocado de restaurante.

Dá poucos segundos e meu celular toca:

“Ser corno ou não ser. Eis a minha intuição”

Música de alerta mensagem.

Edu gargalha, esquecendo-se do acontecido que construiu uma muralha entre nós, ao ouvir a canção provavelmente se lembra do par de chifres que me colocou.

“Dê em cima dele! O que pensa que está fazendo parecendo um godzila aí nessa mesa? Este lugar é precário, mas tem Wi-Fi, não se esqueça a qualquer momento...”

Digito de forma debochada uma resposta para ela.

“Bom, estou saindo com ele, era isso que tinha no acordo. Nos encontrarmos e ser a mesma Cléo de antes, ah, sempre fui assim com meu extinto... palhaça com ele.”

“Faça-o beijar você. AGORA!”

Ótimo! Com o bafo de enxofre que eu estou, é o momento certo.

— Edu... — ele me fita amedrontado perante meu comportamento desta noite e presta atenção no que falo. Engulo outro pedaço de bacalhau que está no meu prato. — Eu queria te dizer uma coisa.

— Pois, não? — franze a testa.

— Chega mais ... próximo. — ele fica perto de mim com certo receio.

— Mais... — sua face está rente a minha e nossos lábios quase se colam.

— O que você quer falar?

— Isso! — pulo em cima dele, afogando-o com um beijo de um bafo mais fedorento de todos os tempos.

Quando o solto...

Ele está com falta de ar. Chamo os garçons para me ajudar com meu ex. Edu ainda tenta respirar com dificuldades, busca o oxigênio que parece faltar. Os homens do restaurante se aproximam dele e tentam à força fazê-lo colocar para fora, seja o que for que o impede de respirar, as tentativas são em vão. Ele começa a ficar roxo e arregalar os olhos e em seguida cai duro no chão.

Capítulo 16

Susto!

Gente do céu! Será que produzi um bafo químico? Matei o meu ex?

Na verdade, não.

Eduardo é levado em uma ambulância do Samu, por uma possível intoxicação alimentar. O restaurante é fechado. Soraya dá um jeito de sair logo dali antes que algum jornalista intrometido a reconheça. Peço para me darem notícias do pobre coitado. Dou meu número ao enfermeiro, que promete me informar sobre o estado de saúde do meu ex.

Assim que tudo se resolve, saio dali e vou para minha casa e quando chego, reparo em mil contas que deixam debaixo da porta. Deito no sofá; olhando uma por uma. Conta de luz, água, parcelas atrasadas do carro, um aviso que entraria no SPC, taxa de condomínio, fatura do meu cartão de crédito, um alerta que cortarão água e luz.

Respiro fundo tentando não me estressar. Minha vida sempre dá um jeito de ficar pior do que ela já é. Analiso minha situação e vejo que preciso mesmo arrumar um emprego com muita urgência ou necessito fazer tudo que minha prima deseja para poder receber a grana que ela prometeu do seu acordo.

Ao pensar nela, reflito no porquê Soraya fazer essas coisas, não faz o mínimo sentido, se bem que se tratando de uma pessoa sádica como ela, esse tipo de situação de alguma forma deve funcionar em sua mente doentia.

Miúcha está fazendo rodeios no centro da sala e me desperta de meus pensamentos e concluo que ela quer fazer suas necessidades. Se eu a deixar por muito tempo fazendo isso, daqui a pouco teremos outro em um hospital.

— Tá bom mocinha, vamos para praça! — ela me convence.

Saio da sala e vou ao quarto. Coloco um short, blusa de alça e um tênis confortável. Pego a coleira da Mi e descemos pelas escadas. Neste pequeno percurso, encontro a síndica do prédio. Uma velha de 1.50, nariguda, de cabelos grisalhos e uma arrogância que não tem tamanho. A mulher me odeia desde que soube que tive uma festa regada a *gogo boys*. Alegando que isso não é permitido no condomínio e que todos tinham reclamado. Pura mentira. A grande maioria estava na festa e creio que ela inventou isso porque não foi convidada.

— Senhorita Fernandes! — me intercepta com uma pose autoritária.

Paro no meio das escadas. Minha cadelinha já está latindo e querendo atacar a mulher.

— Quieta! — ela late um pouco mais e depois para.

— Senhorita Fernandes, não esqueça de comparecer a última reunião do ano do prédio. Será às 14:00 horas. Espero que possa ir, já que anda com certas pendências em nosso domicílio. — me estende um papel com todas informações sobre o tal encontro.

Saio bufando dali. Antes de irmos para o parque Dona Lindu, vou à pracinha de Boa Viagem. Onde há uma igreja azul e inúmeras barraquinhas com todos os tipos de comida. Bolos, tortas, comida japonesa, pastéis, coxinha. E também um restaurante sofisticado, com ambientação de elementos bem nordestinos. Próximo, há uma lanchonete de comidas naturais. Mas o que eu quero é a tapioca de leite condensado. Desde que voltei da casa de mamãe, fiquei com saudades da comida da vovó.

Me dirijo à barraquinha e peço a moça que capriche bastante no doce. Fico esperando alguns minutos, enquanto ela coloca a massa de mandioca em formas redondas para assar. Depois de pronta, nem espero esfriar, devoro aquela massa deliciosa que não troco por nada. Miúcha como sempre está com a língua para fora para eu dar um pedaço a ela. Reviro os olhos e deixo um pouco cair no chão, enquanto aquela esfomeada ainda me olha como quem deseja mais.

— Agora é só meu, viu! — ela arregala os olhos e pende a cabeça para o lado, em um nítido apelo para minha pessoa, porém não caio em sua farsa inocente, dou língua como uma criança e saímos dali.

Caminho pela feirinha de artesanato querendo comprar cada roupa, bijuteria e lembrancinha. Porém recordo da minha terrível condição financeira e tiro meu pensamento consumista de lá com muito sacrifício. São tantas coisas lindas e por um preço camarada que é impossível resistir, mas resisto!

Atravesso a avenida. As nuvens estão bem carregadas, indicando que iniciaria ali uma chuva. Os ventos bagunçam meu cabelo e sinto meus lábios salgados por estar próxima à maresia. Porém mesmo assim, preciso daquela corrida tanto como Miúcha desejava fazer suas necessidades; que já fez.

Pego do bolso da minha calça uma sacola plástica e tiro o resíduo. Jogo a bolsa no lixo mais perto. Miúcha por um motivo desconhecido sai em disparada pela avenida. Percebo depois que toda essa pressa era porque ela vai fazer amor *i love you* com o cachorro mais rente. Não descrevo a cena, pois é digna de filme pornô canino.

Enquanto a observo (com muito nojo diga-se de passagem) não presto

atenção nas pessoas ao meu redor e quando dou alguns passos à frente para ficar mais próximo de Mi e certificar que ela não foge, esbarro em uma criança. Que ao analisá-la melhor, a vejo chorando porque a fiz derrubar seu sorvete.

— Ei! Olha por onde anda! Você quase... — uma voz masculina me recrimina, porém não termina a frase.

— Desculpe. Não foi minha intenção. — digo constrangida pelas lágrimas que caem daquele ser tão pequeno.

— Olha só o que você fez! — o homem me olha furioso. A garotinha lastima ainda mais.

Santo Deus! Cadê o:

“Perdoa para ser perdoado”

Que homem grosso!

— Olha menininha... — me direciono à pequena, não estou nem aí para aquele crocodilo que está ao seu lado. — Posso te comprar mais dois sorvetes como pedido de desculpa, você aceita? — ela balança a cabeça afirmativamente e sorri. — Vamos ali? — pego sua mãozinha e me dirijo ao quiosque.

Mi sai da sua dança do acasalamento, com a língua para fora e corre em minha direção. Fica ao lado do *godzilla*, que alisa sua cabeça. E me aguarda enquanto compro dois sorvetes de casquinha, um de baunilha e outro de chocolate para a garotinha. Que sorri na mesma hora satisfeita, lambe os dois ao mesmo tempo e suja um pouco sua boca, limpo-a com o guardanapo e o homem que está com ela me observa curioso e de braços cruzados, Miúcha, traidora, não faz nada para espantá-lo dali, o que é muito estranho, acredito que seu faro de detectar pessoas ruins anda falhando.

— Você é gulosa, hein! — ela é tão fofa, parece uma boneca de cabelos negros bem cacheados, olhos de jabuticaba. Usa um vestido rosa claro, com alguns enfeites no seu cabelo.

— Eu adoro chocolate! — degusta mais ainda a sobremesa.

— Eu também. — sorrio ao ver que ela se lambuza à vontade, caindo pingos do sorvete em sua roupinha.

— Qual o seu nome? — puxo conversa.

— O meu é Emily. E o seu? — me olha curiosa.

— O meu é Cléo. — o troglodita fica parado, bufando.

— Vamos, Emily! — ele pega a mão da menina e sai em disparada.

— UM OBRIGADO NÃO CUSTA! — grito enquanto ele vai embora com a menina.

— ERA SUA OBRIGAÇÃO! — responde. Affe! Essa gente anda muito mal-humorada hoje em dia! Não custa nada me agradecer e ser tudo resolvido como um pedido de desculpas gentil de minha parte.

Bufo e balanço a cabeça em negativa, olho para o mar e o observo para tentar me acalmar. Tomo uma água de coco, enquanto Miúcha fica repousando em meu colo, cansada. Penso tanto na minha vida. O que será que eu fiz de errado para tudo acontecer comigo? A que ponto cheguei? Sendo chantageada por uma prima surtada, por conta de um vídeo. Como sairei dessa furada já que estou nas mãos de uma pessoa tão maligna e poderosa como Soraya? Quero ter uma bola de cristal, como mamãe, para adivinhar realmente o meu futuro.

Falando nela, será que ela acertou? Aquele rapaz de máscara que dançou comigo era realmente a pessoa ideal a estar do meu lado? Lembrando disso, me recordo dos poucos minutos que fiquei ao lado dele. Foi rápido, porém, suficiente para dizer que ele mexeu comigo. Seu perfume, seu olhar carinhoso, sua declaração contida na música, fiquei tão alegre por saber que alguém por aí me ama. Tanto que me fez despertar curiosidade sobre quem seria ele.

Sua identidade permanece um mistério para mim. Já sei que ele mora no mesmo prédio que eu, falta saber sobre sua fisionomia, o que faz da vida, há quanto tempo está apaixonado por mim. Suspiro me lembrando daqueles olhos apaixonados, que chegam a brilhar, tenho a impressão que já encontrei com aquelas íris antes, mas não me lembro onde.

Antes que eu possa pensar em mais alguma coisa, meu relógio dá um apito e quando olho já são 14:00 horas. Estou atrasada. Levanto do calçadão e puxo minha cadela junto a mim. Corro desesperada como se estivesse em uma maratona São Silvestre. Por isso chego rápido ao condomínio. Subo em direção ao meu apartamento e só dá tempo de colocar a Mi lá. Desço rápido, pois já são 14:20 pm. Entro na sala atrasada, pedindo licença pelas pessoas que já estão sentadas, tento procurar um lugar, a síndica me segue com os olhos enquanto discursa.

— Com licença, tem alguém aí? — pergunto a um rapaz apontando para a cadeira ao seu lado, que está vazia.

Quando ele vira o rosto.

— Você?

Capítulo 17

O troglodita é meu vizinho!

Não estou acreditando que aquele ... aquele ... serzinho é meu vizinho! Franzo minha testa e me afundo na cadeira; tento procurar outro assento, mas já estão ocupados. Enquanto fico sentada ao seu lado, ele começa a me fitar com seus olhos castanhos intensos. Por um momento quase acho que ele está me paquerando. Se for isso, ele não faz o meu tipo.

É o típico cara relaxado com sua aparência. Suas feições é de um total desleixo. Barba para fazer, sobrancelhas grossas demais e usa roupas bem largas, para tentar cobrir seu excesso de peso, talvez. Como se não bastasse é um tremendo grosseirão!

Não faz meu tipo mesmo!

— Era só o que faltava! — desvio do seu olhar e mostro a minha cara mais carrancuda.

— Era só que faltava, digo eu! — ele sorri, se diverte com esta infeliz coincidência. Emily está em uma cadeira ao seu lado, assim que me vê, me dá tchauzinho. Retribuo.

— Silêncio! — a velha arrogante volta a olhar para mim.

— Que andar? — o fito de forma desafiadora.

— Terceiro. — responde calmamente e sorrindo. Não estou entendendo a alegria deste cara.

— Qual apartamento? — ergo a sobrancelha.

— 501. — ele me encara com os olhos esperando minha reação.

— Ei! Fica acima do meu! É você que faz um ruído tenebroso de guitarra? Olha, fiquei sem dormir um dia desses, por sua culpa! — cruzo os braços e olho de maneira irritada.

— Olha quem fala! Você tem uma cachorra que fica uivando às duas da manhã e ainda faz festinhas regadas a gritinhos histéricos de mulheres! — dá um sorriso debochado.

O encaro com olhos semicerrados. Ele retribui a mesma forma desafiadora.

— E por fim... — a síndica termina a reunião. — Gostaria de falar com

os devedores de nosso condomínio. — seus olhos se voltam para os meus e vejo que um monte de cabeças também. Coloco as mãos no rosto, envergonhada. Permaneço sentada, enquanto os outros levantam-se e saem.

— Paga as contas, xexeira! — ele sai rindo da minha cara e puxa a delicada Emily.

— Pois bem... — depois da saída de todos, ficamos eu e a síndica. Ela organiza alguns papéis que está sobre a mesa, respira fundo como se fosse dizer um assunto delicado a mim. Sei que tudo é teatro desta mulher. Seu sonho é me enxotar a ponta a pés daqui. — Senhorita Cleonice, vejo que há taxas de condomínios estão atrasadas há mais de dois meses, as contas de água e luz chegaram ao ponto de serem cortadas.

— Como é que é?! — arregalo os olhos.

— Isso mesmo. — ela sorri satisfeita e estala a língua.

— Isso foi ... agora? — pergunto incrédula e ela balança a cabeça confirmando.

Acho superengraçado a companhia de energia e água, quando peço para eles virem resolver certos problemas na minha residência, esse povo demora quase um século para chegar. Mas quando o negócio é corte, ai meu bem, eles vêm nem que esteja acontecendo um apocalipse.

— Cleonice, sinto muito, contudo, se a situação continuar assim, você terá que liquidar seu apartamento. — a frase soa mais como satisfação do que pesar, diante daquele sorriso cínico que conheço bem.

— Olha dona Luíza, eu vou receber uma grana e juro que assim que estiver em minhas mãos, pago tudo o que devo. — baixo a cabeça triste. Não quero me livrar do meu cantinho.

— ESPERO! Devia pensar duas vezes antes de torrar seu dinheiro com *gogo boys*. — ela baixa os óculos e me fuzila com os olhos.

Meu apê está um tremendo escuro, não sei onde está nada. Me sinto como uma cega, tateando os objetos da casa para saber onde estou indo. Derrubo algumas coisas e temo me deparar com algo indesejado a qualquer momento, como se não bastasse, Miúcha me estranha e começa a latir sem parar, chega até a me morder!

— Ei! — mais um rosnado. — Miúcha, sou eu! Sua dona! — ela para os latidos e começa a me lambar. Finalmente me reconhece e dou graças a Deus por isso. Escuto um ruído, alguma coisa vibra em algum lugar, sigo o barulho e noto uma luz que clareia a sala. Vindo do meu celular, que toca a música de Mamonas em alto e bom som. Atendo apressada, quase derrubando o

aparelho no chão.

— É a senhora Cleonice Fernandes? — uma voz masculina e desconhecida me questiona.

— Sim. — respondo desconfiada. Que não seja mais um cobrador de dívidas, por favor!

— Boa noite, senhora. Queria informar que o senhor Eduardo passa bem, está mantido sob medicamentos. Daqui a dois dias ele terá alta. Se for do seu desejo visitá-lo amanhã, já será possível. — fico aliviada que o assunto a se tratar seja este.

— Sim, irei. Em que horário, por favor? — busco uma caneta na escuridão e indo em direção ao meu sofá, tato a poltrona e encontro uma jogada entre as almofadas. Coloco a luz no meu braço e ouço o atendente me dizer que às 15:00 horas já é possível vê-lo. Anoto no meu braço e agradeço a informação e desligo o aparelho.

Me agarro ao celular como se fosse minha salvação neste lugar sem energia. A claridade é fraca, porém serve para alguma coisa. Desejo que Eduardo fique bem. Por mais que o odeio radicalmente, não sou uma pessoa ruim. Só queria que eu ficasse doente para atrasar os planos da minha prima perturbada. Mas o tiro saiu pela culatra.

Falando no diabo...

— Oi, Soraya. — atendo o telefone.

— Como combinado, está na sua conta-corrente o valor de três mil reais. Saiba que não suportarei outra audácia sua! Sei muito bem que fez aquilo tudo para destruir o encontro, e essa não era ideia. Está no nosso acordo que...

— ... eu devo sair com ele, como a mesma Cléo de sempre. Serão 3 encontros, que serão solicitados por você, da maneira que bem entender. Sei disso após você repetir mil vezes e ainda ficar soletrando pelo telefone tarde da noite.

— Ótimo! Assim que ele melhorar, terá mais dois. — tum.tum.tum. Desliga.

Tento pela luz do celular localizar minha gaveta, que fica perto do sofá. Ah! Consegui! Pego o círio ali dentro. A coitada já está uma nanica de tanto uso. Faz séculos que guardo naquele lugar. Só usava na época que tinha

uns apagões aqui em Recife e que muitas vezes duravam o dia todo. Depois disso, nunca mais fiz questão de comprar mais nenhuma. Mesmo estando no fim, acho que dará para o gasto.

Pela iluminação do meu aparelho, consigo chegar à cozinha. Pego o fósforo que está em uma das bocas do fogão. Acendo a lume e coloco em uma xícara em cima da mesa. Quando me dirijo à sala, minha cachorra acha que a vela é um lindo sorvete de cera e desatina a puxar a toalha. Sei que segundos depois, sinto um cheiro de churrasquinhos e no final é uma gritaria sem tamanho.

Capítulo 18

Apaguem a fogueira!

Minutos depois, uma equipe de bombeiros chega ao meu apartamento. Alguns vizinhos saem correndo para fora, por conta do cheiro forte de fogo e do alarme de incêndio que é ativado e faz um barulho tremendo de ser escutado até do outro lado do mundo. Enquanto isso, fico no corredor, aguardando a resposta dos bombeiros e se minha residência é habitável, se não for, vou dignamente morar debaixo da ponte.

— Nós conseguimos apagar grande parte do incêndio; ainda bem que chegamos a tempo. Mas por enquanto, é bom que você fique na casa de algum parente. — um deles me aconselha na porta do meu lar.

— Por quê? — olho para Miúcha que parece debochar da minha cara, abrindo a boca mostrando bem os dentes, como se sorrisse. *Tudo sua culpa! — penso.*

— Bom, é por precaução, pode aparecer outros focos de incêndio. É para sua segurança. — reforça. A síndica está parecendo um dragão na minha porta, as bochechas estão estufadas e qualquer momento sai fogo daquela boca e fumaça das narinas.

Respiro fundo.

— Nunca vi alguém trazer tanta confusão como você. — ela bate as pernas, impaciente.

— Bom... — o bombeiro volta a conversar. — Amanhã checaremos se está tudo ok.

— Obrigada. Posso ao menos retirar meus documentos e roupas? — ele balança a cabeça afirmativamente e o agradeço mentalmente por me livrar de um possível desentendimento com aquela mulher. Ela me estreita os olhos e levanta a cabeça enquanto entro na residência sendo escoltada por um dos bombeiros. Por mais que Luíza me dê nos nervos e não ser nada agradável ver meus móveis cheirando a churrasquinho, fico preocupado com uma única coisa que todo viciado nesse entretenimento ficaria:

Meus livros!

Posso perder tudo, menos a coleção de livros da *Marian Keyes*. Eu dei meu rim, pâncreas e fígados por eles. Porém ao abrir a raque, constato que pela glória do senhor, eles estão intactos. Nada os atingiu. Se tivesse acontecido alguma coisa com eles, eu seria capaz de mandar Miúcha para carrocinha!

Coloco meus preciosos na minha bolsa, junto com uma muda de roupas e meus pertencentes e saio do local. A encarregada do condomínio murmura alguma coisa, porém ao passar por ela meus tímpanos ficam surdos e não ouço o que diz. Seguro Miúcha no colo e observo meus vizinhos me analisando, alguns ainda com roupa de dormir, entretanto, nem por isso deixam de espionar o que havia acontecido e mesmo depois de saberem, não foram embora até me ver saindo do local. Os vejo, porém não olho para o lado e desejo que nenhum deles venha falar comigo, só que um em especial, assim que me vê, faz questão.

— Cuidadosa você, hein! — solta um sorriso divertido. Filho da mãe!

O ignoro e vou para um lugar bem rente dali: a casa da Mari. Ela mora em um bairro bem afastado da praia, devido ao aluguel astronômico que se paga para morar por ali. Porém, ainda moramos perto, já que para Mari é vantajoso o bairro, pois seu trabalho é próximo da localidade.

Minha amiga reside em um apartamento simples, de apenas três andares, com as paredes descascadas e o chão cimentado. Mesmo com toda essa simplicidade, acho o lugar bacana, bem arejado, sem vizinhos fofoqueiros. A maioria trabalha altas jornadas e quando chegam em casa só querem saber de dormir.

Chego na recepção com mala e cuia. O porteiro me enche de regras chatas do apartamento não permitir animais. Choro. Suplico. Conto toda a história dramática do que Miúcha fez; narro até o casamento repentino da minha mãe e que não queria ser obrigada a ir para lá e minha amiga é minha solução; minha cadela também me ajuda, sobe na bancada do homem e começa a fitá-lo com seus olhos tristes e balançar o seu rabo repetidas vezes. E ela sem falar, o convence mais do que eu e meu discurso. O porteiro me libera para subirmos. Olho para minha cadela e sussurro:

“Era o mínimo que você podia fazer”

— *BITCH!* — antes de bater à porta, a Mari abre de supetão como se nos aguardássemos. Ela arregala os olhos e parece surpresa.

— Amiga, eu preciso de um... — paro a frase ao ver que ela esconde alguma coisa atrás da umbral.

— Ah, só um segundo. — fecha a limiar e abre de novo, saindo dali, um moreno alto, bonito e sensual.

Ela ajeita os cabelos, dá uma olhada fenomenal para o rapaz, que beija sua mão e sua boca delicadamente e sai. Mas para minha incrível surpresa, outro rapaz, musculoso e de cabelos cacheados também se retira do apê da minha amiga. Este também dá um beijo em sua boca. Fico paralisada na porta

e arregalo os olhos ao imaginar o que aquela doida estava fazendo com aqueles dois.

— Tá bom. O que foi isso? — entro no seu apartamento.

— Meu *personal trainer* e meu professor de dança. — fecha a porta e dá um largo sorriso.

— Ah, Mari. Você é uma danada mesmo. — brinco.

— Com muito orgulho! — diz sorridente.

— Ei, Mocinha! Se comporte. — solto Miúcha no chão e ela sai em disparada latindo. — Não me faça passar vergonha! — ouço outro latido.

— Está me desafiando? — ela mostra os dentes.

— Ora ... sua! — levanto e Mari me intercepta.

— Relaxa, deixa a Mi brincar. — entendendo isso, ela sai em disparada correndo para lá e para cá.

Sento no sofá branco da Mari. Coloco minha bolsa ali mesmo. E conto toda história. Deixo minha amiga a par dos últimos acontecimentos, já que não nos vemos desde de seus plantões que vivem a cansando. Falo sobre a síndica nariguda e sua implicância comigo, e o desastre de hoje na minha casa. Minha amiga arregala os olhos e abre a boca para cada detalhe que narro.

— Cleozita! Miúcha é virada mesmo, hein! — ela sorri pela traquinagem da minha cadela.

— Isso é o de menos, lembra-se da Soraya? — desconverso.

— Sei, sim. A que se casou com deputado? — Mari franze a testa, não entendendo aonde quero chegar.

— Pois é, ela anda me ameaçando com um vídeo daquela comemoração. — olho cabisbaixa.

— A nossa festa? Como? — eleva a voz mediante a surpresa.

— Jaque com aquela inocência dela, a chamou para nossa comemoração. — reviro os olhos.

— Caramba! Era aquela garota que você ficou desconfiada? — ergue a sobrancelha.

— Provavelmente. — respiro fundo.

— Eu sempre disse que esse discurso da Jaqueline de paz e amor um dia colocaria alguém em uma furada. — ela balança a cabeça, concordando

com sua própria afirmação.

— É. E quem ficou na furada fui eu. Ela está me obrigando a sair com meus ex-namorados. — bufo.

— Quê?! — minha amiga se assusta com aquela informação.

— Isso mesmo. Em troca ela me paga pelos encontros e diz que está sendo “bondosa” — faço uma careta ao pronunciar a palavra e continuo — ... comigo e se não cumprir, a louca joga aquele vídeo no youtube. E eu tô lascada!

— Para tudo! Precisamos de chocolate para assimilar todos esses acontecimentos! — sorrio. Ela vai à sua cozinha e traz de volta, duas trufas; uma de licor, outra de napolitano. Conheço bem aquelas embalagens coloridas.

— Cacau Show! — estende a de napolitano para mim. Como devagar, para saborear aos poucos daquele gostosinho que está dançando na minha boca, se derretendo.

— Olha, amiga... — ela mastiga e fala de boca cheia. — Sei como acabar com essa mulher.

— Como? — franzo a testa.

— Precisamos descobrir um segredo cabeludo dela. Uma coisa que você possa ameaçá-la e não ao contrário. — ela róí as unhas, ansiosa, sobre o que podemos investigar.

— Claro! Como não pensei nisso antes? — dou um tapa na minha testa.

— Sou um gênio. — ajeita a blusa com orgulho.

— Convencida! — ela sorri.

— Depois do ano novo, vamos perseguir a perua. E encontrar alguma coisa que possamos usar contra ela! — como é bom ter a Mari como amiga!

— Você é a melhor amiga *bitch* de todas!

— Oh, obrigada, Cléo. Adoro elogios. — sorrimos.

Capítulo 19

Fazendo uma visita no hospital

São 15:00 horas em ponto. O pobre Edu deve estar lá se lastimando da vida, em um quarto branco do hospital, se perguntando se eu apareceria com meu pedido de desculpas pelo acontecido, afinal, minha consciência está pesadíssima, pois, eu queria sim que algo de mal acontecesse naquela noite, porém não que chegasse a esse ponto. Que fosse comigo, não com ele que não sabe de nada sobre o porquê o chamei para sair.

— Por que está fazendo isso? Entendo que você está ferrada com a Soraya, mas não precisa dar uma de madre Teresa de Calcutá. Não se esqueça do que esse cara fez a você. — a voz de Mari me desperta, estamos em frente à clínica, minha amiga me deu carona para chegar ao meu destino e antes de partir para seu trabalho, ela me questiona receosa.

— Oras ... a culpa foi minha, amiga! Não me sinto bem sabendo que alguém ficou doente por minha causa. — argumento.

— Tô achando que você tá querendo esse canalha de volta, dona Cléo. — ela estreita os olhos.

— Não tô! É sério! — juro com os dedos e dou minha palavra. Ela pede que eu seja cautelosa, agradeço o seu conselho e sei que ela me quer bem e teme que eu fique mal de novo, contudo, isso não acontecerá, nem que Edu seja o último homem vivo da terra!

Mari parte me dando adeus e indo para seu trabalho, me deixando ali na porta de entrada.

Caminho para o setor responsável de visitação. Ao chegar na recepção, falo o nome do paciente completo, a recepcionista pergunta meu nome e meu número de identidade, digo tudo a ela, que digita rapidamente os dados no seu computador, consultando no aparelho se eu sou algum tipo de criminosa e poderia fazer uma inocente visita. Por fim, ela me libera. Me fala o número do quarto e me dá um cartão, com o nome escrito: “Visita”. Ok. Passei no teste das fichas limpas!

Pego o elevador e toco na tecla 2, de segundo andar. Aguardo com outras pessoas no espaço chegar no local desejado, que não demora. A porta metálica se abre e vou em direção da sala do enfermo. Passo por enfermeiras e médicos e ao chegar na porta do lugar, de braços cruzados e com os olhos arregalados, está Michelle, ela me olha de cima abaixo e vem ao meu encontro assim que percebe que vim visitá-lo. Respiro fundo e cruzo os braços e aguardo o que ela quer falar.

— O que você quer? — me olha com raiva.

— Fazer uma visita? — respondo parecendo o óbvio.

— Você não é bem-vinda. — cospe as palavras com ódio.

— Está com medo? — ela se cala e vejo uma pessoa me reconhecer pelo enorme janelão de vidro que há no quarto, onde estávamos discutindo na frente.

— Cléo! — ele sorri e dá um simples aceno para que eu entre.

Sua cor parece ter se igualado às das paredes brancas do hospital. Suas faces estão finas e nem há bochechas ali. Noto que a barriga saliente de dias atrás não está mais lá. Observo que a intoxicação atacou em cheio sua saúde, pois sua aparência não parece de uma pessoa saudável.

A contragosto de minha antiga amiga, caminho até ele, com ela me seguindo como se eu fosse uma criança de três anos que precisasse de assistência para o caso de cair a qualquer momento.

— Sinto muito — chego mais próximo. — Era para ser eu.

— Relaxa, Cléo. Se alguém tem que te pedir desculpas, sou eu. — ele me fita por alguns instantes. Michele arregala os olhos, parece decepcionada com aquela frase.

— Se quiser, posso te indicar uma agência, para outro emprego. — se oferece para auxiliar a situação de desempregada que me encontro.

— Não precisa, Edu. Eu dou um jeito. — recuso sua oferta.

— Ainda me sinto tão culpado. Queria fazer algo para minimizar os danos que causei a você. O que aconteceu comigo agora não foi nada perto do que você passou. Vamos começar de novo? Do jeito certo? — Michele assiste tudo estupefata. Várias vezes faz algumas caretas.

— Começando a te pagar um jantar decente!

Não que deixei de odiar amargamente meu ex. Porém, preciso de mais um tempo com ele, por conta do trato com Soraya e daqui para lá, pensarei em um plano mais inocente de acabar com aquele martírio todo sem prejudicá-lo.

— Que papo é esse, Edu? — a minha ex amiga cruza os braços.

— Cléo, pode me dar alguns instantes a sós com a Michele? — balanço a cabeça e saio com olhares furiosos em minha direção.

Trinta minutos depois, Michelle sai aos prantos do quarto e quando me vê, me empurra contra a parede e dirige palavras inóspitas, não entendo o que

acontece, porém me desvio dela, indo em outra direção, ficamos frente a frente, ela não desejava encerrar o assunto ali sem me dizer o que queria.

— Eu odeio você! — grita, ao mesmo tempo que chora.

— Quem devia dizer isso, era eu. Vocês dois me traíram, fizeram tudo por debaixo do meu nariz. Você ainda se passou por minha amiga! — despejo as palavras também com fúria. Ela não é a única com raiva aqui.

— Claro! Porque você é quem pode ter tudo! — menospreza-se.

— Do que você está falando? — franzo a testa. O que ela quer dizer com isso?

— O Edu se arrependeu de tudo que fez com você; depois daquele dia que você nos pegou em flagrante, ele só falava em seu nome, Cléo para lá, Cléo para cá. Até quando fazíamos amor ele gritava por você! Foi aí que tive uma ideia: fingi que estava grávida para encurralá-lo e foi por isso que ele me pediu em casamento! Mas agora ele já sabe de tudo. Que nunca existiu bebê nenhum. — escuto aquelas frases totalmente perplexa. Não sei o que dizer, nem como reagir, diante de tantas informações que nem sequer imaginava.

— Mas aí como se não bastasse, ele comprou um apartamento perto do seu. E para quê, Cléo? Para ficar perto de você. Fiquei furiosa, mas aí me acalmei pois via sangue nos seus olhos quando você o via. Fiquei feliz; tinha esperanças que você tinha superado e deixado para lá. Mas não, do nada, você faz um *strip-tease* na porta da casa dele que o deixou louco. — ela bate na parede do hospital com raiva. — E aí... — continua. — Você resolveu sair com ele. Era isso que você queria? Era esse o seu plano? Dá uma rasteira em mim como eu dei em você?

— Não. Esse não é o meu plano. Não sou como vocês! — digo as palavras ferozmente. Ela começa a chorar.

— Você deve estar muito satisfeita! — mais lágrimas de crocodilo. — Ele terminou comigo, Cléo! Mas não pense que ficará assim. Você pagará muito caro por isso!

Sai do hospital a passos pesados

.

Capítulo 20

Penúltimo dia do ano

— *Bitch!* Vamos logo!

Mariane me convence que preciso sair. Nessa loucura toda que virou minha vida, não estou tendo tempo nem para curtir minha solteirice. Apesar que isso é o menor dos meus problemas. Visto que, preciso arrumar um emprego, dar um jeito de conseguir aquele vídeo da minha prima surtada e também quero minha casa de volta! Mais motivos para tentar esquecer minhas aflições, pelo menos por uma noite.

Estamos na porta de uma boate animada. O lugar parece ser muito frequentado, ao notar pela quantidade de gente que aguarda em uma fila de dar voltas pelo quarteirão. Observo os refletores com cores bem chamativas na entrada do local. Sua decoração fica apenas com seu letreiro enorme e chamativo. As luzes neon contornam cada palavra da boate. “*Love dance*”. Este é o nome do local.

A música meio abafada pelas portas da boate, consegue penetrar em nossos ouvidos e nos contagiar com o som da batida. Mari e eu já estamos perto de entrar. Percorremos pela fila e aguardamos passar dois casais e um grupo de rapazes que estão na nossa frente e finalmente chega nossa vez. Minha amiga dá a um segurança, alto, moreno e com uma expressão carrancuda, nossos ingressos. Ele nos revista e deixa entrar. Noto sua expressão boquiaberta para Mariane. Também! Modesta à parte, a Mari está linda. Com um vestidinho tomara que caia, curto, na cor champanhe. Os cabelos negros com *babyliss* e uma maquiagem muito bacana, por sinal. Eu estou de vestido curto, de mangas longas, na cor branca.

No interior da *Love dance*, minha amiga e eu procuramos uma mesa para podermos nos acomodar. Encontramos uma lá no fundo, quase escondida. Sentamos nos bancos que tem um formato de círculo que rodam o mármore daquele local.

As pessoas dançam eufóricas no meio da pista. A boate é dividida em duas partes: a pista, que fica na parte de baixo do local, onde Mari e eu estamos. E a de cima, onde há uma imensa escada que leva ao primeiro andar. Lá, ficam provavelmente os camarotes, pode-se ver poucas pessoas no andar superior, umas sentadas em sofás acolchoados e outras em pé, segurando taças de champanhe e sendo paparicados por um garçom particular.

— Amiga! Quer dizer que o Edu está caindo na sua de novo? — Mari

pede dois drinques ao garçom que circula para lá e para cá na pista. Com a caneta e caderneta em mãos, ele anota o pedido e se prontifica em trazer o mais breve possível. Ela entra em um assunto que não desejo, mas a respondo explicando de vez minha intenção que parece nunca convencê-la.

— Pois é. O que está parecendo. Mas só tô fazendo essas coisas pelo acordo com a Soraya. Não há NENHUMA CHANCE SE ELE QUER VOLTAR. — falo furiosa com sua falta de confiança neste assunto.

— Tô com medo. — me encara.

— De quê? — O funcionário chega próximo a nós e retira de sua bandeja, nossas bebidas. Ficamos impressionadas com sua rapidez e agradecemos sorridentes. Mari silencia um pouco sobre a sua resposta. Assim que ele sai, ela me responde.

— Que você se apaixone de novo. — olho para ela desacreditada.

— Ainda essa história, Mari? — ela faz uma careta.

Eu sei que o verdadeiro medo dela é de perder sua companheira de baladas. Conheço minha amiga e sei que ela não tem outras companhias femininas, pois a grande maioria das garotas morrem de medo de terem algum laço de amizade com a Mari, com receio do seu jeito independente e livre, justifica ela dar em cima de todos os homens incluindo os comprometidos. Mas isso não é verdade. Quando a Mari é amiga de alguém, ela deixa logo claro que namorado de amiga é mesmo que ser mulher. Contudo, as pessoas preferem julgá-la sem ao menos conhecê-la.

— Se tem uma pessoa que nunca voltaria... é Eduardo do Vale. — digo com convicção. Beberico um pouco do líquido da taça e volto a olhar para ela.

— Espero.— bebe seu drink rápido e para encerrar a conversa, me levanto e termino o restante de minha bebida.

— Vamos para pista! — coloco o copo na mesa e Mari faz o mesmo com dela e vamos para o meio do salão.

A música eletrônica toca a todo vapor. Nos remexemos como se não houvesse amanhã. Balançando os braços para cima e para baixo. Fazendo coreografias sensuais, que pelo visto chama a atenção de dois rapazes. Um alto e um baixo. O baixinho é loiro, com piercing no nariz e tatuagens nos braços. Ele segura minha mão e faz eu dar uma voltinha.

— Nunca pensei que fosse encontrar, aqui, a mais bela das mulheres! — murmura pausadamente e me lança uma piscada de olho atrevido.

O alto é careca, forte e com um sorriso muito bonito. Branco e com os

dentes alinhados. Ele já está no maior clima de pegação com a Mari. Que o deixa envolver em seus braços e tocar seu cabelo e falar palavras secretas em seu ouvido. Logo, logo, sai um beijo, se bem a conheço, ela gostou dele e quando minha amiga quer alguém, ela não faz rodeios e parte logo para cima, fazendo o que bem desejar.

Outra música dançante toca. Não fico parada e chamo o baixinho para dançar. Tinha ido ali com a intenção de esquecer meus problemas, porém se um novo gatinho apareceu, é sinal que estou no lucro. Deixo rolar. Se ele fizer algo errado, dou um chute bem no meio de suas pernas.

Porém, ele até que está se comportando. Não ousa chegar muito perto de mim. Se mantém em uma distância que considero permitida. O rapaz sorri e murmura o quanto eu sou linda. Aos poucos, permito que ele chegue mais próximo. O baixinho segue o mesmo ritmo que eu na dança. Solto, alegre e desinibido. Pulamos, cantamos e fazemos gracinhas um para outro até que a canção para e entra uma calma em seguida. Ele beija minha mão e pergunta se pode se aproximar mais de mim. Deixo. Ficamos com nossos rostos bem colados, fazendo charminho.

— Quantos anos você tem? — cochicha no meu ouvido.

— 22. E você? — me aproximo do seu e respondo.

— 22 também. Já temos algo incomum. — sorri. A dança continua tranquila. Coloco meu rosto em seu peito e chego a escutar as batidas de seu coração; fortes e aceleradas.

— O que você faz, ruivinha? — sua voz arrepia os pelos da minha nuca.

— Desempregada. Agora é a parte que você cai fora? — brinco.

— De jeito nenhum. — dá um enorme sorriso.

Ele ajeita meu cabelão ruivo, jogando as mechas para trás. Uma música romântica e mais leve embala a pista. O rapaz me puxa para um beijo, vacilo. Continuo com meu rosto em seu peito. Abro a boca para perguntar seu nome, mas sou interrompida por uma voz grossa que chega próximo a nós.

— Com licença! — sinto que alguém toca o ombro do meu acompanhante e levo um susto ao me deparar com aqueles olhos que nos encaram.

— Larga minha namorada! — fala furioso. O rapaz franze a testa. O Mascarado conversa algo no ouvido do meu parceiro, que sai pedindo desculpas; nos deixando a sós.

Ele está vestido de terno preto e calças da mesma cor. Só não entendo por que continua com aquela máscara, escondendo seu rosto. Na minha festa

até fazia sentido, mas aqui, agora, em um dia comum não faz mais. Não entendo esse mistério que o ronda, porém espero logo descobrir o porquê de todo aquele suspense.

Algumas pessoas nos olham curiosas, encaram e apontam para nós. Como se ele fosse alguém famoso e só a anta aqui não soubesse. Escuto até alguns gritinhos de mulheres. Porém ele não se incomoda com aquela chuva de olhares que repousam sobre a gente e parece que a única coisa que o importa sou eu bem à sua frente. Pelo modo como ele escolhe as palavras antes de falar e abre e fecha a boca até tomar uma atitude e se dirigir a mim.

— Me concede a honra? — ele estende sua mão.

Balanço a cabeça afirmativamente. Ele pega minha mão delicado e me puxa próximo a seu corpo. Dançamos conforme a melodia da música. Sem pressa e aproveitando nossos corpos juntos para termos mais intimidade, sentindo o cheiro um do outro e nos fitando com intensidade e reconhecimento.

O mascarado em nenhum momento pisa no pé e parece entender de dança melhor que eu, me conduzindo a passos que nem sabia ser capaz de dar, tudo acontecendo de forma espontânea e leve como se flutuássemos na pista.

— O que fez com o menino? Ele se assustou! — estava curiosa.

— Falei umas coisas no ouvido dele. E também ele sabe quem eu sou. — dá um sorriso. — Acho que ele entendeu o recado.

Ele sabe quem eu sou... — a frase soa no cérebro como um alerta. Será que o senhor Joaquim é uma espécie de *gangster* ou um matador de aluguel, que por onde passa, as pessoas temem sua presença? Se for, eu me candidato ao *Guinness Book* como a namorada mais azarada de todos os tempos!

— E você acha que é só chegar assim, dispensando meus pretendentes? — tento não pensar nas possibilidades negativas que meu cérebro está me dando. Emendo logo em um assunto, antes que peça o CPF dele para fazer consulta na polícia federal.

Ele cora. Talvez não espera por essa atitude da minha parte.

— Se incomodo... — faz um gesto que vai se retirar.

— Ei! Não. Estava brincando! — sorrio e o puxo pela mão para nos embalarmos na dança novamente.

— Se acha o senhor tatuado melhor que eu, pode falar. O trago de volta. — fala magoado.

— Deixa de ser bobo! Sua companhia é bem melhor. — ele sorri

satisfeito.

Nos aproximamos de novo e ele aperta minha cintura. O contato de suas mãos faz com que o meu corpo reaja de forma acalorada. Respiro fundo, encostando minha cabeça em seu ombro e comento um assunto que me deixa intrigada, deixando de lado a atmosfera de atração que nos cerca.

— Namorada, é? — murmuro sorrindo, entrando em um assunto que não posso deixar para trás, quando ele enxotou o pobre rapaz que dançava comigo.

— Se você quiser... — me fita com seus olhos castanhos.

— Ainda é cedo. Para começar a namorar com alguém tenho que conhecê-lo bem primeiro. Não quero me enganar de novo. — abaixo a cabeça.

— De novo? — ele me analisa.

— Longa história. — tento deixar essa conversa de lado. Não quero falar do Edu. A única coisa que me importa no momento é ele. — Por que continua com esta máscara? — desconverso.

— Talvez eu não seja quem você queira. — o assunto o entristece.

— Não gosto de mistérios. — resmungo.

— Por que não? Mistérios nos fazem ativar a parte de raciocínio do seu nosso cérebro. Nos tornando mais inteligentes. — diz de forma sábia.

— Como sabia que eu estava aqui? — questiono o fato dele saber da minha presença no local.

— Digamos... que uma certa pessoa me disse! — aponta para Mari, que afirma com a mão e ainda faz um coraçãozinho lá de longe com seu paquera.

— Deve ter feito alguma coisa a ela. Minha melhor amiga não quer contar quem é você! — ele sorri.

— Digamos que prometi uma recompensa, caso me ajudasse com você. — diz misterioso.

— Recompensa? Se tratando da Mari tem homem nesse meio. — Ele dá um sorriso acalorado. Acho lindo o som da sua sonora gargalhada. — Tem ou não tem? — insisto. Estou curiosa para saber quem é o cara que Mari deseja tanto.

— Espera aqui; eu volto rapidinho. — o mascarado apenas olha para o palco, sorri e depois estreita os olhos, como se lembrasse de alguma coisa. Fica parado por alguns instantes como se planejasse algo. Deixando a minha

pergunta sem resposta e indo para onde o DJ está.

Fico pensando por que tanto suspense em responder uma simples pergunta? Quando eu e Mari estivermos sozinhas, terei uma conversinha entre amigas para saber desse segredo todo e de como este homem a calou. Bem que desconfiei de todo aquele mistério, minha amiga sempre me conta tudo!

Ele fala com DJ, enquanto ele tira o LP e coloca outro no lugar em seu equipamento. Os dois comentam algo um no ouvido do outro, vejo o DJ confirmando com a cabeça o que o meu acompanhante fala e os dois se despedem com um abraço meio de lado, por conta de que o profissional coloca o fone de ouvido e remixa a música na aparelhagem.

Poucos segundos depois, retorna para local onde me deixou esperando com um sorriso de orelha em orelha.

O DJ pega o microfone:

— Pessoal, não me matem! Mas tem uma pessoa especial que manda essa música em dedicação à Cléo. — ouço gritos histéricos e aplausos. Aos poucos escuto uma canção, que me deixa arrepiada.

“No deserto que atravessei. Ninguém me viu passar. Estranho e só. Nem pude ver. Que o céu é maior...”

Minha boca abre e fecha inúmeras vezes. Como ele sabe tanto dos meus gostos assim? Esta música mexe comigo de uma forma tão linda que não encontro nem adjetivos capazes de descrever o momento sublime quando a escuto.

— Leandro e Leonardo. — respondo admirada. Ele parece nervoso. Começa a coçar o pescoço. Tem um olhar brilhante pousando sobre mim. Talvez esteja tentando adivinhar minha reação.

— Eu faço isso quando estou tensa. — sorrio ao constatar que temos mais uma coisa em comum.

— Eu também! — ele me dá um olhar intenso que sinto como se estivesse vendo minha alma.

“Tentei dizer. Mas vi você, tão longe de chegar.

Mas perto de algum lugar...”

— Permite? — estende a mão novamente. Balanço a cabeça concordando. Ele se aproxima, encostamos nossos rostos e corpos.

“É deserto onde eu te encontrei.

Você me viu passar.

Correndo só.

Nem pude ver.

Que o tempo é maior.

Olhei para mim.

Me vi assim.

Tão perto de chegar.

Onde você não está... “

Me encosto mais no seu peito sentindo um cheiro de um perfume amadeirado, forte, porém gostoso. Os olhos castanhos por trás da máscara branca, parecem nervosos. Olha para o lado e outro e não consegue me encarar.

Outros casais se formam na pista. Minha amiga está muito animada no outro lado, com o bonitão alto. Ela faz alguns gestos com as mãos e me incentiva de longe para que eu o beije. Enquanto isso, ele fica rente ao meu corpo e suas mãos apertam minha cintura.

“Se eu disser, que foi por amor.

Não vou mentir pra mim.

Se eu disser deixa para depois.

Não foi sempre assim.

Ele não é um cara musculoso, pode ser gordinho, mas é tão aconchegante! Posso passar minutos, horas ali. Não me incomodo. Portanto que eu sinta sempre essa sensação de segurança e carinho que ele me passa.

— Cléo? — levanto o rosto e nossos olhares se cruzam.

— Sim? — a música chega ao fim.

“Tentei dizer...

Mas vi você ...

Tão longe de chegar.

Mas perto de algum lugar.

Não penso duas vezes e o beijo.

Capítulo 21

Feliz ano novo!

Passo no banco e retiro da minha conta os três mil reais que a Soraya depositou. Mari e eu chegamos em casa jogando as notas pelo meio da sala e ficamos gritando: Estamos ricas! Estamos ricas! Estamos ricas!

Minutos depois...

Estamos pobres. É incrível como hoje em dia três mil reais parecem nota furada de um real. Depósito mil reais na conta da Jaqueline. Sei que convertendo a euros aquilo não dá em quase nada. Mas, pelo menos, faço alguma coisa. Algumas horas se passam e minha prima me liga agradecida falando que dará para comprar as fraldas do bebê e pagar uma ou duas contas. Uma salva de palmas para inflação!

Pois é. Porém, antes disso, vou com minha amiga jogar na cara da síndica, as taxas atrasadas e as contas de luz e água. Ela me olha desconfiada e com semblante horrorizado sobre a procedência do dinheiro e como ele surge tão rápido, respondo que não é da sua conta e o que importa que está tudo ali sem tirar um centavo.

Aposto que imagina que me junto com os *gogo boys* e faço *shows* por aí, mesmo que fosse, não justifica os questionamentos que ela faz. Assim que se certifica que está tudo certo, contrariada, ela me pede desculpas e agradece. Sei que ela deseja que eu vá embora, porém não dou esse gostinho!

Corremos para o bairro do Pina fazer algumas comprinhas no shopping Rio-mar. Mesmo estando um dia à véspera de ano novo, o lugar permanece com um ar de sofisticação. Não há ninguém desesperado, nem correndo, apesar de estar lotado.

As pessoas passam ali como um dia normal. Atribuo isso à enorme extensão do lugar e seus quatro andares gigantes que faz qualquer um se perder ali. Não falarei nos vendedores. Quer dizer, vou! Eles só podem ser modelos vindo da passarela de Milão. Mesmo sem você querer comprar nada, automaticamente você entra na loja só para uma vez na vida ficar diante daqueles deuses gregos.

Mari e eu entramos em uma boutique ou outra e ficamos boquiabertas. Minha amiga chega até a pegar o telefone de um!

Estamos em uma fila do “*Mc Donalds*” gastando os últimos dez reais que me sobram com um delicioso Ovomaltine. Aguardamos nossa vez na fila enquanto paquero o atendente colocar o conteúdo na casquinha e murmuro

para que abuse do chocolate, ele dá um sorriso e acena positivamente.

Recebo o meu em um pote médio, recheado de sorvete de baunilha com pedaços de chocolate e calda do mesmo sabor sambando nas bordas e com aquele pozinho gostoso que é o Ovomaltine. Mari também pega o seu. Nos sentamos em um dos bancos da praça de alimentação e conversamos sobre minha terrível situação em relação à Soraya.

— Precisamos daquele vídeo, *Bitch!* — minha amiga fala enquanto leva a boca uma boa colherada de sorvete.

— Só assim acabo com essa agonia. Pela primeira vez, devo admitir, odeio a internet! — com a colher de plástico, raspo a calda de chocolate que está no fundo da casquinha e degusto.

— E o pior que se ela jogar isso na rede, é provável que se transforme em um viral. Você sabe como existem tarados por aí. — minha amiga faz uma careta incomodada com sua própria conclusão.

— Sei bem. O que me intriga é ela saber de tudo sobre mim. — fico pensativa por uns instantes.

— Inveja *Bitch!* Pode crer. Li em uma coluna de fofoca que aquele marido dela vive se metendo em casas de prostituição. Ela deve ser mal-amada. — minha amiga deduz.

— Provavelmente. — dou uma boa colherada do sorvete, Mari e eu soltamos: Huum! E brincamos de soltar os cachorros, assim como Ana Maria Braga faz em seu programa depois de comer algo que a agrade.

Gargalhamos.

— Mari... — me recupero dos risos e começo a conversa como quem não quer nada. — desde da noite passada estou com uma pulga atrás da orelha sobre a tal recompensa que a Mari receberia. Não posso deixar de mencionar o fato.

— Sim? — ela finaliza a sobremesa e joga no lixo próximo e me encara.

— Sabe, ontem eu e o Mascarado estávamos dialogando... — ela sorri e dou tapa leve nos seus ombros pela expressão cínica que ela me lança.

— Conversando? Ih, nem sabia que conversar agora era tocar nos lábios um do outro. — me cutuca.

— Mari! — a repreendo, tentando fazer com que ela não mude o rumo da conversa. — Por que tanto silêncio em não me dizer o nome do Mascarado? Ele me disse que você teria uma recompensa ... — levanto a sobrancelha

esquerda esperando a resposta. Mari dá um largo sorriso.

— E você não acredita que sua amiga só quer juntar os dois pombinhos por simples boa vontade de vê-los felizes? — ela faz um cara de sonsa.

— NÃO! — digo sincera.

— Poxa! Magoou. Mas quer saber? Não é só por isso, não. — balança a cabeça confirmando minhas suspeitas sobre essa bondade toda da minha amiga e ela continua. — Seu futuro namorado tem contatos muitos bons, suficientes para me juntar com o baterista Dennis Lenson! — se abana.

Arregalo os olhos. Sei bem que minha amiga tem uma certa tara por homens famosos. Mas o Dennis Lenson? Será que ela não está sonhando demais, não? O cara é um supergato do momento. Com cabelos cacheados, parecendo um querubim, olhos tons de mel, um pouco magrelo, porém que leva à loucura todas as juvenzinhas desta década. Toca, dança e atua. Ele faz parte de uma *boy band* chamada os Sem nome e Sem vergonha. Dá vontade de rir só de escutar as pessoas pronunciando. Porém, ele ficou mais famoso depois de atuar em uma novela das oito em um canal de T.V popular.

— Ué, não era eu que roía ossos de cachorros? — cutuco-a.

— Esse cachorro é de raça, não vira-lata como o seu. — ela me dá um fora e continua. — aliás, vira-lata é um elogio para aquele sacana do Edu. — mostro a língua para ela e minha amiga sorri satisfeita por ter vencido o diálogo.

— Mas como é que ele tem o contato de um cara famoso desses? — franzo a testa, mudando o assunto e em dúvida do que o Mascarado possa ser.

Antes que a Mari responda minha pergunta, um grupo de jovens se aproximam onde estamos sentadas, respondendo todas as minhas dúvidas. Eles estão uniformizados com camisetas pretas com um *slogan* ” *Grande show da virada*”. Oferecem panfletos para mim e minha amiga. Pego um sem prestar atenção. Depois que vejo o sorrisinho de Mari para o papel, olho atentamente as imagens e letras que estão escritos:

Grade Show da virada!

Com o famoso DJ que vem conquistando o mundo:

Mister M!

Embaixo das palavras tem uma foto do cara misterioso que vem mexendo comigo ultimamente. O terno, as calças pretas sociais e a máscara branca completavam sua imagem no panfleto.

Então era por isso que ele se veste desta forma e nunca tira a máscara?

Caramba! Fico boquiaberta por muito tempo e totalmente sem reação diante deste fato. Um DJ? Eu tenho um cara famoso desses lá no prédio e não sabia? Mister M? O seu Joaquim?

- Ei! Morreu? — minha amiga sorri.
- Mari é... — coloco as mãos na boca, perplexa.
- O Mascarado! — ela responde.
- Não posso perder esse show da virada por nada!

Capítulo 22

O show da virada

Papai incrivelmente se lembra que existo. Me liga à tarde me desejando feliz ano novo. Não entendo nada, pois estou no ano velho. Ele dá uma risada fenomenal e diz que está no Japão. Pergunto como anda seu casamento e ele me questiona sobre o meu padrasto. Argh! Ao falar esta palavra “padrasto” não cabe nem um pouco naquele menino de fraldas, de 19 anos, mais novo que eu, estudante do último ano de ensino médio. Ele está mais para um irmão mais novo, pentelho, que minha mãe resolveu criar. No fim, nos despedimos e ele me enche de promessas que voltaria para o Brasil. Ouço isso desde meus 15 anos de idade. Então, nada de esperanças!

Finalmente retorno ao meu cantinho. Respiro aliviada por isso. Não que eu não gostasse de ficar com a Mari, todos os dias que estive ao seu lado, minha amiga foi uma excelente anfitriã e me deixou à vontade, porém, não tem nada melhor do que estar em sua residência, o lugar que você se sente mais seguro e confortável.

Abro o meu apartamento e ainda está com aquele cheiro de fumaça. Observo a cozinha e as paredes estão escuras, pretas, descascadas. Respiro fundo. Preciso de uma reforma!

Limpo tudo que posso e tomo um banho demorado de ducha; me esfrego ao máximo, a fim de tirar toda sujeira acumulada do ano que se ia. Chego até a tomar banho de mel com rosas, dizem que atraí amor.

Saio do banheiro e troco de roupa. Visto meu vestido dourado, de alças e costa nua. Com a finalidade de romper o ano desejando muito dinheiro na minha vida. Estou precisando! Faço um trança nos meus cabelos ruivos. Esfumo meus olhos com sombra preta, dando um destaque no visual. E, claro, não pode faltar o meu batom! Desta vez passo um na cor morango nos lábios.

— Queria te levar Mi, mas você sabe que não se comporta. — falo com Miúcha que está todo encolhida em um canto da sala por causa dos fogos de artifício.

Despejo a ração na vasilha, para ela não passar fome. Em outra tigela, coloco sua água. Verifico se não tem nada com que ela possa acabar e resultar em uma tragédia: como derrubar o prédio inteiro. Graças a Deus não tem.

Respiro fundo. Especialmente aquela noite estou muito mais nervosa porque encontraria o Mascarado. Depois do nosso beijo, que a propósito, me fez se arrepiar dos pés à cabeça e imaginar se todos são assim, porque se for,

quero esse homem do meu lado, para já! Não nos encontramos mais e como se não bastasse, ele ainda me faz ficar mais apreensiva com um bilhete que deixou debaixo na minha porta de manhã bem cedo:

Quero te ver bem linda hoje à noite. Tenho uma coisa para te contar. Me aguarde!

Do seu apaixonado, Mascarado.

Meu coração faz mais tum do que eu posso escutar. Será que finalmente estou perto de saber quem ele é de verdade? E mais: será que finalmente terei um relacionamento saudável e feliz? Eu desejo muito que sim.

Assim que volto à realidade, olho para o relógio e os ponteiros marcam sete da noite e o show de abertura já deveria ter começado. Não quero perder. Me apresso e pego minha chave, abro a porta, dando de cara com o meu “querido” vizinho bem à frente.

— Cléo? — me observa quase babando.

— Oi... Edu! Como está? — pergunto por educação.

— Bem. — ele responde sorridente. — Onde vai passar o ano novo? — me olha de cima abaixo.

— Na praia.

— Eu também. Se importa se eu ir? É que...

Lá estou eu na areia fervilhante de Boa Viagem, com Eduardo do Vale, meu ex namorado. Ligo imediatamente para Soraya avisando que isso seria o segundo encontro. Ela bufa e diz que está em Copacabana e que nem morta viria para o Recife. Respiro fundo e digo que tiraria fotos para comprovar.

— O show vai começar, Cléo! — Mari faz cara de revoltada por ter deixado o Edu vir. Ela odeia o fato de romper o ano com alguém daquela “espécie”, como ela o chama, e por isso, me puxa ríspida e sai rapidamente para mais próximo do palco. Edu nos segue apressadamente.

Há muitas pessoas, de diferentes classes sociais. A grande maioria veste branco. Outras estão com roupas brilhosas e de diferentes cores. Difícil é caminhar livremente na praia. Alguns chegam até a fazer acampamento na areia, com barracas grandes e pequenas que ocupam o espaço que poderíamos estar. Outros montam mesas redondas no calçadão e reúnem pessoas e se cumprimentam amigavelmente, provavelmente são vizinhos ou família para terem tanta intimidade.

Ficamos próximos ao palco. Que tem uma imensa extensão. Alguns músicos testam o som, seus equipamentos e conversam com o apresentador do show. Têm dois telões gigantes ao lado do palco, com a intenção de fazer com que todos não percam nenhuma apresentação.

— Atenção, praia de Boa Viagem! — o mestre cerimônias inicia a abertura do show.

Gritos e mais gritos. Pessoas alegres, pulando e batendo palmas.

“Ô Mister M! Cadê você? Eu vim aqui só para te ver!”

— Calma. Só dez minutos, pessoal! O nosso DJ está se aprontando. Aguentem firme! Enquanto isso, curtam as nossas músicas locais.

Uma orquestra surge no palco, deixando a multidão eufórica. Passistas de frevo começam a frevar. Passos de tesoura, dobradiça e agachamento.

As bailarinas estão lindas! Com uma saia estampada de lantejoulas com a bandeira de Pernambuco. A parte de cima também é um pedaço da bandeira, só que o top tem mais brilhos que a de baixo. Elas dançam divinamente e fazem lindos passos com a sombrinha de frevo.

Mari e eu tentamos acompanhar. Mas o máximo que conseguimos fazer foi o passo da tesoura. Edu só balança o corpo para lá e para cá. Assim que a música acaba, sinto algo vibrando na minha bolsa. Constato que é meu celular. O abro e me deparo com uma mensagem:

“Você está tão sexy com essa trança”

Olho ao redor à sua procura e não encontro. Como ele sabe meu telefone? Fito Mari e ela dá um sorriso cínico.

“Gostou? Onde está? Não estava nos bastidores?” — digito.

“Oh! Descobriu meu segredo?”

“Não é tão difícil assim, quando se é tão famoso. rs”

“Verdade. Vou indo linda, se prepare para o maior show que você já viu”

Fico tão entusiasmo que não me toco da proximidade de Edu, olho para o palco, atenta, à procura da pessoa que desejo tanto estar ao seu lado.

— Cléo? — ele se aproxima mais.

— Hum ... ah ... oi! — mal o olho, estico minha cabeça e fico na ponta dos pés analisando o palco.

— Estava pensando... — para no meio da frase com receio.

— ... em quê? — grito, enquanto observo se o meu pretendente aparece de vez.

— Você quer voltar comigo. — o Mascarado entra em meio a gritos da multidão. Posso enxergar um pequeno sorriso do seu rosto. Mas paro de ver, assim que o Edu sussurra:

“Eu te amo”

E me beija. Um beijo roubado, claro.

— Enlouqueceu? — o empurro levemente. Olho para o palco e vejo um certo DJ, parado, nos observando.

Capítulo 23

O ano começa mal!

“Mister M agitou o réveillon da praia de Boa Viagem. Mas saiu antes do previsto por motivos que ainda não sabemos.”

Está na primeira página do jornal de Pernambuco.

O jogo no chão. Me dirijo à varanda e me agacho, sentando, com a cabeça encostada na porta. Reflito tudo que aconteceu nos últimos tempos e principalmente na noite passada.

Entre meus devaneios, observo pela varanda que algumas pessoas passeiam no meio da rua, garotas com os sapatos nas mãos, sorrindo como se não houvesse amanhã, meninos comemorando o ano que se chegou, com carro de som tocando músicas altas dos gêneros mais variados.

Sinto um pouco de inveja deles. Estão felizes, com certeza esperam que o ano novo lhe traga mais coisas boas, planos, um futuro. Já eu ... Bem, não sei o que me aguarda, a não ser vergonha, mais humilhação e decadência. Ao constatar isso, solto um longo suspiro. Miúcha chega próximo de mim. Simplesmente colocando sua cabecinha no meu ombro, talvez na tentativa de me animar.

— Oi, lindinha. Feliz ano novo! — digo tristonha.

A noite passada foi um fiasco total. Não cheguei nem a esperar a contagem regressiva. Edu tinha acabado com tudo; se não fosse aquele maldito acordo com minha prima endiabrada, teria dado um soco nele! Saí de lá bufando e me tranquei no quarto e dormir. Escutei batidas na porta, enfurecidas, mas a vontade de ficar deitada era maior, provavelmente foi o meu ex ou Mari.

Assim que acordei, as imagens surgiram na minha mente como um pesadelo. A mensagem do Mascarado, sua cara ao me ver beijando outro homem e minha fuga da praia direto para casa. A noite que poderia ter sido perfeita, foi estragada. Achei que iniciaria algo sério com alguém. Mas enganei. Esquecia do meu dedo podre e de como meu azar para tudo na minha vida me persegue, assim que ele encontra um indício de felicidade, dá um jeito de tirá-la de mim!

Desperto das minhas lembranças ao escutar um barulho do *chat* do facebook. Deixo o computador na mesinha da sala. Levanto-me e vou em direção ao som. Miúcha me acompanha como certifica-se que não estou indo pegar uma faca para me matar.

“Filha! Feliz ano novo! Cadê você aqui?” — é mamãe. Observo a foto de dona Drica sorridente junto com o meu “padrasto” no perfil da rede social.

Argh!

“Meu ano começou péssimo, como sempre. Não tô afim, mãe. Me perdoa?”— digito.

“Justamente por seu ano está péssimo que você devia vir aqui. Eu tive um sonho com você, na verdade é uma previsão, preciso de contar.”

“Não quero saber mais de romance, mãe.”

“O que houve?”

“Nada. Só acabou uma coisa que nem tinha começado”

Alguns segundos depois.

“Enteada! Deixa de moleza, vem para cá! Minha gostosona está cheia de novidades para você, vem Mina!”

Reviro os olhos. Odeio a linguagem daquele menino. E não gosto como ele me trata. Com uma intimidade que não temos. Não sei onde mamãe está com a cabeça.

“Hum-hum. Olha, deixa a mamãe falar, é um assunto de MÃE E FILHA” — ênfase.

Segundos depois.

“Filha, tem tanta comida aqui. Vem, logo! Tia Lio está até colocando tudo em uma bolsinha”

Sorrio.

“Tá bom. Me espera”

Troco de roupa, colocando um *short jeans* claro e uma blusinha de renda azul. Penteio os meus cabelos e confiro no espelho se está tudo certo. Saio do quarto e vou em direção à minha cadela, faço cafuné na sua cabeça, deixando água e comida, para caso eu não voltar antes do previsto.

Abro a porta e quando a fecho, sem querer a chave do meu apê dá uma escorregada e cai longe. Uma certa pessoa com seus sapatos pretos e cafonas a esmaga.

— Po.de. por.fa.vor. me devolver? — cruzo os braços.

— Que foi ruivinha? Noite agitada? Deve ter ficado com muitos caras por aí.— pisa mais no fecho.

— Não estou para brincadeira. Meu dia foi péssimo! Me devolve essa tranca ou vai se ver comigo e aviso sei dar chutes em lugares bem apropriados! — resmungo e levanto o queixo mostrando superioridade.

— Uh! — sai de cima do objeto e a pega com a mão. Me fuzila com aqueles olhos castanhos e me devolve. — Toma.— sorri sarcástico.

— Não acho um pinga de graça. Você não sabe nada sobre minha vida, seu idiota! Pare de agir como imbecil. Nem te conheço! — ele olha irritado para mim e antes que possa responder minhas provocações, Emily chega quebrando o clima.

— Papai! Papai! — ela aparenta ter algo muito importante para falar com ele. Mas antes disso, me encara. — Feliz ano novo, Cléo.

— Feliz ano novo, lindinha. — a abraço e em seguida ela encara seu pai.

— Papai, não vai desejar feliz ano novo para Cléo? — ele fita furioso a pequena. — Hein, papai? Que coisa feia da sua parte! — Emily dá um sermão cruzando os braços, indignada.

— Seu pai está mais preocupado em me desejar um péssimo ano novo, do que um feliz. — bagunço os seus cabelos cacheados e saio de cena. Ele fica paralisado me encarando.

Cara estranho!

Mamãe adora me encher de comida. O prato que ela faz para mim serve direitinho para um batalhão e não para uma única pessoa, contudo, ela não se importa e deseja alimentar até minhas lombrigas se depender de suas vontades.

A mesa grande de sua casa mais uma vez nos reúne. Vovó, tia Lio e meu “padrasto” estão se enfiando das iguarias de Dona Drica, a ceia do Ano Novo deve ser o almoço desta casa por longos dias, pois parece que quando diminui um prato de algum alimento, aparecem mais escondidos entre outros.

— Come mais um pedacinho de lasanha, Cléo. Está tão magrinha! — fala horrorizada. Não se contentando com a montanha de refeição que me pôs.

— Não precisa, mãe. Estou satisfeita. — largo o garfo no prato, não aguentando mais comer.

— Se não quiser, eu quero. — sorrio ao ouvir aquela voz já esperada. — Pode pegar tia, Lio. — sem cerimônias, minha parente não demora para pegar meu prato e juntar ao seu, formando uma avalanche de comida que esborra

pelas bordas, todos sorrimos com sua atitude.

Me levanto, e assim que mamãe percebe que saio, ela me puxa e explica que quer ter uma conversa particular comigo. Subimos as escadas e vamos para o meu antigo quarto. Assim que entramos, ela tranca bem a porta e começa a falar sem parar.

— Filha! Tive uma previsão. Na verdade, foi um sonho, porém tenho certeza que foi uma previsão! Você estava linda, vestida como está agora. Ai, meu, Deus! É hoje! — fala sem conseguir parar seu raciocínio.

— Mãe! — sorrio. Ela acha mesmo que isso pode ser real?

— Por favor! Me escute! Estava no parque Dona Lindu e ele vinha em sua direção, o rapaz, a sua alma gêmea. Cléo, você precisa sair conosco para lá! — insiste com seu papo esotérico.

— Mãe, já disse que ontem à noite foi fracasso total. Não quero mais saber sobre isso. — falo enfurecida.

— Isso tem a ver com a Soraya? — balanço a cabeça confirmando. Mamãe toca em meu ombro, solidária, ela sabe que estou sem saída. Diz palavras de baixo calão para minha prima, característica típica da dona Drica quando fica com raiva. Me dá um abraço apertado e promete que dará um jeito nessa situação. Nosso momento mãe e filha dura pouco. Logo o *cover* de “Justin Biber” bate à porta e mamãe atende toda sorridente.

— E aí, gostosona? Vamos todos para o parque? — ele sorri e direciona seu olhar para mim.

Bufo.

— E, aí enteadinha — bagunça meus cabelos. — Vamos também? — ajeito minhas mechas furiosas.

— Não. Fico por aqui com a vovó. — desvio de seus chamegos.

— Com a velha maluca? Boa sorte! Ela só sabe falar de fim dos tempos e que ela será a salvadora — mais risadas. Detesto o jeito que ele fala da minha vó. Já o odeio amargamente.

— Minha vó não é louca. Ela só gosta de histórias. — a defendo.

— Se é o que você acha... — dá de ombros. Se aproxima de mamãe, agarrando sua cintura e lhe tascando um beijo. Dona Drica fica toda derretida.

— Tem certeza? — ela olha para mim com a esperança que eu ainda vá com eles. — Ainda pode mudar de ideia, ele estará lá, eu sinto.

— Tenho.

Fecha a porta.

Capítulo 24

O terceiro encontro

Vovó me chama pelos quatro cantos da casa em alto e bom tom. Não entendo esse alvoroço todo. Porém, mesmo assim tento me apressar; vestindo rápido um vestido branco, de alças.

Saio do meu quarto e desço as escadas rapidamente, pode ser importante. Contudo, ao me deparar cara a cara com aquele ser à minha frente, entendo o porquê de tanta gritaria da Divina.

— Feliz ano novo, priminha. — diz com um sorrisinho diabólico.

— Antes do mundo acabar, sempre aparecem os demônios. — bufa vovó, indo para cozinha.

— O que quer? — me aproximo dela lentamente e digo na defensiva.

— Vim te dar o pagamento pessoalmente. — estende um envelope, que contém o restante do dinheiro.

— Agora, quero que peças desculpas para o Eduardo pelo seu chilique e volte a namorar com ele. — é incrível como mesmo longe, Soraya sabe de cada passo meu. Nem conto a ela o que houve naquela noite e minha prima já parece saber.

Csi do mal!

— Isso não está no acordo! — reclamo.

— Não! Mas... não sou uma pessoa de palavra. — sorri cinicamente; se aproxima de mim e estende seu celular, apertando em uma tecla da tela, surgindo um vídeo.

Em poucos segundos, um homem, na faixa dos quarenta anos, está sendo torturado com diversas armas brancas para revelar o nome de quem tem denunciado o deputado Sílvio. Sem revelar a informação, em seguida um grupo de homens de terno cinza se aproximam dele. Um do grupo, saca uma arma e atira bem na sua testa e a pessoa cai estirada no chão.

— Isso é só uma prévia do que meu marido e seus amigos podem fazer. Sabe, Cléo... — para por instantes e anda pela sala da minha mãe, me causando arrepios. — Sou muito mais maldosa que meu esposo. — chega próxima a mim. Quase tenho um ataque do coração. Realmente estou nas mãos de uma louca.

— Marque encontro com o Edu, hoje, agora! — ameaça.

Não tenho escolha.

Meu ex está em frente à Galeria Janete Costa, do parque de Dona Lindu. Veste uma blusa polo, na cor verde limão e está com as mãos no bolso, de sua bermuda branca. Olha para seu relógio de pulso, com certeza analisando a minha demora, se encosta na parede e olha para os lados, assim que me observa à frente, ele dá um sorriso ao me ver e dá um solavanco para chegar até mim.

— Oi!!!. — fala com entusiasmo.

— Oi. — respondo sem emoção.

— Então? — espera a minha resposta.

Olho um pouco para o céu e seu tom azul-escuro com nuvens espessas, tornando o dia ainda mais lindo. Fito por uns bons instantes a paisagem, como se buscasse uma ajuda divina para me tirar desta situação. Como não obtenho, respiro fundo e começo a falar.

— Me desculpe por ontem. Fiquei um pouco esquisita. — minto.

— Eu te entendo, Cléo. Te fiz passar por muitas coisas, é uma reação altamente normal. — toca no meu ombro, solidário.

— Eu andei pensando... — Soraya passa por ali, em seguida me envia um SMS.

“Peça ele em namoro e o beije!”

— Eu aceito. — não consigo olhar em seus olhos.

— O quê?! — ele me olha ansioso. Ficamos frente a frente sentindo a nossa respiração.

— Ficar com você. — digo com dificuldades.

— Sério?! — ele se mostra surpreso.

— Sim. Percebi que ainda gosto de você. — murmuro triste.

— Ah, Cléo.— me dá um beijo suave na boca.

Assim que ele retira seus lábios dos meus, dá um meio sorriso.

Estou me roendo por dentro. Nunca voltaria com Edu. Não sinto um pinga de emoção quando estou ao seu lado. Não fico arrepiada e muito menos me sinto conectada a ele. Meu coração não bate no ritmo de uma escola de samba e nós nem temos coisas em comum. Meses atrás desejei que isso acontecesse para dar o troco, como toda mulher magoada gostaria de dar e agora cá estou aqui sem conseguir nem reagir ao que falo e faço. Nem meu

lado negativo entra em ação planejando algo, porque sei que não será possível com minha prima me ameaçando. Antes que Edu me beije novamente, tomo uma atitude.

— Eu vou ao banheiro, é rápido! — me desvio dele e Soraya franze a testa.

Ando pelo parque procurando mamãe. Passo por várias crianças correndo, garotos de *skate* e patins. Mas nada. Será que eles já foram? Caminho para área de brinquedos, onde há gangorra, escorrego e balanços de madeira. Sento em um e fico observando a alegria das crianças estampadas em seus rostos, se divertindo, como se não houvesse amanhã. Quem dera ter a idade delas!

— Cléo! — espanto meus pensamentos e levanto o rosto, me deparando com aquela menininha angelical.

— Emily? — a garotinha me abraça feliz.

— O que está fazendo aqui? — ela olha incrédula para mim e para o balanço que estou sentada. Não deixo de sorrir, ao ver a expressão confusa da garota ao ver um adulto sentado ali.

— Pensando na vida. — ela me observa cautelosa.

— Não pensa muito, não! Minha vó diz que estoura os miolos. — sorrio.

— Sua vó é sábia. — ela senta-se próximo a mim.

— Posso ser uma boa ouvinte. — insiste.

— Ah, Emily. Você não sabe como é bom ser criança, não ter problemas, não sofrer, se estressar, ser responsável. — ela faz uma expressão confusa, provavelmente não entendendo nada. Seu pai chega logo em seguida.

— Onde você estava? Eu... — não termina a frase. Continuo no balanço.

— Pode brincar com suas amiguinhas, filha. Preciso falar com a Cléo. — arregalo os olhos.

— Comigo?! — falo surpresa.

— Sim. — ele faz um meneio com a cabeça.

— Papai! Papai! Não faça nada de mal a ela. Cléo é minha amiga! — ela cruza os bracinhos e olha com uma expressão emburrada, chego até a sorrir.

— Fique despreocupada, meu amor. Não farei mal algum à Cléo.

Brinque com suas amigas, ali. Está bem? — aponta para uns brinquedos e uns adultos. — Suas tias ficam de olho em você. — a menininha assente e sai.

— Cléo, queria me desculpar. Ando sendo muito injusto com você. — diz envergonhado, talvez por sua atitude de horas atrás.

— As pessoas adoram fazer isso comigo; a vida também. — continuo balançando. Para minha surpresa ele senta-se ao lado.

— Quanta amargura nesta frase! — me fita, como se quisesse decifrar minha expressão.

— Sabe quando tudo dá errado quando deveria dar certo? — o encaro.

— Sei bem como é. — ele fita o gramado verde do parque por uns instantes.

— Estou apaixonada por um homem que não conheço e antes mesmo de começarmos algo, acabou. — desabafo.

— Não se menospreze tanto. Não sei o que houve, mas o tempo cura muitas coisas, Cléo. Aprendi com a vida que quando a gente menos espera, ela nos surpreende. — olho para meu vizinho por um momento pensando em suas palavras. Tenho a impressão que já ouvi em algum lugar aquela sonoridade da sua voz, porém não sei onde.

— Cléo... — ele me encara de forma carinhosa. — Eu preciso muito te contar uma coisa. Eu ...

— CLÉO! — antes que meu vizinho complete sua frase, Soraya aparece bem na nossa frente com cara de poucos amigos.

— Por que está aí, sua idiota? Volta lá, senão... — balança o celular.

— Eu vou indo. — ele levanta-se e faz uma careta. Provavelmente não quer se meter no assunto. — Espero que fique bem, Cléo.— olha para Soraya e depois para mim. — E conte comigo para o que precisar. Qualquer coisa. Eu te devo uma! — pisca o olho.

— Tudo bem. — dou um meio sorriso e ele parte.

— Que é isso? Namorico agora? O Eduardo está lá no banco da praça te esperando feito trouxa e você aqui flertando com outro?

— Problema é dele. Problema é seu. Estou cansada de tudo isso! — tenho tanta raiva que puxo de sua mão o celular e o quebro jogando no chão.

— Eu tenho cópias, sua vaca! — mostra vários CDS na bolsa com o título:

“Plano para fazer a Cléo sofrer”

— Vem cá, e o que você ganha com tudo isso?

— Ganho seu sofrimento!

Capítulo 25

Presságio

O salão é brilhante, com um globo girando, e fazendo diversas luzes brancas se espalharem no local. De um lado está o Mascarado, do outro, Marcos, ambos sorriem para mim, e no canto mais afastado do palco de um metro de altura, aparece *Cyndi Lauper*. Com um vestido espalhafatoso, uma jaqueta preta, de couro, e cabelos cortados de um lado e outro não.

Ao encará-la, subitamente olho para mim, também estou com um vestido chamativo, branco com bolinhas e com brincos grandes de argolas. Parece que sou transportada para outra década. Isso só pode ser um sonho. Marcos e o Mascarado continuam sorrindo, ambos não se aproximam. Cyndi me chama com a mão e fico rente a ela que começa a cantar

“Time after time”

Estou com lágrimas nos olhos, acho esta música linda e muito cabível a tudo que ando vivendo.

Me aproximo do palco e subo.

Os cabelos da *Cyndi* estão em um tom alaranjado excêntrico, típico dela. Cara a cara nem acredito na pouca distância entre mim e alguém que venero. A banda toca a melodia em harmonia. Traduzo mentalmente uma parte da letra da música:

“Às vezes você me imagina,

Estou andando à sua frente,

Você me chama,

Mas eu não consigo ouvir”

É o que eu penso sobre o Mascarado, ele pode ser qualquer um e eu não posso ouvi-lo, nem enxergá-lo e inexplicavelmente isso também está acontecendo no sonho, ele só sorri, nem se mexe, ou fala. Marcos também. E agora minha cabeça dá voltas, *Cyndi* deixa a música só na capela e finalmente fala comigo.

“Você terá que escolher”

“Você fala português?”

Me impressiono com a Diva pop falando perfeitamente minha língua.

“Querida, nos sonhos tudo é possível. Mas voltando, você tem que escolher um deles, ou os dois se preferir ...” — dá um sorrisinho.

“Isso é fácil, eu escolho o Mascarado.”

“Tem certeza?”

Dou uma gargalhada.

“Cyndi, Marcos nem é uma alternativa, nem sei o que ele está fazendo aqui.”

“Se ele está aqui, é porque você desejou que estivesse”

“Impossível. Você mais do que eu entende que homens como Marcos, grosseirão e chatonildos não têm vez.”

Ela dá um grande sorriso.

“Cléo, ele pode te ajudar mais do que você pensa. Parece ser uma boa pessoa.”

“Sem chances, Cyndi.”

“Ele te deve um favor. Acho que você pode utilizar disso para conhecê-lo melhor, que tal fazer um ciuminho ao Edu e acabar com os planos da endiabrada da Soraya?” — ela pisca.

“Até você?! Conhece a minha prima do mal?”

Ela apenas assente e volta para o seu microfone terminando a música. Olho para o Marcos e as palavras de Cyndi gritam dentro da minha mente.

“Ele te deve um favor”

“Que tal fazer um ciuminho ao Edu?”

Eu posso pedir uma coisa ao Mascarado! Porém não sei onde ele mora, nem tenho seu telefone, ele é inviável, Marcos não. Junto todos os fatos daquele sonho louco e tenho uma incrível ideia. Se meu vizinho topa, acabo com os planos da minha prima do mal.

Cyndi começa a tocar outra música e fico dançando no palco, o Mascarado se aproxima e ela apenas dá um sorriso cúmplice. Continuo dançando no maior estilo “anos 80”. Mister M finalmente sobe no palco em câmera lenta, fecho os olhos já esperando o beijo, porém antes que aconteça, eu desperto! Droga! Na melhor parte!

Acordo sorrindo. Cyndi Lauper cantando para mim e me dando conselhos? Só pode ser um sonho. Não nego que depois penso porque meu cérebro cogita a hipótese de Marcos ser uma opção de escolha, não sinto nada por ele, certo que ele foi bem fofo no parque se desculpando e se oferecendo para qualquer coisa que eu precisar, mas ... Sei lá! Sem chances.

Contudo, já que ele mencionou o fato de me dever uma, quero saber se ele topa fazer uma baita loucura que está na minha mente. Temos tão pouco de convivência e já ir pedindo um tipo de coisas dessas. Porém, se minha ídola pop falou, mesmo que em sonho, quem sabe não pode ser uma possibilidade?

Visto uma blusa branca bem folgada e uma calça *legging*. Calço meus tênis e resolvo caminhar, o que está fazendo muito bem para minha saúde e até minha autoestima. Desço as escadas rapidamente e no percurso cogito a hipótese de falar com Marcos, mas pelo horário, ele pode estar ocupado, deixo para depois da caminhada.

Por uma incrível coincidência, encontro justamente com ele no portão do condomínio. Não só com ele. Uma mulher está a seu lado. Ela é morena, de roupas apertadas e com a alça do sutiã caindo; juro que minha intenção é abaixar a cabeça e passar pelos dois como se nada estivesse acontecendo, porém ao ver a briga e as gesticulações exageradas da mulher, fico paralisada no *hall*, esperando que aquilo acabe logo.

Coisa que meus vizinhos também estão fazendo, alguns levantam a hipótese de ir lá pedir para abaixarem a voz, outros dizem que em briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Esta última me fez recordar que ele é casado. Meu Deus! Como Cyndi Lauper me aconselha a ir atrás de um homem casado? Tá certo que foi um sonho e Cyndi nunca me viu mais *power ranger*, mas não minto que sinto uma pontadinha de amargura.

Sou muito burra mesmo, se ele tem filha, com certeza deve ter esposa. Mas para minha alegria, escuto uma das vizinhas dizer que era a ex e que eles terminaram faz tempo. Sinto um alívio imediato, por que não sei, porém meu contentamento é interrompido pela gritaria da mulher.

— Você é um gordo xexelento mesmo! Acha mesmo que fico com aquela pentelha no fim de semana? — Marcos responde baixo e com gestos em mãos, pede para ela se acalmar, porém, acho que ao ver a plateia crescendo a mulher grita mais. — Cuide dela você! A ideia foi sua de ter uma filha, eu concordei porque na época queria te agradar, antes de ser essa poça de banhas que você é agora. Duvido que alguma mulher te queira,

imprestável!

Alguns caras se aproximam e tiram sarro do Marcos. Tudo bem que ele é um chato, mas ninguém tem o direito de humilhar alguém daquela forma e ainda mais em público. Onde está a educação daquela mulher?

Marcos tenta acalmá-la e chamá-la para subir, porém ela sempre recusa e faz mais um escândalo. Diante da falta de atitude de alguém, me revolto ao escutar um cara do meu lado que diz que concorda com ela e suas gritarias que o “banhudo” não pega ninguém.

Não sei o que me dá na cabeça que vou em uma velocidade máxima até aqueles dois e parece que naquele dia eu engoli inúmeras pílulas de sem-vergonhices para dizer o que digo.

— Ele dá mais no coro do que você pensa, querida. E é bom falar baixo e parar de insultar o meu namorado! — agarro Marcos pela cintura, ele olha abismado para mim. Não sei se a plateia do condomínio escuta, tanto faz, pouco me importa o que pensam.

Não sei se foi minha sonoridade de falar claro em bom tom ou se foi a surpresa da mulher ao saber que Marcos pode sim arranjar outra. Sei que ela levanta as mãos, como sinal de rendição e dá um sorriso de deboche.

— Como quiser, vou indo, antes que atrapalhe o casalzinho. E não fico com ela, ouviu bem? — pega um óculos escuros da sua bolsa e coloca em seu rosto e parte. Marcos fita o *hall* do condomínio e suas bochechas avermelham-se, acho que ele constata a vergonha que passou.

— Obrigada, Cléo. Não esperava isso de você. — fala com sinceridade.

— Por que deixa ela fazer isso? — ignoro o que ele acaba de dizer e o confronto.

— Porque não grito com mulher. — diz cavalheiro. — Mas vou impor limites nisso. Para mim já chega! E além do mais, Melissa gosta de aparecer, como você bem viu. E tudo isso porque pedi para tomar conta da Emily no fim de semana, já que tenho que resolver algumas pendências do meu trabalho e ninguém da minha família poderá ficar com ela. Ficarei em casa mesmo. — diz derrotado e colocando as mãos na cabeça.

— Que absurdo! — me indigno.

— E olhe que desde que ela nos abandonou, eu nunca pedi para ela ficar com a Emily.— seu semblante é triste.

— Eu me ofereceria, mas é que tantas coisas estão acontecendo na minha vida. Que não sei te dizer se ela ficaria bem ao meu lado. — bufo pela minha inutilidade.

— Imagina, Cléo! Não precisa se incomodar, não era nada demais, eu posso dar conta. — suspira.

— Você parece abatido com a presença dela, ainda a ama? — ele gargalha.

— Ah, Cléo! Se soubesse as coisas que ela me fez, não faria esta pergunta. Mesmo que eu gostasse me obrigaria a não gostar, ela não merece o amor de ninguém, nem meu nem da minha filha. Esperava que, pelo menos, ela amasse a Emily, mas novamente quebrei a cara ao imaginar isso.

— Quem ama de verdade não faz esse tipo de coisa e mesmo que a pessoa seja fora dos padrões, a gente só consegue enxergar com os olhos do coração. — murmuro com um ar apaixonada.

— É mesmo? — ele levanta a sobrancelha e dá um sorriso de lado.

— É. Eu por exemplo, estou gostando de um rapaz como você.

Marcos olha para entrada do condomínio e vê poucas pessoas, mas, mesmo assim, ainda estão lá, curiosas sobre a nossa conversa.

Estamos plantados no portão como duas estátuas e aí que ele sugere que saíssemos dali. Eu me esqueci da minha caminhada, quando ele nota minha roupa e meu tênis se oferece a ir comigo, andando pelas avenidas e calçadas.

— Defina um rapaz como eu. Estou curioso para saber que a Cléo adoradora de homens bonitões e musculosos faz com um rapaz como eu. — dá um sorriso sarcástico.

— Adoradora de musculosos? Cara! Você parece minhas amigas. — não me chateio com sua conclusão, acho até engraçado o modo que ele fala.

— Te vi algumas vezes com alguns, no seu apartamento, não pense que eu estava te vigiando, mas às vezes eu passava por você e via. — ele ruboriza.

— Incrível como não te notei. — estranho sua declaração.

— Não sou uma pessoa de ser notada mesmo. — diz com pesar.

— Desculpe. — abaixo minha cabeça envergonhada. Entendo o que ele quer dizer e isso me entristece.

— Não precisa. Eu que tenho que te pedir, você parece ser uma pessoa legal e eu aqui te julgando. — seus olhos brilham ao me observar, eu paro um pouco e o analiso, quase me perdendo naquelas íris castanhas, em seguida chacoalho minha cabeça e o respondo.

— Já tô acostumada com isso. Tenho os meus defeitos e não nego que

um homem bonito e sarado chama muito minha atenção e como você viu era esse tipo que eu andava por aí. Tive muitos ficantes, mas só dois namorados e todos seguem esse padrão. Mas agora as coisas mudaram.

— Por que você disse que era o seu tipo? No passado? — se mostra curioso.

— Como te disse, eu estou apaixonada por um rapaz fora dos padrões e como te falei no parque, eu não sei quem ele é, porque ele usa uma máscara quando me encontra. — não sei o que ele fez, porém eu só consigo falar a verdade quando estou ao seu lado.

— Sério? No maior estilo fantasma da ópera? Esse cara tem problemas. Toma cuidado para ele não ser casado, um psicopata, um foragido da justiça e por isso cobrir o rosto. — fala preocupado e ao mesmo tempo sorrindo.

— Não! — sorrio. — Creio que não. Ele é o Mister M.

— O DJ? — fala alto, abismado.

— Sim. — respondo sorrindo com sua surpresa.

— Caramba! Quando vocês se acertarem não se esqueça de apresentá-lo a seu amigo aqui. Sou um grande admirador do trabalho dele. — nós dois gargalhamos.

— Pode deixar que não esqueço. — chegamos na orla e agora esperamos o sinal abrir, para passar para o outro lado da avenida.

— Mas por que ele? Nem o conhece. — Marcos retoma nossa conversa.

— É difícil te explicar, sabe. Mesmo não sabendo como é seu rosto, eu sinto como se o conhecesse há tempos, quando estou perto dele é como se todas as luzes de todos os prédios se acendessem, como se borboletas flutuassem no meu estômago e como se tudo ficasse ainda mais colorido. — ele faz uma careta e me diz que sou muito piegas.

Gargalhamos e o sinal de trânsito fica verde. Permitindo atravessarmos a avenida e ir para o calçadão da praia.

No percurso da caminhada conto ao Marcos cada detalhe do que está acontecendo na minha vida, narro até com um pouco mais de drama, para quem sabe sensibilizá-lo com minha situação.

Ele fica a par da minha festa, dos *gogo boys*, nesta parte ele faz uma careta e soca o ar, não entendo sua reação, porém continuo narrando os fatos. Conto do que fiz na frente da casa do Edu e ele começa a sorrir me chamando de louca e digo também que essa travessura me levou a ficar comendo

miudinho nas mãos da minha prima altamente perturbada.

Marcos sorri e diz que minha vida daria uma boa novela mexicana. Será que se eu mandar o *script* para papai ele envia aos estúdios da Televisa?

Depois de darmos umas quatro voltas no calçadão, indo e voltando, finalmente chego na parte que quero. Narro a Marcos que estou estragando com tudo que Soraya manda eu fazer, a fim de acabar com seus planos loucos e aí solto a pérola do meu plano em que o envolve. Marcos arregala os olhos e fala inúmeros não, que é muito decente para fazer esse tipo de coisa com alguém, vulgo dizer, Edu. Mas aí conto da minha galhada fenomenal e rapidamente ele topa.

— Será que dá certo? — me encara.

— Torço que sim. Não vai amarelar, vai? — fico com medo dele dá para trás.

— Não sou homem de amarelar. — diz firme.

— Gosto assim.

Marcos dá um lindo sorriso e instantaneamente meu coração acelera e não entendo o porquê. Isso só acontece quando estou com o Mascarado e este não é o caso. Talvez seja porque Marcos se parece com ele, na fisionomia e principalmente o olhar. Um olhar sincero do mesmo tom castanho.

Deve ser por isso que eu estou desse jeito. Só por isso!

Me recordo do meu sonho e penso se Marcos pode ser uma possibilidade. Chacoalho a cabeça, tirando de longe esses pensamentos. Lógico que não. Óbvio que não!

Voltamos para casa e nos despedimos no pé da escada, ele vai na frente, pois parece que a tia que toma conta de Emily saiu, deixando-a sozinha. Ele soube porque a criança ligou avisando. Rapidamente e muito preocupado, apressa-se. Antes de ir, me conta que dá uma bela bronca em sua irmã quando a vê. Acho lindo o carinho que ele tem pela filha. Poucos homens têm aquela dedicação.

Ele parece segurar a barra, firme e forte. Não deixa a mãe se virar sozinha e faz parte do crescimento e aprendizado da criança. E também pelo que vi hoje, acho que Emily só pode contar com ele, pois aparentemente sua mãe parece não se importar com ela. O que é uma pena. A garota é extremamente inteligente e especial.

Entro no meu apartamento e bem rapidamente tomo um suco de manga. Em seguida, pego minha lista telefônica e meu telefone. Disco números de contatos de pessoas que possam me ajudar e para minha sorte ao

terminar cada ligação, percebo que elas podem sim. Eu vou contra-atacar Soraya e será quando ela menos esperar.

Capítulo 26

Meu plano número 2

— Mari, você vai me ajudar? Diz que sim! — suplico depois de lhe contar meu plano.

— Cléo, é muita loucura! — fala abismada.

— Conto com você para isso. Por favor! Eu e o Marcos... — antes que termine, ela me interrompe.

— QUEM?! — quase estoura meus tímpanos.

— Marcos, meu vizinho. É uma longa história, Mari. Depois te conto tim tim por tim tim sobre ele.

— HUUUUUM — ela solta de forma debochada.

— HUUUUUM o que? — sorrio, sei bem o que ela está insinuando com esse tom de voz.

— Tô vendo que se o Mascarado não cuidar, tem quem cuide, hein! — ouço uma sonora gargalhada por trás do telefone.

— Mari! — a repreendo.

— Mas você sabe quem é o meu favorito, né? — me alfineta.

— Amiga, foco! Vamos nos concentrar no meu plano.— desconverso.

— Tá saindo de fininho, que eu tô ligada, mas só dessa vez eu deixo, viu? Depois quero saber dessa história! — desta vez é ela quem me adverte.

— Tá bom. Mas e aí, topa ou não? — cruzo os dedos na esperança que ela aceite.

— O que eu não faço por você, Cleozita? Dou um jeito de sair daqui o mais rápido possível. — comemoro animada. — Mas esses empregados me acobertam mesmo? E o que eles ganham com isso? — de repente sua voz soa apreensiva. Trato de tranquilizá-la narrando os fatos e mostrando que minha prima má tem mais inimigos do que pensamos.

Conto a história toda sobre eu ligar para tia Lio, pedindo informações sobre os empregados de Soraya. E para quem não sabe, tia Lio, além de ser uma boa comilona sabe da vida de tudo e todos e me detalhou cada empregado daquela casa que eu poderia entrar em contato.

Hoje de manhã saí como uma detetive, ou foragida da lei, com óculos escuros, cabelos presos em um lenço e me esgueirando em becos (para ninguém nos ver) interrogando os meus possíveis aliados para meu plano.

“Eu a mataria se eu pudesse, mas sabe como é gente rico. Você não tem noção o que ela pode fazer. Uma vez fui obrigada a limpar os ânus dos cachorros alemães dela. ÂNUS! Tem noção da gravidade? Fiquei quase um ano sem conseguir olhar direito para minhas mãos e não associar à cena.”

A empregada relatou seus dramas e eu apenas assenti horrorizada.

“Aquela diaba me fez ir ao ginecologista e me passar por ela para fazer um exame. Para provar para o marido que não tinha gonorreia. Acredita?”

Balancei a cabeça negativamente e ganhei mais outra cúmplice.

“Podemos matá-la e jogá-la no esgoto, no lugar que ela merece.”

Neguei a possibilidade do jardineiro e agradeci a sugestão; fiz isso porque estava com medo do sujeito, que olhava para minhas pernas o tempo todo e sorria sem sua dentição. E cuspiendo a cada cinco segundos. Só me conformei que ele aceitou de imediato e saí dali antes que o pior acontecesse.

” Aquela mulher é o cão, se não for, deve ser mulher dele. Não é possível existir um ser humano tão horrível como aquele.”

A cozinheira murmurava suas lamentações e fumava uns dois cigarros ao mesmo tempo, me fez engasgar diversas vezes e quase esqueci a existência dos meus pulmões. O que me alegrou foi que ela também aceitou.

Quando cheguei em casa, procurei respirar o máximo de oxigênio que eu pudesse. Cheguei à conclusão que a fumaça também apagou a existência das minhas narinas. Pois nem senti o fedor dos excrementos de Miúcha e nem outro odor parecido.

“Uma vez ela me obrigou a comer os cocôs dos cachorros porque eu não pronunciei corretamente a entrada de um casal de amigos na residência.”

Quase vomitei.

“É claro que topo. Quero ver ela se ferrar mais do que tudo nessa vida”

O mordomo assou o nariz e dei leves batidas nas suas costas lamentando o ocorrido”

“Claro que topo, mas não rolará uma invasão? Ela tem umas joias maravilhosas, que eu já vi usar diversas vezes. Talvez pudéssemos aproveitar a deixa.”

A babá dos cachorros sugeriu.

“Não será possível.” — murmurei séria.

“Nem os talheres?”

“Não.” — aumentei o timbre de voz.

“Os objetos da casa?”

“Também não.” — quase gritei.

“Os papéis higiênicos bordados a ouro?”

— Existe papel higiênico bordado a ouro? — dessa vez ela ganhou minha atenção.

A mulher confirmou. Dei de ombros e encerramos a conversa. Saí de lá segurando firme minha bolsa, pois ela tinha colado um bom olho gordo nela. Agradei à solidariedade de ajudar e apertamos as mãos selando um pacto. Só quando cheguei em casa constatei que meu anel anelar tinha sumido.

— Credo Cléo! E mesmo assim você os acha confiáveis? — depois de narrar a história, minha amiga se pronuncia e volto ao presente.

— Bem, alguns são bem estranhos, mas eles têm tanto ódio da naja como nós. Acredito que por ora, arriscamos. Pelo menos, na parte que falei que ferraria a cobra, eles foram bem sinceros com seus ódios mortais com a altamente perturbada.

— Seja o que Deus quiser! — Mari suplica aos céus e também entrego aquela missão a eles.

Dou a ela as instruções e peço que anote o endereço da casa. Segundo o mordomo, o deputado Sílvio não se encontra, assim facilita a entrada da Mari. Mesmo assim, ele orienta que ela se fingisse de empregada. Finalizo a ligação e desejo boa sorte para nós.

Subo alguns andares e bato na porta do vizinho. Marcos me atende com um sorriso no rosto, abre um pouco a limiar e noto por um breve segundo, alguns objetos valiosos ali, T.V de última geração, pinturas de arte e candelabros de cristais, o resto não vejo. Com o que será que ele trabalha? Antes que eu espione mais, Marcos fecha a umbral e me encara.

Veste uma camisa longa, creme, de linho e uma calça jeans um pouco folgada, porém jeitosa. Sua barba mais rala do que o habitual dá um pouco de charme à sua fisionomia. Seu cabelo com gel, destaca seu topete. Ele está até bonitinho.

— Pronto?

— Nasci pronto. — ele gargalha, mostrando seus dentes alinhados e bonitos.

Dou a ele as últimas orientações sobre como seria, ele balança a cabeça atento a cada instrução. Emily aparece na porta e com uma voz manhosa e dotada de afeto, murmura que seu pai é o sapinho mais lindo da lagoa.

Ele sorri e pega a garotinha pelos braços, a abraçando em seguida e dando um beijo em sua testa e respondendo que ela também é a sapinha mais linda do planeta.

Diante da cena, não deixo de sorrir e ficar emocionada com o amor daqueles dois. Emily volta para casa e uma senhora rechonchuda fica com ela. Não sei por que, mas a menção a palavra “sapo”, me faz recordar de mamãe e sua profecia.

“Ele não será um príncipe e sim um sapo.”

Será que Marcos estava na minha festa? Não. Eu lembraria com certeza. Impossível!

Eduardo está sentado tranquilamente em uma das cadeiras do restaurante. Mexe uma ou duas vezes em seu celular, olha para os lados com certeza à minha procura... que encontra. Nos encaramos e ele não entende nada ao me ver. A boca fica entreaberta, ele engole seco e se ajeita no assento. Também pudera! Eu uso um vestido arco-íris, tomara caia, cabelo liso, muito liso na chapinha. Uma sandália alta, rosa choque, de 14 centímetros. Uma bolsa de couro tingida de vermelho. Uma maquiagem de tirar o emprego do Patati e Patatá. Faço uma listinha de coisas que o meu ex odeia em uma mulher. Estou executando o *Top five* neste exato momento.

Se vestir exageradamente.

— Ah... oi — ele faz uma careta.

— Oi. — digo sorrindo, com um batom vermelho vivo nos lábios.

Todos no restaurante observam nossa mesa. Soraya está em uma atrás, me ameaçando com palavras que não posso decifrar pelo distanciamento que nos encontramos uma da outra.

— Você hoje deu uma exagerada, não? — coça a cabeça.

— Foi mal. É que minhas roupas estão todas na máquina e enfim, não tenho aquelas que secam rápido e meus sapatos... — dou uma pausa e pego a

taça com água que estava sobre a mesa e engulo tudo e continuo explicando: — Minha cachorra comeu algumas partes, não os sapatos, sabe, mas os pedaços dos sapatos, Miúcha sabe como ninguém fazer isso. Uma vez Edu...

Top 4: As falastronas

— Ela saiu pegando minhas calcinhas da gaveta e roeu, sabe, como rato, não como uma cachorra. Bom, uma vez pedi a um pai de santo benzer a Mi, mas ele disse que nem isso tinha jeito.

Ele balança a cabeça em negativa e faz uma vez ou outra uma careta.

Top: 3 As mal-educadas

Coloco o pé na mesa; me esparramo na cadeira.

— Eu estou com cólica, sabe. — O vejo ranger os dentes. Em seguida o garçom pede para que por gentileza que eu tire os pés de lá. Edu me olha preocupado.

— Cléo, por favor! — retiro.

Top 2: As que falam bem do ex –namorado.

Pego o cardápio.

— Uh! Meu ex, Bernardo, adorava esse prato. — encaro as letras miúdas. — Maminha ao molho tinto, vamos pedir! Ah, ele adorava com batatas, a gente dava um na boca do outro, era bem romântico. Gostava também dessa sobremesa de mousse de maracujá. Às vezes chegávamos a usar esses doces... você sabe! — pisco o olho.

— Não. — diz firme e irritado.

Top 1: As atrasadas

— Dá licença, vou ao banheiro. — ele não fala nada, apenas olha para os lados, aguardando mais uma atitude estranha de minha parte, que não demora a chegar.

— E aí, Marcos, preparado? — me aproximo do meu vizinho e ex troglodita.

— Sim! — ele está em frente a limiar, aguardando as instruções. Me olha sorrindo e parece se divertir muito com tudo aquilo.

Abro a porta do banheiro e entramos. Ouço alguém lá fora falar alguma coisa, contudo, não entendo.

Fechamos com chave e começamos a nos agarrar, um beijo e outro, com tiração de vestido, blusa, por aí vai. O Mascarado que me perdoe! Tenho

certeza que quando eu contar os motivos que estou fazendo isso, ele terá que me entender. Se bem que não tenho certeza se estamos somente fingindo...

— Tem certeza que ele vem? — diz ofegante.

— Tenho — olho no relógio de pulso. — Quinze minutos para ele vir. Ele odeia esperar, o conheço bem.

Mais pegação. E devo admitir que estou gostando da pegada do ex chatonildo.

— Bando de tarados! Sem vergonhas! — uma senhora de idade avançada sai de um dos banheiros e com uma bolsa de mão bate nas nossas cabeças. Ficamos de olhos arregalados com o tamanho do susto que levamos ao saber que há mais alguém ali. Não esperamos por isso.

— Você disse que estava vazio! — falo irritada para o Marcos, enquanto a tiazinha nos bofeteia e diz que chama a polícia.

— Foi o que eu pensei.— Marcos coloca suas mãos no rosto, na tentativa de evitar levar mais uma bolsada. — a idosa abre a porta e sai gritando pelos corredores do restaurante que têm dois sem vergonhas se agarrando dentro do banheiro. Não demora muito para o Eduardo juntar dois mais dois e nos descobrir.

O que acontece é o seguinte:

1. Edu entra sem nenhum escrúpulo dentro do banheiro e dá um soco no Marcos.

2. Enquanto eu fico na dúvida em defender meu vizinho ou me cobrir com as mãos as partes do meu corpo, pois estou seminua.

3. Vários curiosos colocam suas cabeças dentro da umbral, murmurando palavras nada delicadas como:

— Ela faz... a cobra subir! A cobra subir! A cobra subir... — inúmeras gargalhadas de homens machistas.

— Aqui é um ambiente de família, seus depravados! — uma senhora religiosa e com o terço nas mãos começa a rezar o credo.

Depois que toda a briga e exposição gratuita que passamos, o gerente nos dá a permissão de nos recompor e expulsa os curiosos do banheiro. Saímos do toalete e do restaurante, censurados com imensas vaias. Porém, ao sair de lá e colocar meu pé na rua e escutar Eduardo falar uma palavrinha mágica...

— NUNCA MAIS FALE COMIGO! — grita nervoso e bate a porta do seu carro agressivo e sai em disparada. Sei que valeu a pena!

Dou um pulinho e faço um gesto de *yes*!

— Você é doida! — Marcos ataca o botão da blusa que permanece aberto. Toco no seu queixo, no lugar que acabou de levar um soco, avaliando sua situação. Está bastante vermelho e parece inchado. Faço menção em levá-lo ao hospital, porém ele diz que não precisa se preocupar, pois não é nada.

— Respondendo à sua pergunta: completamente! — ele me encara e gosto do jeito que ele me analisa, com ternura nos olhos.

— Mais doido sou eu em me meter nessa furada. — sorrio. Ele também.

— É uma pena não poder entrar mais nesse restaurante, já vim aqui, a comida é ótima. — um garçom chega a sair e nos enxotar até da rua!

Corremos.

A noite está agitada. Andantes caminham para lá e para cá, jovens passam com carros em alta velocidade e alguns trabalhadores esperam na parada sua condução. Eu e Marcos vamos para um ponto de táxi, não quero esperar o transporte público e desejo chegar rápido em casa, coisa que ônibus nenhum me proporciona. Um veículo passa por nós e assobio, Marcos e eu entramos. Misteriosamente Soraya não me procura. Também não a vejo na saída do restaurante. Ai. Meu. Deus!

— A Mari! — lembro. Disco o número nervosamente e Marcos franze a testa não entendendo minha preocupação.

— Mari, e aí, deu certo? — falo em um só fôlego.

— Aqui quem está falando é o policial Fred, quem deseja falar com ela? — levo um susto com aquela frase.

— Ah ... Eu sou uma amiga dela. O que aconteceu? — pigarreio.

— Sua amiga foi presa!

Capítulo 27

Resgatando a Mari

— *Bitch!* Me tira daqui! Já levei três socos de umas detentas que reconheceram que peguei o marido delas. Mesmo dizendo que não sabia, elas me bateram mesmo assim. — choraminga atrás das grades, mostra uma bela marca roxa no olho direito e suas duas companheiras de cela, que são fortes o suficiente para transformar a Mari em dois ossinhos de galinha daqui para manhã.

Soraya encontrou minha amiga bisbilhotando a casa. Não sei quem permitiu que a altamente perturbada entrasse lá. Mas enfim, descobrirei. A ridícula da minha prima a denunciou por tentativa de roubo. Desde então, a Mari foi presa como se fosse um grande perigo à sociedade.

— Aguarde um momento, Senhor... — olho em sua mesa e está escrito em uma plaquinha Delegado Jeferson. Ele é um homem barbudo, aparentando ter uns cinquenta anos, careca e usa seu distintivo pendurado em um cordão, como se fosse um colar; talvez por orgulho de mandar no pedaço. — Jeferson. Vou à minha casa pegar o dinheiro da fiança.

— Senhorita Cleonice, creio que não lhe disse quanto era a fiança. — ele pronuncia de forma debochada; estampado um sorriso de canto.

— Quanto?

— Cinco mil reais. — estala a língua satisfeito do valor não ser acessível.

— Quê? Isso é um absurdo! — bufo indignada.

— Absurdo é sua amiga invadir a casa do deputado Sílvio.

Volto para casa sem esperanças. Minha cabeça dói só de pensar que a Mari está naquele lugar minúsculo, com presas loucas para matá-la. Raciocino; pego o envelope do pagamento da Soraya. São três mil reais. Só preciso de mais dois. Tento falar com todas as pessoas da minha lista de amigos, mas elas ou não têm ou não atendem o telefone. Ligo até para mamãe e chega a dar na caixa postal.

Ando de um lado para o outro, pensativa. O que faço? O quê?! Meu cérebro não raciocina e tão pouco me dá respostas. Fico deitada no sofá com a barriga para cima e pensando nas possibilidades de salvar a Mari:

1. Será que terei que vender chicletes no sinal de trânsito?
2. Rodar a bolsinha na praia de Boa Viagem?
3. Cometer um delito?

Mi chega de mansinho e olha para cima, para meu teto. Fito também para tentar entender o que ela está enxergando que a faz latir tanto. Miúcha rosna mais alto e pula feito um canguru olhando para cima. Aos poucos entendo o que ela quer dizer. O vizinho de cima! O Marcos!

— Você é um gênio, Mi! — aliso sua barriga peluda; ela late como se estivesse dizendo um obrigado na linguagem canina.

Bato na porta várias vezes. Minhas mãos suam diante de tanto nervosismo. Talvez esteja sendo um pouco precipitada em pedir algo assim ao Marcos, mas... não minto que desde que lhe contei tudo sobre a minha desastrosa vida íntima, andamos um pouco mais ligados. E pelo pouco que vi na sua casa noite passada, acho que dinheiro não seja problema para ele.

Depois de tanto aguardar, Emily aparece de camisola e muito sonolenta abrindo a porta.

— Emily! Oh! Desculpe lhe acordar.

— Estava em um sonho tão bom, Cléo.— cutuca seus olhinhos cansados.

— Desculpe pequena, seu pai está? — abaixo e fico na sua altura.

— Não. Papai saiu para casa da Jéssica. — engulo seco.

— Sabe onde fica? É um assunto urgente.

— Sei sim. — balança a cabeça confirmando. Ela volta para o apartamento e segundos depois, retorna com um bilhete em mãos, anotado o endereço.

— Escuta, você está aí sozinha? — fico um pouco preocupada.

— Não. Papai sempre me deixa com minha tia, quando ele sai. — me mostra a mesma mulher da noite passada, roncando no sofá.

— Está bem. Vá dormir lindinha; e não abra a porta para ninguém, ouviu? — dou um beijo em sua testa. Tenho um carinho enorme pela pequena.

Desço as escadas apressadamente. Pego o primeiro táxi que aparece. Questão de vida ou morte. Talvez ele posso me ajudar. Afinal, é mais fácil conseguir dois mil, do que cinco. Assim que o táxi chega perto do local, me sinto muito estranha. O lugar tem um gramado na frente com lindas árvores e a casa é bem grande. Há uma imensa janela de vidro, em que o Marcos sorri para uma garota loira, de estatura mediana. Os dois parecem apreciar a companhia um do outro. Olhares envolventes e um beijo no rosto.

— Ih, moça, vai sair ou não? — o taxista está impaciente.

Respiro fundo.

— Dê o retorno. — ele revira os olhos.

Não quero estragar a noite de alguém.

São nove da manhã quando a procuro. A mansão do deputado Sílvio é enorme, com direito a um portão na entrada banhado a ouro com as iniciais SS. Sílvio e Soraya.

A moradia assemelha-se de algum governador e lembra muito com a casa branca, dos Estados Unidos. Pelo menos na frente. Tem quatro pilares enormes sustentando a base da entrada e uma extensão bem vasta, inúmeras janelas que, com certeza, são uma imensidão de cômodos lá dentro. No meio do local tem um enorme chafariz de anjo espirrando água. Olho para imagem e não combina nada com Soraya e suas perversidades.

Assim que toco a campainha, ainda do lado de fora do enorme portão de ferro, o mordomo da casa me atende, já explicando o ocorrido do dia anterior.

— Sinto muito pelo acontecido. Ela apareceu de repente, tentei avisar a senhorita Mariane, mas ela não escutou, até a enrolei por um tempo, mas aquela peste! — fala um pouco mais baixo — Parece ter adivinhando.

— Tudo bem, Amadeus. Eu entendo. A culpa não foi sua. — caminho em direção à casa.

— Espero que dê tudo certo. — abro a porta e ele espera que eu me acomode e retira-se.

Fico na sala admirando o local espaçoso que é aquele lar. São quatro apartamentos meus, só naquele lugar. Ouro para todos os lados. Nos jarros, objetos, estantes. Uma escada branca de espiral fica próximo à sala, a mesma onde a altamente perturbada desce agora. Ela está com um roupão de seda, cor de pele. E uma camisola de renda branca. Tenho a impressão que ela acordou a pouco tempo, pois sua cara está de quem comeu e não gostou.

— Se arrependeu do que mandou fazer?

— Tire ela da cadeia. Essa história está indo longe demais!

— Hum ... — faz biquinho e uma cara desdém — Não. — finaliza com uma gargalhada digna da bruxa má da Branca de neve.

— Soraya, não existe mais acordo, Eduardo não quer saber de mim. Desista dessa palhaçada.

— Sei bem. Um dos meus informantes deixou bem claro que ele se mudou. Mas não se esqueça que eu disse que você sairia com seus ex-namorados. Ainda temos outro. — me olha maquiavélica.

— Pela Mari, faça qualquer coisa.

— Ótimo! Você é uma garota esperta! Me aguarde uns minutos. — sobe a escada e retorna quarenta minutos depois.

— *BITCH!* — Mari grita, assim que me vê. Está toda descabelada e vários hematomas em diversas partes do seu corpo.

Após várias papeladas e assinaturas, Soraya retira a queixa. E minha amiga é liberada. Depois de risos e abraços, Mari manca e parece sair de um filme apocalítico.

— Como você já imagina priminha, a bola da vez é o senhor Bernardo. — me olha com ar diabólico de sempre.

— Ele é gay. O que quer que eu faça? Ele nunca sairia comigo. O cara gosta da mesma fruta que eu.

— Então faça ele provar do seu sabor, queridinha. — chega próxima a mim e sai soltando beijinhos sarcásticos.

Quando penso que as coisas não podem ficar pior. Elas pioram em um nível catastrófico.

Capítulo 28

Apresentando:

Mariah!

Paro em frente ao salão *Fashion Hair*. Demoro horas no trânsito infernal da Caxangá para chegar até aqui. Com gritos de motoristas e buzinas ensurdecedoras. Mas no fim, cá estou eu.

O salão é de avenida com letreiro rosa bem escandaloso. Na frente, há um pequeno estacionamento. Um pavor entra dentro do meu corpo ao me lembrar que em instantes volto ao passado. Porém aí também me recordo no tipo de pessoa doente que está em minha vida e que faz de tudo para acabar com restante dignidade que me resta.

Abro a enorme porta de vidro do lugar, sendo recepcionada com frio do ar-condicionado. Meu olhar e o de Bernardo se cruzam e ele me reconhece de imediato. Assim que vê, para e vem em minha direção. Ele está muito, mas muito diferente.

Uma camisa branca em V.

Uma calça justa. Muito justa!

Reboladas fenomenais.

Uma sobrancelha muito bem-feita.

Gritos loucos com as clientes.

— AAAAH! Que é isso? Fizeram uma macumba para mim, bicha louca! — se refere ao outro cabeleireiro que provavelmente é seu assistente.

— Bernardo... — me aproximo.

— Xi! — coloca o dedo na minha boca. — Jamais fale esse nome, amapô! Nunca! *Never! Jamé!* Agora é *Mariah Hilton*. — dá uma jogada de cabeça para o lado.

Sorrio ao vê-lo fazer isso. Bernardo fala de um jeito muito engraçado. Com uma voz mais aguda do que me lembro. Desde que minha prima me deu o endereço de seu trabalho, pensei seriamente como ele me receberia e o que eu diria. Não sabia de seus gostos atuais, contudo, resolvi arriscar e trazer uma coisa que nunca falhava quando éramos namorados. Espero que dê certo.

— Esquece o passado. Não estou aqui para isso. Muitas pessoas indicaram você a mim. Não resisti a curiosidade e vim aqui me certificar se é você mesmo e também quero saber se teria meu amigo de leitura de volta. — balanço a sacola da livraria.

— Bicha louca não me mata! — corre para meu lado olhando cada um dos livros e solta gritinhos. Incrível que depois de tantos anos ainda funciona.

— Ai, meu, Deus! Quanta coisa boa... — vasculha um por um, maravilhado. — Senta aí na bancada, que vou te recompensar com um bom corte de cabelo! — dá a sacola a seu assistente e atende uma cliente que já espera na cadeira giratória.

Assinto. Não estou esperando por isso. Mas seria bom de início para começarmos essa volta. E pelo que vi em revistas e internet, Bernardo realmente é bom. Chegou até fazer vários cabelos de celebridades e artistas locais e todos ficaram muito bonitos e bem tratados, pelo que pude ver pelas fotos.

O meu ex continua falando uma linguagem pouco conhecida por mim. Não deixo de rir, do modo que ele as pronuncia. Sento em um dos bancos de espera, em que outras clientes próximas a mim também aguardam.

Pego uma revista de moda que há em um dos bancos. Começo a folheá-la, página por página, não muita atenta ao que diz os artigos. Estou com minha cabeça mais preocupada com o que acontece daqui para frente. Começo a prestar atenção no homem que já pronunciei ser o amor da minha vida. Lembro de nossas conversas, risadas e beijos. A lembrança do dia da formatura vem à tona. Aquela humilhação em que passei também não foi esquecida. Se ele tivesse me contado a verdade antes de tudo aquilo, talvez hoje podíamos ser amigos. Mas respiro aliviada. Não daria certo mesmo.

— Cléo, você é a próxima.— o auxiliar me direciona a uma cadeira preta, alta. Há um grande espelho na minha frente, com recortes de alguns modelos de revista e atores globais.

— Quero cortar só uns dedinhos. — fico receosa, pois já havia feito uma transformação.

— Mona! Uns dedinhos não fazem mudanças! — fala com um tom de voz afetado.

— Tá. Mas nada radical demais. E não me deixe com cabelos curtos. — choramingo. Ele revira os olhos.

Parece *Edward*, mãos de tesoura. Corta meu cabelo como uma obra de arte. Com primor e cuidado. Um desfiado de lá, de cá. Vejo meus fios caindo no chão. Me desespero. Mas quando ele acaba fico boquiaberta. Meus fios estão desfiados. Fazendo com que acentue com meu rosto, o ruivo parece até que está mais ruivo. E o comprimento continua milagrosamente o mesmo.

— Oh. Meu. Deus. — estou chocada e balanço meus cabelos diversas

vezes para ter certeza que não é um truque. Que ele fica bonito assim sem mudar o tamanho.

— Belo, não? Com a bicha é assim, mulher entra bonita, sai linda! — gira a cadeira, para que eu olhe de todos os ângulos. E parece orgulhoso.

— Pronto! Agora está na sua hora! — o funcionário sai me empurrando para fora. Talvez esteja com ciúmes, sabendo que tivemos alguma coisa.

— Espera aí, quero seu cartão, Ma... Mariah — quase não sai. — ele vem em minha direção com uma feição triste.

— Eu sinto muitíssimo, Cléo. Por tudo.— começa a chorar, toco em suas mãos. — Você era legal, cheguei a pensar que eu até gostava de você. — mais choro e pega um lençinho de papel e enxuga as lágrimas com cuidado.

— Mas... foi amor à primeira vista com aquele garoto. Foi complicado assumir aquilo tudo. Eu que devia te dar todos os presentes do mundo.

— Confesso que não foi nada fácil superar aquilo tudo. Enfrentei uma barra enorme. Fiquei em depressão. — falo com pesar e sendo bastante sincera.

— Eu sei! Eu sei! Se eu estivesse na sua pele teria ficado do mesmo jeito. Me perdoa, anjo? — beija minhas mãos.

Olho para ele e pareço compreender seu desespero, minha psicóloga sempre diz que não é só eu que estava sofrendo, que da parte dele também havia uma grande dor em esconder o que não era por tanto tempo. Porém, mesmo que não quisesse perdoá-lo, há outras coisas em jogo. Minha reputação.

Sorrio para não chorar, diante daquela situação dramática em que me encontro. Respiro fundo. Não tem como continuar com raiva dele com aquele seu jeito destrambelhado e sua cara chorosa que parece estar em uma novela mexicana.

— Como prova do meu arrependimento, você terá cortes de cabelo grátis para todo sempre!

— Cortes de cabelos grátis? É uma proposta irresistível! — ele me olha por uns instantes e acrescenta:

— E... uma vale-compras de R\$300,00 reais nas lojas Feminina! — aumenta sua oferta.

— Nas lojas femininas?! Tem como não perdoar? — o abraço.

— Aliás, eu preciso da minha amiga literária de volta. — cochicha no meu ouvido. — Ando lendo uns eróticos maravilhosos; têm uns bofes que

Jesus misericordioso é de ler se abanado! — sorrio e a feição triste dele se desfaz e dá lugar a um rosto mais alegre. — Olha, que tal comemorarmos essa volta, hein? Abriu uma boate nova na cidade. Vamos comigo? — ele propõe.

Não recusei. É a oportunidade perfeita de executar o plano.

Capítulo 29

Na boate com o Bernardo

Bernardo sabe dançar melhor que eu. Fato. Ele remexe as cadeiras para lá e para cá. Usa todas coreografias que sabe: *Lady gaga*, *Britney Spears*, *Rihanna*, *Madonna*. É cada jogada de pernas, que tenho que desviar o tempo todo, antes de ser atingida.

Soraya está na parte de cima, onde ficam os Vips. Enquanto danço com o Bernardo, vejo um garoto se aproximar dela e algumas risadinhas.

— Alouuuuka! Olha aquilo ali! Que bofe é aquele? Gordinho, mas *sexy*!

Meu queixo cai. Reviro a cabeça devagar indo em direção onde Bernardo aponta. O Mister M está no palco, veste seu terno preto como de costume e sua inconfundível máscara, deixando somente os lábios e olhos à mostra.

Estremeço ao ver a cena. A quanto tempo não o via. Parece séculos. Justamente hoje nos encontramos. Daria tudo para saber o ele pensa sobre nós. Deve estar muito decepcionado comigo. Uma onda de *flashbacks* invade meus pensamentos. Me lembro da noite do ano novo. A manchete no jornal. Estraguei a nossa noite.

— Ih, terra chamando! — balanço a cabeça a fim de tirar esses pensamentos da minha mente.

— Vamos dançar. — puxo Bernardo.

Ele provavelmente não deve nem ter me notado na pista. Uma música eletrônica começa a embalar a todos. Gritos eufóricos. Luzes piscando. Tento entrar no plano, mas não consigo. Porque na maioria das vezes, Bernardo me interrompe com um:

“Bicha, sai mais para lá, quero dar espaço para aquele gostosão vimnimim”

“Cléo, dá uma voltinha, tem um bofe escândalo dando mole ali, está assustando o cara”

Saio da pista sendo empurrada pela multidão que dança freneticamente as músicas do DJ. Chego a olhar para ele, mas Mister M está muito concentrado no seu trabalho. Levanta as mãos animando a galera e sorri para seu público, porém quando menos espero...

— Boa noite, pessoal! — ouço sua voz grave falar no microfone.

— Boa noite! — a multidão responde.

— Então, quero interromper a alegria de vocês, para pedir desculpas a uma pessoa especial, que está aqui no momento. — olho para ele ansiosa. — Eu interpretei mal uma pessoa linda que eu estou muito afim.

— Uuuuuuh! — a multidão vai à loucura. Passo a prestar mais atenção.

— Meus caros amigos, as aparências realmente enganam. Pensava que essa garota não merecia minha paixão. Duvidei de sua honestidade. Acabei ficando furioso, tinha até desistido de conquistá-la, mas descobri que ela vem sendo ameaçada para fazer algumas coisas que não são legais. — mais gritos.— O que faço? — seus olhos encontram os meus e sorrio.

— Toca uma música para ela! — algumas pessoas falam.

Fico somente escutando aquelas palavras. Meu coração bate a mil por hora.

— Bom, é o que vou fazer. — muitos sorrisos e bastante assobios. — Tocarei uma música lenta. É de uma banda que eu e ela gostamos. Acho que é o nosso ponto forte de coisas em comum. — ele sorri. Eu também.

Eu erro e é ele que pede desculpas? Caramba! De onde vem esse Lorde? Preciso me retratar com ele o mais rápido possível. Mas pelo que entendi, ele sabe o que estou passando. Não lembro de ter contado a ele. Ah! Mas agora isso pouco importa.

— Preparados? — encara a plateia. — Preparada? — olha para mim e a multidão tenta decifrar a direção daquele olhar. Alguém dos bastidores pega um banco e ele se ajeita no assento com um violão. Escuto mais gritos da multidão.

Ele toca para mim! Para mim! P.a.r.a.m.i.m. Estou surtando!

— É a primeira vez que isso acontece, hein! Para vocês é inédito. Acho que para ela vale a pena pagar o mico. — outros gritos mais acalorados surgem e posicionam o microfone na sua frente e aos poucos sai do seu violão o toque de uma música que conheço bem.

Ela passou do meu lado

“Oi amor” eu lhe falei

“Você está tão sozinha”

Ela então sorriu pra mim

“Foi assim que a conheci

Naquele dia junto ao mar

As ondas vinham beijar a praia

O sol brilhava de tanta emoção

Ai. Jesus. Maria. E José.

Seus olhos seguem os meus na multidão. Tento me aproximar mais dele. Nessas horas eu não sei aonde está Soraya, nem Bernardo, mas pouco importa.

“Um rosto lindo como o verão. E um beijo aconteceu. Nos encontramos à noite Passeamos por aí”

Sua voz não é lá artística. Ele arranha um pouco. Mas eu não me importo. Seja ele o senhor Joaquim ou não. Eu preciso descobrir.

“E num lugar escondido.

Outro beijo lhe pedi.

Lua de prata no céu.

O brilho das estrelas no chão.

As pessoas parecem não se importar se sua voz é afiada ou não. Vejo-as chorando, se abraçando e indo no ritmo da música.

“Tenho certeza que não sonhava

A noite linda continuava

E a voz tão doce que me falava

O mundo pertence a nós”

E hoje a noite não tem luar

E eu estou sem ela

Já não sei onde procurar

Não sei onde ela está”

Estou emocionada. Como ele consegue tocar de forma tão linda tocar o meu íntimo? É apaixonante! Ele sabe que essa música é especial. Foi a canção que tocou na minha festa, quando nos encontramos pela primeira vez. A nossa música!

“Hoje a noite não tem luar

E eu estou sem ela

Já não sei onde procurar

Não sei onde ela está

Hoje a noite não tem luar

E eu estou sem ela

Já não sei onde procurar

Onde está meu amor?”

Consigo chegar próximo a ele. Vejo seu sorriso maroto brotar de seus lábios. Só nós dois sabíamos o que aquilo significava. Balanço meu corpo no ritmo da música, sinto alguém colocar as mãos no meu ombro, nem ligo. Por fim, quando ele termina, vejo alguns *flashes* disparados em sua direção e aplausos.

— Quero dizer que depois disso, ela me encontre nos bastidores, só falar o seu nome que está liberado.

— Ai, que lindo! Essa menina deve ser uma sortuda. — Bernardo chega gritando no meu ouvido. O que me faz levar um susto e me lembrar que é ele que está atrás de mim.

— Ela é. — sorrio.

Meu ex desconversa e como se nada tivesse acontecido, sai, sendo puxado por uma mulher de dois metros de altura para pista. Reflito se devo ou não ir até lá. O que ele me dirá? O que eu diria? Mas minhas dúvidas acabam quando uma certa pessoa chega.

— Sua anta! Vá lá e beijei-o.

— Eu não posso agarrá-lo, ele está acompanhado agora. — aponto para o casal.

— Aí é que está a diversão. — Diante da minha relutância, ela ajeita os seus cabelos e um sorriso cínico surge.

— Tudo bem; liberarei o vídeo. — pega o celular.

— Está certo, eu vou. — reviro os olhos. Assim que a moça sai de perto de Bernardo, o agarro com força, dando um beijo.

— Que é isso bicha louca? — fala ele horrorizado assim que tiro meus lábios dos seus.

O que sinto é uma bolsada no meu rosto e uma tamanco de 15 centímetros voa em minha direção.

Capítulo 30

Uma arma contra Soraya

O lugar é claro. Minha cabeça gira e não sinto meu corpo. Um bonitão de túnica branca se aproxima de mim. Meu. Deus. Do. Céu. Estou no paraíso! Devo ter morrido de traumatismo craniano, devido à tamancada que recebi na cabeça.

O cara lindo desaparece e me dá um sorriso e um beijo na testa. Fala alguma coisa que não entendo, acho que é:

“Resolva-se com ele”

Um senhor parecendo um monge fica próximo a mim. Sua túnica é marrom. Calvo, com poucos cabelos fazendo um círculo em sua cabeça.

Um tapa no meu rosto é disparado.

— Ai, isso dói! — reclamo.

— Dói? — coloca um das suas mãos na cintura, indignado. — Sabe o que machuca? Você me deixar afogando naquela vasilha de água há um século. Eu respiro água, como água e ainda sobra espaço para vomitar água também.

O reconhecimento de imediato:

Santo Antônio.

— Ah, é? E cadê o namorado que lhe pedi? Não tiro mesmo o senhor de lá! — digo resistente.

— Está vendo só minha situação? — ele cospe água em minha direção. E solta um soluço.

— Que absurdo! Achei que os santos eram mais educados. — me limpo.

— E achei que as donzelas apaixonadas eram menos perturbadas que você. — levanta a sobrancelha esquerda.

— E eu pensei que os santos eram mais fáceis que o senhor. Eu te peço um amor das antigas e você me traz o Eduardo? — o encaro por uns instantes. Ele me olha desdém. — Pelo senhor fiz uma bendita simpatia da água na fogueira há alguns anos. Coloquei a água na boca e fiquei lá rodeando a fogueira feito saci-pererê e qual foi o primeiro nome que eu ouvi? Juquinha. Um menino de um ano de idade. Só quando estiver uma múmia descascada eu terei alguém, é? — outra tosse, mais água no chão e um sorriso enorme de satisfação depois. — Que coisa feia Santo Antônio! O senhor devia fazer seu

serviço certo!

— Não tenho culpa se você não tem paciência de esperar. — sorri debochado.

— Quer saber? Eu colocarei mais água naquele copo. — ameaço.

— Não. — tosse. — Te imploro! Não aguento mais.

— Trato é trato. — bato as pernas.

— Está bem. Faço o que você quer.

— Está falando sério?

— Sim. — mais tosse.

— Ah! Trate de arranjar um emprego para minha também. — cruzo os braços.

— Mas isso é com São José do operário! Ninguém me paga para fazer a função dos outros. — reclama.

— Acho que vou jogá-lo na piscina. — retomo a ameaça.

— Se foi o tempo das donzelas em perigo que só queriam casamento.

— Santo Antônio, não estamos mais no século XVIII! Hoje em dia as mulheres querem se dar bem profissionalmente e serem felizes cada uma de seu jeito. — olho para ele como se estivesse vencendo a disputa.

— Está bem. Desta vez dará tudo certo. Eu prometo!

Abro meus olhos devagar.

— *Bitch!* Graça a Deus! — Mari me abraça desesperada. — olho ao redor e analiso o lugar e entendo aos poucos.

Uma parede branca.

Uma cama da mesma cor.

Toco na minha testa, há um esparadrapo. Tento levantar da cama, mas não consigo, estou em um hospital.

— Mari, o que houve? — não entendo como paro naquele lugar.

— *Bitch!* A mulher louca quase te matou. Você levou uma surra daquelas! — ela está vestida de calça branca e a blusa da mesma cor.

— Ah, Mari, estou no seu trabalho. — não quero ser um incômodo para ela.

— Eles ligaram para ambulância daqui. — minha amiga me explica, como se adivinhasse meus pensamentos sobre como vim parar justamente ali.

Um médico de bata branca e aparência madura, entra no quarto com uma pasta e uma caneta. Verifica o soro e faz algumas perguntas a mim e anota. Afere minha pressão e solicita à Mari para inserir um medicamento no soro para alívio das dores e retira-se.

Minha amiga sai e retorna em poucos minutos com uma seringa e injeta o conteúdo no soro.

— Ficaré tudo bem. Você sentirá um incômodo quando ele entrar na sua veia. — realmente, faço uma careta.

— Cleozita, direi à sua mãe e o restante do povo que passou a noite aqui que você já pode receber visita. — me dá um beijo suave na testa e sai.

Fico pensando: quantas pessoas estão me esperando? Pelo jeito que a Mari fala, parece bastante. Fico um pouco aflita. Não quero dar trabalho a ninguém e agora todos ficaram preocupados comigo. Me ajeito como posso na cama e logo em seguida, mamãe entra no quarto desesperada.

— Ah, minha filha linda! Quem pode fazer umas coisas dessas com você? — se aproxima da minha cama com as mãos trêmulas de nervosismo.

— Ah, mãe. Resumindo: a culpa é da Soraya.

— Temos que dar um fim nessa criatura! Ela não pode fazer essas coisas com você. — toca meu rosto machucado. Meu padrasto entra em cena.

— Enteadinha. — remexe nos meus cabelos. Odeio quando ele faz isso, como se eu fosse mais nova que ele e sempre que me encontra parece adivinhar que não gosto desta atitude.

Ele está com uma calça jeans, larga, que fica caindo o tempo todo. Para meu desgosto vejo a cueca dele de Piu Piu e Frajola. Eca! Um gorro de lã vermelho na cabeça, escondendo a sua franja à la Biber. E um uniforme da escola, onde ele provavelmente nunca sairá.

Me desvio dos seus grudes.

— Mas vamos falar de coisas boas. Tire uma carta. — mamãe retira de sua bolsa um baralho cigano.

— Mãe, aqui não é hora. — resmungo.

— Escolha uma carta. — insiste. Pego qualquer uma, sem ao menos olhar. Tiro a carta, entregando à dona Drica; que assim que vê do que se trata, fica animada.

— Filhota! Eu sabia! — ela me mostra a carta de um menino nu dormindo nas nuvens. — Criança significa felicidade! E muita! Está vendo só, minha menina! Depois da tempestade sempre vem a abundância. — me anima. Faço uma careta. Sei que mamãe fala essas coisas para me deixar alegre. A maioria dessas cartomantes dizem as mesmas coisas que ela. Concorro para agradá-la e Dona Drica sai de lá toda contente.

Em seguida, entram minhas tias. Ficam mais reclamando do que dando incentivos de melhoras. O tempo todo falam que minhas excelentíssimas primas nunca se envolvem com brigas, pois estão muito preocupadas em fazer pós-graduação na Europa e desfilando com seus iates recém-comprados.

Argh!

Depois meus tios chegam. Me perguntam o nome da meliante que fez isso, pois ele conhecem um matador de aluguel.

Por último, chega alguém que não espero.

— Mona! Por que tu fizeste aquilo? Pelo amooooor. Amapô! Enlouquecesse! Quer matar a bicha do coração? — chega Bernardo com sua dramatização e falando mais que o Louro José. — Sinto muito se a Stephanie fez isso contigo. Olha meu pedido de desculpas. — me entrega um embrulho. Levanto devagar com dores na coluna, mas consigo desembulhar e vejo um lindo exemplar rosa, com desenhos de pílulas espalhadas, caixas de remédio e um alto-falante por perto.

“Chá de sumiço” — o título do livro.

— Magnífico! — fico muito empolgada e esqueço que sua companheira me fez ficar assim.

Isso é uma das coisas boas de se ter Bernardo de volta. Ele conhece meus gostos literários como ninguém. Mesmo com o passar dos anos, ele ainda consegue acertar nas minhas preferências. Cara! Nem acredito que estou com esse exemplar nas minhas mãos! Da Marian Keyes!!!!!!!!!!!!

— Comprei no lançamento. A Mari me disse que você tem uma nova autora preferida. — pisca os olhos e depois continua. — Desculpas aceitas, Mona? — balança as mãos, agoniado.

— Tem como ficar com raiva de você, Bernardo? — dou um meio sorriso e ele me abraça, aliviado.

— Mas por que tu fizeste aquilo, hein? — rói as unhas, nervoso.

— Porque eu venho sendo ameaçada pela minha prima, Soraya. — vou direto ao assunto, com o Bernardo não consigo mentir.

— Ih, por quê, hein?

— Ela tem um vídeo meu pelada. E ameaça jogar na internet, se ela fizer isso, nunca mais minha vida será a mesma.

— É mesmo. Vi muitas meninas se suicidarem depois disso! — diz pensativo.

— Poxa! Que notícia reconfortante. Muito obrigada. — falo de forma cínica.

— Mas é sério. Às vezes eu detesto a internet. Ela veio para ajudar, mas atrapalha que é uma beleza!

— Já tentei de tudo. Mari, coitada, tentou recuperar o vídeo e acabou presa. Mas se tivesse alguma coisa contra ela, se soubesse de algum segredo...

— Vem cá! — Bernardo se aproxima da minha cama, franzindo a testa. — Essa tal de Soraya é aquela garota de cabelo comprido e franja que estava na boate da noite passada falando com você?

— Essa mesma! — estreito os olhos. Não estou entendendo aonde Bernardo quer chegar.

— Ih, Mona! — bate na testa. — Eu sei de um segredo cabeludo dessa garota que descobri ontem à noite! Nós vamos acabar com ela.

Capítulo 31

Contratada

Recuperada, volto para meu velho apê. Miúcha me recebe com pulos e lambidas na bochecha. Parece que alguém sentiu saudades!

Não consigo abaixar para pegá-la, pois minha coluna dói e aparenta ser atacada por um tsunami.

Me deito na cama e jogo a bolsa de lado e procuro alguns medicamentos receitados pelo doutor para que melhore, o encontro e tomo a seco, sem água. O que mais quero é dormir e acordar sem toda essa aflição. Fico de barriga para cima e aguardo o sono chegar, pode ter sido loucura ou já estou no sono REM, mas juro que Mister M vem ao meu quarto e me beija.

Quando desperto, toco os meus lábios, incrédula, por ter sido um sonho. Dos bons! Nossos rostos estavam tão perto e pude sentir até seu cheiro amadeirado. Ai! Minha imaginação anda cada dia mais real do que ilusória. Primeiro Cyndi Lauper, agora o Mascarado na minha casa.

Suspiro e levanto, deixando meus devaneios para quando for dormir. A primeira coisa que faço é algo que martela na minha cabeça desde do hospital: tirar o santo Antônio da água. Apesar de que, a simpatia diz ao contrário. Não sei se aquilo foi sonho ou real. Acho que só com o tempo descobrirei.

Meu celular toca e o retiro da minha bolsa atendendo.

— Alô?

— É a senhorita Cleonice? — uma voz feminina fala do outro lado.

— Sim. — estranho o fato de quem me procura.

— Bom, lembra que você enviou o seu currículo para livraria Cult?

— ã-ham. — presto mais atenção.

— Estou precisando de alguém com seu perfil. — fico estática. — Senhorita? Esta aí?

— Sim. Me desculpe, pode continuar. — me recupero do choque. Livraria Cult? Me ligando? E falando sobre o meu currículo?

— Você poderia vir hoje às 15:00 horas para uma breve entrevista?

— Claro! Onde? — corro apressada para minha escrivaninha para pegar o papel.

— Anote o endereço, é na rua...

A telefonista me dá as orientações de como chegar no local. Escrevo a localização e o ponto de referência. Sorrio de orelha a orelha.

Nunca gostei de ficar parada. E esses meses em casa sem ter o que fazer, a não ser virar capacho da minha prima, estão me matando.

Não imagino receber uma proposta de emprego tão cedo. Por meses achei estar queimada com qualquer vínculo empregatício. Mas pelo visto os anjos estão ao meu lado. Ou será que...? Olho para imagem de Santo Antônio e ela pisca. Cruz credo!

Já são 13:00 horas. Preciso deixar tudo muito organizado, imprimo meu currículo na minha impressora e pego uma pasta transparente azul e coloco o papel lá. Dou uma analisada no meu guarda-roupa. Separo uma blusa branca e preta de mangas. Uma calça alfaiataria, escura, sapatos altos, fechados. Pronto. Deixo-os separado na minha cama para usá-los mais tarde. Tomo um banho bem quentinho de ducha. Ligo o som, adoro escutar músicas no banheiro.

“E aí querido ouvinte, mais uma música de balada do DJ que está fazendo sucesso no Brasil, Mister M! Logo mais entrevista exclusiva, escutem o novo ritmo” – fala o locutor.

Desligo o chuveiro e passo a escutar uma batida romântica e envolvente, ao mesmo tempo dançante, também é uma letra bacana cantada por uma voz masculina e sensual.

“Curtiram? Agora uma entrevista fresquinha com o Mister M.”

Escuto atenta.

“Então... Mister M, boa tarde, seja bem-vindo à nossa rádio Pernambucana.”

“Boa tarde. Eu que agradeço o convite.”

“Como começou sua carreira? De onde tirou que deveria se vestir como um dançarino do clube das mulheres?” – gargalhadas.

“Bom — um sorrisinho. — Devido à minha aparência, recebi imensas recusas de gravadoras. As pessoas pensam que só são os cantores que sofrem com isso, mas afirmo que os DJs também. Queria ser como David Guetta. Ele é DJ e tem muitos CDS gravados por aí. Mas queriam que eu ficasse nos bastidores. Que só fizesse as músicas e tchau, não era esse o meu objetivo. Mostrei a eles que estavam totalmente errados. Enfim, coloquei uma máscara e me vesti elegante e gravei um vídeo com as minhas habilidades. Ninguém sabia quem eu era e fiz sucesso na internet e agora minhas músicas tocam em todas as rádios do Brasil.

“Então, temos um Clark Kent aqui, senhoras e senhores” — o locutor faz gracinha.

“Mais ou menos. Gosto disso, pois tenho mais privacidade assim. No dia a dia, vivo normal, como todos os outros.”

“E as mulheres? Aparecem muitas na sua vida?”

Paraliso.

“Estou em uma fase que gostaria de ficar sossegado com uma pessoa só.”

“Olha só, alguém aqui está querendo casar ou é impressão minha?”

Uma enorme risada.

“Talvez. Falta a noiva.”

Me enrolo em uma toalha e vou à sala escutar melhor. Me sento no sofá.

“Quem seria ela?”

“Por enquanto é segredo. Mas se ela estiver ouvindo, saiba que a garota com quem dancei ao som de Leandro e Leonardo.”

Coço meu pescoço. Minha pupila se dilata. Estou sonhando ou ele está insinuando um casamento comigo?

“Bom, por enquanto é só. Voltamos logo mais”

Está tudo pronto. Verifico várias vezes se minha roupa fica adequada, o que falo, o que faço. Repito um discurso centenas de vezes no espelho e finalmente desço as escadas e vou em direção ao destino.

Ao chegar na imensa livraria, meu coração dispara. Ver aquelas centenas de livros nas prateleiras faz com que meus olhos brilhem e meu cérebro torcer para que aquilo seja meu ambiente de trabalho.

Subo o primeiro andar e sou recepcionada por um rapaz de barba, que é o gerente do estabelecimento. Direciona-me a uma sala fechada, de ar-condicionado e pouco movimento. Ele me faz perguntas e anota tudo em pedaço de papel. Fico extremamente nervosa, contudo, acredito que me saio bem.

Rezo para que meu ex chefe, Paulo, o possuidor dos rancores, não fale de mim para ele e coloque tudo a perder. Porém, para minha sorte, ouço uma palavrinha mágica que espero há tanto tempo.

— Está contratada! — pisco os olhos várias vezes tentando assimilar se o aquele rapaz simpático diz é realmente verdade.

— Sério? — arregalo os olhos, levantando-me da cadeira onde estou sentada.

— Acha que brincaria com isso, senhorita? Você tem o perfil que queremos. É simpática, gosta de ler. Formada em administração, tem cursos na área de eventos, isso irá ajudá-la e muito como assistente de eventos. Você

nem pode imaginar o tipo de pessoa que ocupava esse lugar. A garota antiga era uma completa sem noção. Acredita que ela fechava reuniões que nada tinha a ver com a livraria? — ele chega mais próximo falando baixinho. — Ilícitos.

— Caramba! — fico impressionada como alguém tem a capacidade de jogar uma oportunidade dessas fora.

— É o que dá fazer “arrumadinho”. Sobrinha do patrão, sabe. Chegou uma hora que não aguentamos mais.

— Que tenso!

— Pois é.

— Então, quando começo? — digo muito animada, afinal, faz tempo que eu não trabalho e não vejo a hora de entrar no pique novamente.

— Disposta?! Gostei de ver. Começaremos segunda, pode ser? — levanta da cadeira e aperta minha mão.

— Claro. Muito obrigada pela oportunidade! — sorrio e ele abre a porta para que eu passe, saio mais alegre que criança quando ganha um brinquedo novo.

Deus do céu! Tudo está entrando nos eixos. Nem acredito! Finalmente me sinto útil novamente. Não vejo a hora de começar meu novo trabalho. Só de pensar nos acessos a lançamentos e escritores famosos, meu coração samba dentro das minhas carnes.

Dirijo alegremente até a minha residência e quem encontro no estacionamento? Seu Joaquim. Ele não me escapa. Tiro a limpo essa história de Mascarado agora! Desço do carro e me aproximo dele com um sorriso de orelha e orelha, está mais que na hora de resolver isso. Não me importo dele ser velho e ter filhos. Talvez esteja separado da mulher, para está dando em cima de mim (espero!).

— Menina Cléo! — sorri.

— Pode parar com essa conversa. Não precisamos mais desses fingimentos.

— Do que está falando? — sua testa enrugando mostrando descrença no que falo.

— Eu já sei que você é o Mascarado. Nem vem que não tem. Sei da nossa diferença de idade, mas... — escuto alguém se aproximando e me chamando, mas não dou ouvidos, preciso falar tudo às claras. — Mas não me importo, sério mesmo!

— Cléo... — a voz está mais próxima e eu não me mexo.

— Tudo que você fez por mim, suas declarações, seu jeito doce de falar comigo, me tirou do fundo do poço. Você me mostrou o caminho da felicidade e não quero mais abrir mão disso. Estou contigo para o que der e vier. — os olhos de seu Joaquim arregalam-se e ele fala algo, mas não deixo. — Já chega disso. Não quero mais máscaras, segredos. Nada. Eu quero você Mister M.

— Cléo! — a voz está do meu lado e percebo que é o Marcos, não me importo, ignoro e me aproximo de Seu Joaquim, que está com o rosto vermelho e afrouxa sua gravata preta.

— Eu sou apaixonada por você Mister M! — me aproximo do porteiro e tento dar um beijo, ele recua.

— Cléo! Eu não sou Mister M! — grita, antes que uma catástrofe aconteça.

— Como não? Eu vi a máscara na sua bolsa. Esses seus olhos, sua barriga saliente, essa sonoridade de voz.

— Claro que você viu. Mas a máscara é do meu filho, por isso que você está confundindo as coisas. — fico estática. Agora eu não entendo nada.

— E quem é seu filho?

— Sou eu, Cléo.

Viro o rosto e encaro o Marcos. Agora sim, ele ganha toda a minha atenção.

Capítulo 32

Revelação

Minha boca fica seca. Está tanto tempo aberta que nem sei se consigo fechá-la. Não acredito no que eu acabo de ouvir. Vários indícios surgem na minha mente. Aqueles olhos, aquela boca. A barriguinha saliente. O fato de eu ter contado a ele sobre Soraya e o Mister M saber disso. Como eu não associei os fatos? Como fui cega a ponto de achar... Ai, Jesus! Eu dei em cima do meu porteiro! Meu porteiro! Seu Joaquim deve estar se gabando, achando que está com a bola toda e que não precisa usar mais a pílula azul. Não! Não pode ser. A voz de mamãe se repete diversas vezes:

“Ele não é príncipe e sim um sapo”

O sonho com Cyndi Lauper pedindo para escolher um dos dois e complementar:

“Você pode ter os dois, se quiser”

— Sinto muito, Cléo. Se não sou o que você deseja. — ele baixa a cabeça, triste.

— Esse tempo todo você estava do meu lado. — dou um sorriso sarcástico. — Quem deve sentir muito sou eu. Por ter sido tão burra assim. Qual sua? Por que não me falar quem você é de verdade?

— Eu vou me retirar. Deixar vocês dois se resolverem sozinhos. — seu Joaquim sai de cena e eu e Marcos ficamos nos encarando no estacionamento do condomínio. Nossa sorte que não tem ninguém ali.

— Desculpe se fui grosso com você no começo. Mas é difícil entender uma menina que grita na fila do cinema que não gosta de homens e me olha com repúdio. — seus olhos estão úmidos.

Ai, Meu, Deus! É ele. O cara na fila do cinema. É ele com quem a Mari falou. É por isso que eles dois se conhecem. Foi tudo tramado ali e eu não percebi nada. Devia ter prestado mais atenção no rosto dele. Ao mesmo tempo me sinto com raiva e pena por ter tratado ele daquele forma. Mas mesmo depois disso, por que mesmo assim ele insistiu em mim? A louca psicótica que grita no meio do cinema e o ignora? Por quê? Por que alguém faria tudo isso? Minha cabeça dá voltas e voltas, perante meu silêncio, Marcos continua suas explicações.

— Você deve estar pensando por que mesmo assim quis me aproximar você. — arregalo os olhos e ele está certo com sua suposição. — A primeira vez que eu te vi, Cléo, eu estava com meu pai no *hall* do condomínio e você estava acabando de se mudar, estava com um senhor mais velho, presumo que

seu pai. — assinto e ele continua. — Te ajudei a pegar algumas coisas, mas você nem me notou. Meu pai fez até as nossas apresentações, contudo, você estava muito animada com o apartamento e não prestou atenção em mim. Mas o que eu queria, né? Que uma garota bonita como aquela perto de um cara assim. — se menospreza. — Não. Claro que não. Depois vi você passear com alguns caras e namorar, e eu continuava apenas olhando. Encarando a garota que eu queria nos braços de outro. Quanto te vi no dia do cinema eu me aproximaria de você, porém você fez aquele escândalo todo e recuei. Mas pela força do destino, entramos na mesma sessão e enquanto todos assistíamos ao filme, eu apenas pensava no porquê você ter agido daquele jeito. O que tinha acontecido de tão mal para você desistir dos homens. Não perdi tempo e chamei sua amiga para conversarmos, você passou por nós e nem prestou atenção. contei à Mari tudo que sentia e como você já sabe, eu já era o Mister M. Prometi a ela que se me ajudasse poderia fazer qualquer coisa e ela me pediu para conhecer alguém famoso, assenti e sua prima Jaque sorriu dizendo que isso não era possível e eu insisti dizendo que sim. Porque eu tinha influências no meio da música. As duas se entreolharam, talvez não acreditando tanto em mim assim, mas minha história de ser apaixonado por você, as convenceu a pelo menos tentar marcar um encontro entre a gente. Assim coloquei no papel o meu número e mais tarde no telefone revelei à Mari quem eu era e ela não acreditou. Tive que me encontrar com ela depois e mostrar a máscara, e alguns itens que pertence somente o DJ famoso. Ela me prometeu que continuaria com o plano e que já tinha um jeito de marcar o nosso primeiro encontro, que como você sabe, foi naquela sua festa. Tive que te ver com aqueles caras se jogando e quase enlouqueci de fúria, entretanto, a Mari me acalmava e dizia que era só uma brincadeira e que você estava passando por uma fase muito difícil e precisava daquilo. Na época, ela não me falou o que era, talvez por respeito a vocês, coisa que você mesma revelou depois a mim, como Marcos.

Depois de todo esse discurso, ele respira fundo, talvez aliviado e passa a mão em seus cabelos, nervoso. Eu não sei o que falar, o que fazer. Minha cabeça está confusa diante de todo este relato. Abro e fecho a boca diversas vezes, mas não sai nada. Marcos me encara esperando respostas.

— Você mentiu para mim. Como quer construir um relacionamento com alguém na base de mentiras? — finalmente consigo falar e o encaro. Marcos olha fundo nos meus olhos e se aproxima.

— Ei! Você não está em posição de me cobrar a verdade aqui. — cruza os braços e me toco do que ele está falando. Do acordo com Soraya.

Viro o rosto. Engulo seco. Não quero olhar para ele, nem saber seus motivos. Sei que não lhe contei a verdade, quer dizer, contei. Sem saber que

ele era o Mister M. Porém ele foi muito pior que eu! Bem pior!

— Cléo, escuta, eu... — não termina a frase.

— Eu fui enganada. — dou um sorriso nervoso e viro o rosto em sua direção. — Eu sou muito idiota mesmo. Devia ter percebido.

— Cléo, escuta! Caramba! Você não sabe como foi horrível te ver com aqueles caras, como meu coração partiu em mil pedaços. Como foi te ver todo esse tempo e não ter coragem de mostrar o meu verdadeiro eu. — ele chora, nunca imaginei em vê-lo nesta situação, há desespero na sua voz, angústia e decepção consigo. — Eu posso ter uma boa grana, mas olha para mim! Olha bem para mim! — exalta-se e se rebaixa. — Eu não sou nenhum daquelas caras da sua festa. Não sou bonito nem musculoso. O tempo todo eu vi você gostar de caras assim. Seria pálio com eles? Me diz Cléo! — ele se aproxima de mim, nossos rostos ficam próximos um do outro. — Fala Cléo.

— Acha que me importo com isso?! Que eu sou uma garota fútil? Talvez eu tenha até sido, O.k., mas se me conhecesse de verdade, saberia que eu mudei! Pelo visto nós dois não sabemos nada um do outro. — elevo a voz, nervosa.

— Você não sabe como é difícil ser o Marcos. As mulheres olham para mim com nojo! Por ser gordo, separado e ter uma filha para criar. Mas o Mister M, não. Ele, todas as o olham com desejo. Ele é diferente. Já eu... — limpa uma lágrima e continua. — Sabe o que a minha ex mulher fez antes de me deixar? — permaneço impassível e ele continua seu discurso. — Ela me traiu com meu melhor amigo. Sabe o que ela falou para mim? Que eu era um gordo nojento. Que quando nos fazíamos amor, ela imaginava outro homem porque eu lhe dava ânsia de vômito. Porque suas amigas riam de mim. Pois o marido delas, eram fortes, sarados e sabiam lhe satisfazer como nunca. E eu era uma zero à esquerda. Que ela só fazia consumir meu dinheiro. Ela não liga nem para nossa filha! A nossa filha! Que não tem nada a ver com isso. — começa a rolar pequenas lágrimas no meu rosto diante da situação.

— Acha que sou igual a ela?! A Cléo antiga poderia ser assim. E sabe o que isso resultou? Vários hematomas no meu coração que demoraram para cicatrizar. Eu só pensava em beleza sim. Admito. Mas eu vi que não adianta ser uma casca bonita com conteúdo vazio. E sabe quem me mostrou isso? — me aproximo dele. — VOCÊ! Eu comecei a gostar do seu conteúdo, não da sua casca. — as lágrimas dele rolam mais em sua face. — Mesmo não sabendo como era seu rosto, eu me apaixonei pelo que tem aqui. — coloco a mão no seu coração. — E aqui — ponho a mão na sua cabeça.

— Eu fui um covarde. — abaixa a cabeça e uma pequena gotícula de água percorre sua face e cai no chão.

— Ainda bem que admite. O dia que te contei o que estava acontecendo, ali mesmo você podia ter me falado.

— Eu tentei. Mas fomos interrompidos, lembra?

Me recordo da cena e vem na minha mente o momento que ele me contaria alguma coisa no parque Dona Lindu, porém minha prima surtada apareceu. Assinto e agora rola na minha face uma pequena lágrima.

— Às vezes a gente comete um erro achando que é um acerto. — Marcos filósofo. Balanço a cabeça nervosa.

— Eu preciso ir. É coisa demais para minha cabeça. — não posso mais ficar ao seu lado, preciso descansar aquelas informações que me afligem.

— Ao menos pode me dar uma abraço? Só um. Sei que não é o melhor momento, mas... — o abraço forte. Enquanto ouço seu coração bater acelerado com meu. Ele me aperta mais ainda como se não quisesse me perder. Me solto dele e nos olhamos por uns instantes.

— O que acontece com a gente?

— Isso só o futuro poderá nós dizer.

— Antes de ir, permita te entregar uma coisa; quero que você leia. Não agora. Só quando estiver sozinha. — me estende um papel branco, dobrado. Respondo que sim com a cabeça. Pego o papel das suas mãos geladas e nervosas encerrando nosso diálogo.

— Adeus.

— Prefiro dizer até logo. — não respondo.

Eu preciso me tranquilizar o mais rápido possível. Saio do estacionamento e subo as escadas chorando, Seu Joaquim pergunta o que aconteceu, mas não respondo, corro depressa e abro meu apartamento nervosa. Enxugo minhas lágrimas e respiro fundo. Aquilo mexeu comigo, todas aquelas palavras, aquela dor, estão me perfurando por dentro.

Me dirijo à cozinha e abro a geladeira e procuro pelos meus analgésicos prediletos:

Chocolates.

Devoro um por um. Sem ao menos sentir o seu sabor direito. Espero que eles acalmem meu coração.

Mi chega balançando o rabinho, se aproximando de mim. Aliso sua cabeça.

— O que eu faço, Miúcha? — ela me olha com ternura e pôs suas

patinhas no meu colo. Ficamos por um bom tempo consolando um a outra até que meu celular toca. Era o Bernardo, dizendo que amanhã viria aqui com o dossiê completo da Soraya. Respiro aliviada. Finalmente me livraria das maldades da minha prima. Não vejo a hora de jogar na cara dela os seus segredos. O que me deixa bastante curiosa para saber quais.

Falando em interesse, pego o papel que o Marcos me deu do bolso da minha calça jeans. E leio baixinho:

“E não adianta nem me procurar. Em outros timbres, outros risos. Eu estava aqui o tempo todo. Só você não viu”

Capítulo 33

Fim do jogo

Depois daquele dia, Marcos tentou falar comigo, bateu em minha porta e me chamou, porém não respondi. Estava sendo covarde, confesso. Porém não sabia o que fazer. Provavelmente, depois tudo isso, ele desejava uma resposta. Saber se vamos ou não continuar o que estava começando.

Me sinto uma idiota e esse é o motivo de não querer vê-lo. Saber que ele passou por tanto coisa por conta de mim e não sei se tudo isso realmente vale a pena. Tenho medo de machucá-lo, de me machucar. Somos dois condenados aos amores que deram errado, será que juntos vamos ser o que daremos certo? Só o tempo dirá.

Conversei com Mari sobre todo acontecido, questionei-a diversas vezes e até discutimos, mas no final, entendi que ela acreditava que daria tudo certo, que eu finalmente me apaixonaria por alguém real e ter os pés no chão. Por isso ela fez aquilo tudo, certo que ela não negou que conhecer *Dennis Lenson* era um atrativo e tanto, segundo ela, era mais que merecido. Deixou até eu dar um tapa na sua cara por ter mentindo tanto, porém não fiz. Apenas puxei seu cabelo como advertência e falei que Bernardo sabia fazer uns cortes bem horrorosos e que da próxima vez que ela esconder algo de mim tenho com quem contar.

Ela ficou horrorizada. Mari adorava seu cabelão e fiz ela temer dos pés à cabeça por isso. Passado as mágoas, nos abraçamos com ela partindo apressada para o hospital, pois, tinha levado uma bela de uma suspensão pelo ocorrido com Soraya. Me deu um beijo na testa e disse que tudo ficaria bem.

Depois da partida de Mari, assisto dois episódios de *Greys Anatomy* comendo pipoca no sofá. Me identifico muito com a personagem *Callie*, ela sofre tanto no amor e sempre que aparece um novo ela fica desconfiada se pode dar certo, depois de tantos tombos que levou. Me sinto também assim. Receosa. Não sei se dará certo desta vez e eu tenha medo. Muito medo daquele amor todo que Marcos diz sentir por mim. Mas como disse Mari a poucos minutos:

“Você nunca saberá se não tentar”

Antes que eu tome uma decisão, Bernardo chega à minha casa às três em ponto. Ainda não acredito no que ele tem em mãos. Fotos incrivelmente comprometedoras da Soraya. Passo imagem a imagem para ter certeza que aquilo é possível. Saber que somente eu possuo este conteúdo me anima naquela tarde. É algo muito revelador e tenho certeza que ela não gostaria que caísse em mãos erradas. Seria um problema a menos que eu teria pela frente.

Abraço meu amigo que murmura algo como:

“Não encosto muito, aqui, só homem toca e gostoso de preferência”

Mesmo assim dou um beijo em seu rosto contra sua vontade. Estou feliz. Aquilo fará eu virar o jogo nos 45 segundos do segundo tempo e me fazer vitoriosa. Meus problemas acabam, ou parte deles.

— E aí, pronta? — me questiona agoniado, roendo as unhas, desejando saber quando será a hora de jogar as cartas para Soraya.

— Bernardo eu te amo! — dou mais um beijo em seu rosto, ele faz uma careta.

— Mariah! — adverte e eu assinto. Preciso ainda me acostumar com seu verdadeiro nome.

— Há mais no *pen-drive*. — tira do bolso da sua calça e me entrega. — Dei umas à sua mãe e à Mari também. — sorrio.

— Como conseguiu isso tudo? — estou curiosa. Ele coloca as mãos na cintura e começa a gesticular.

— Bem ... ah ... digamos que eu conheço o segurança da boate e assim... — coça a cabeça. — Por acaso ele tinha as gravações de tudo que aconteceu naquela noite e como foi para mim ele meio que cedeu, sem restrições. — se abana. Não quero nem saber os verdadeiros meios que ele consegue isto.

— Conhece, é? Sei. — gargalho, o deixando corado. — Não precisa explicar. — toco de leve o seu braço. — O que importa é que consigo virar o jogo.

— É isso aí. — estende a mão e selamos um cumprimento apertado e vencedor.

Sou interrompida por uma mensagem:

“Apareça hoje aqui em casa, depois do almoço, você não livrará de mim, tenho um novo contrato.

Lá vamos nós. É como dizem:

“Quem rir por último, rir melhor.”

Altamente perturbada e sem um pinga de juízo, acaba de descer de suas escadas escandalosamente ricas. Veste um vestido roxo, de mangas e carrega um sorriso maquiavélico nos lábios. Permaneço sentada de frente à mesa de estar. O mordomo se aproxima de mim e coloca mais vinho na minha

taça.

— Era bom que tivesse veneno no dela! — murmura.

Sorrimos.

— O que tanto cochicham, idiotas?! — senta-se de frente para mim.

Silêncio.

— Pois bem, pouco me importa! Cle.o.ni.ce. Tenho um novo servicinho para você. Estou sem camareira e neste novo acordo — aponta para uma folha branca que está em suas mãos. — Você será a minha empregada! — ri alto, soltando veneno pelos lados. Sorrio. Ela não sabe do meu trunfo.

O mordomo se aproxima da mesa e coloca mais vinho na taça da endiabrada. Por um momento se descuida e acaba derramando o líquido na roupa de Soraya.

— Seu estúpido! — levanta-se. — Isso é um Armani, seu idiota! — dá um tabefe no rosto do senhor.

— SORAYA! — levanto da cadeira, indignada.

— Rua, seu imbecil! — espuma de raiva. Para surpresa de todos, o mordomo sorri e sai gritando:

— Livre! Obtive minha carta de alforria! Adeus, rainha má! — ergue o dedo do meio. O restante dos empregados sorriem baixinho.

— Parem de rir, seus vermes! Desejam ir para o olho da rua também? — surpresa novamente.

— QUEREMOS! — os empregados tiram seus aventais e jogam no chão. Pouco se lixando para as palavras de maldade da minha prima. Saem todos de cabeça erguida e sorrindo.

— Oras, seus inúteis! Se arrependerão! — esbraveja. — Você, sua idiota! — se dirige a mim. — Trabalhará na minha casa, será tudo, mordomo, camareira, cozinheira!

— É mesmo?! Quem me obrigará? — cruzo os braços na defensiva.

— Isso! — ergue o celular.

— E isso te impedirá! — estendo o *pen drive* a ela. Soraya me encara com semblante pouco preocupado.

— Você é muito imbecil. Você não tem nada contra mim!

— Mesmo?! Olhe o conteúdo dentro do aparelho! — ela duvida por uns instantes e sobe as escadas nervosamente. Depois desce com *macbook* nas

mãos e aos poucos vê o que eu tenho contra ela.

1. *Soraya em uma boate.*
2. *Dançando sozinha.*
3. *Uma mulher se aproxima dela.*
4. *As duas começam a dançar.*
5. *Segundos depois começam a se beijar.*
6. *Soraya é gay.*

Capítulo 34

Surpresas

— Cléo, pode vir aqui um instante? — a minha superior me chama, abrindo a porta da sua sala.

Comecei a trabalhar na livraria Cult. E admito: amo tudo isso! Tenho acesso aos lançamento de livros em primeira mão. Sem falar nos eventos dos autores. Semana passada a *Marian Keyes* esteve aqui! *Marian Keyes*! Dá para acreditar? A livraria lotou. Fui uma das primeiras a pedir que ela autografasse todos os meus livros. Chorei feito boba e ainda tiramos fotos! Beijinho no ombro! Saímos em colunas de jornal e a própria autora divulgou o evento nas suas redes sociais.

Posso surtar de novo?

A Marian Keyes !!!

— Algum problema, Beth? — chego à sua sala. Beth é a organizadora de eventos da livraria. E eu sua assistente. Ela tem cabelos volumosos, cacheados e óculos vermelhos, quadrados.

— Você conhece o Marcos? — ela cruza as pernas e me fita seriamente. Arregalo os olhos surpresa pela aquela pergunta, porém mesmo assim respondo afirmativamente um pouco desconfiada. Aonde ela quer chegar com isso?

— Não faça essa cara de espanto. Eu e Marcos somos amigos de longa data e sei tudo sobre vocês. — nunca imaginaria que Beth conhece o Marcos. A vida realmente te surpreende. — Sei que não somos amigas. Somos só colegas de trabalho e você chegou agora aqui. Mas deixe-me te dar um pequeno conselho: você é nova, tem muita coisa pela frente. Te digo uma coisa. — ela levanta-se da cadeira e vem em minha direção. — Quando a vida nos dá a oportunidade de ser feliz, a gente agarra com todas as forças, senão, a oportunidade vai embora e não volta nunca mais. Não deixe esse garoto fugir de você. — olho para ela constrangida. Sei que o que Beth diz é verdade. Mas fico um pouco incrédula por ela saber de tudo isso. — Eu também sei que ele é o Mister M. — arregalo os olhos. — Ele me conta tudo. Sendo bem honesta, ele só quis ser o Mister M para provar para todo mundo que ele deu a volta por cima. Que ele estava em uma parte superior que sua ex esposa. Contudo, depois que ele passou a ser o Mascarado, ele perdeu sua essência, deixou de ser o Marcos. Faça ele ser o Marcos de novo. Ele merece alguém como você. Vocês merecem ter um final feliz.

Toco a campainha diversas vezes, mas ninguém aparece. Fico um pouco preocupada. Desde que eu e Marcos nos desentendemos semanas atrás, não o vi circular pelo prédio. Será que ele mudou de endereço?

Depois de tanto esperar, desisto. Dou meia volta e vou em direção ao elevador. Aperto o botão repetidas vezes, para que ele pare naquele andar. Quando as portas se abrem, entro em choque. É o senhor Joaquim junto com a Emily. Fico amarela, azul, todas as cores da bandeira do Brasil. Não queria ver tão cedo o meu porteiro, isso me recorda do mico que paguei e de quase o ter o beijado achando que era o *Mister M*.

Enquanto eles saem do elevador, abaixo a cabeça e fico sem saber o que fazer. Não sei se entro ou se o encaro. Mas não preciso tomar nenhuma atitude, Emily vem em minha direção correndo, me dá um abraço apertado e um beijo na bochecha.

— Cléo! — a abraço de volta, enquanto seu Joaquim nos observa.

— É você mesma que estávamos procurando. — ele coloca sua mão no meu ombro, enquanto me solto dos braços da delicada Emily.

— Eu? — respondo incrédula.

— Você. — fico um pouco nervosa; será que a esposa dele deve estar vindo atrás de mim para me fritar em uma churrasqueira e dar para os cachorros comerem? Mas não é isso que sai de seus lábios.

— Meu filho está muito abatido. Fica pensativo por muito tempo. Mal fala, mal come. Nunca o vi assim, Cléo. Ele deve gostar muito de você. — entristeço com seu relato. Acho que demorei muito para tomar uma decisão e nesse meio tempo o fiz sofrer mais. Me sinto péssima. Emily demonstra agora um semblante preocupado e me encara por uns instantes, em seguida começa a conversar comigo.

— Papai está muito triste, Cléo. Eu sempre achei que ele gostava de você. Desde quando ele me mandou ficar entregando na sua porta aquelas cartinhas. Só não falei nada porque ele me pediu segredo. E depois ficou agindo como se não se importasse com você. Eu não entendi muito, mas um coleguinha meu da escola, o Gabriel, sempre me diz que adultos são estranhos mesmo. — ela faz uma careta engraçada.

As cartas! Então foi assim que ele estava me enviando naquele dia. Lembro das crianças no corredor brincado. Só não recordava de ter visto a Emily. Talvez porque ainda não a conhecia e não tinha parado para prestar atenção.

— Então era você? — ela balança a cabeça confirmando.

— Sou muito esperta. Eu entregava e corria para brincar com os meus amiguinhos. — se gaba sorrindo e eu também.

— Muito mesmo. Me enganou direitinho. — bagunço seus cabelos negros cacheados.

— Faz um favor para mim, Cléo? — ela volta a conversar.

— Qual? — me abaixo, ficando do seu tamanho.

— Faz meu pai voltar a sorrir? — seus olhos brilham na esperança que eu cumpra o que ela me pede.

— Faço sim. — respondo meio trêmula diante de tanta doçura desta garotinha.

— Jura de coração? — sorrio com aquela doçura de menina.

— Juro. Palavra de escoteira! — levanto a palma da minha mão, em um gesto de confiança.

— Agora me diz: onde ele está?

— Ele foi ver o sol se pondo lá na praia de Boa Viagem. É para lá que ele vai quando quer pensar. — é Seu Joaquim que responde.

— Então, eu vou até lá. — me levanto da altura que estou.

— Boa sorte a você dois. Espero do fundo do coração que dê tudo certo. — agradeço com um pequeno aceno e ele me dá um sorriso sincero e leva Emily para casa.

O sol se pondo é a coisa mais linda de se ver. Há muito tempo não paro para prestar atenção em uma imagem tão bela. Ver o céu se transformar em um tom alaranjando, como se acompanhasse o sol em sua partida, é lindo e apaixonante. A correria do dia a dia faz a gente esquecer o que é realmente importante. Como as pequenas coisas que o nosso criador faz para nós.

Caminho na areia à procura do Marcos, olho para o mar, quiosques e não o encontro. Depois de quase desistir, avisto perto de umas pedras, observando a imagem linda que tem na nossa frente.

Está de blusa branca e uma bermuda jeans e um olhar perdido. Mas ao me aproximar mais, vejo uma mulher loira perto dele dizendo palavras murmuradas, penso que é sua ex, mas não é. Talvez Marcos tenha partido para outra. Meu coração se aperta ao imaginar isso, porém, mesmo assim, entendo seus motivos, eu só o fazia sofrer. Ele tem direito em investir nela.

Dou meia volta e acredito que Marcos percebe minha presença e me alcança pegando levemente no meu braço, me fazendo fitar seus olhos castanhos intensos.

— O que faz aqui? — mostra-se surpreso.

— Vim te procurar, mas vi que já tem companhia, não quero atrapalhar. — caminho para o lado oposto, mas ele me cessa.

— Ah, Cléo... — me olha com misto de ternura e piedade.

— Não! Por favor. Sem lamentações. Desejo que você seja muito feliz. — quero evitar que ele me explique quem é a fulana e o que faz ali.

— Cléo, eu e a... — não deixo ele terminar.

— Chega Marcos. Eu vou indo, não precisa me explicar nada. — quando viro as costas, a mulher nos alcança correndo nas areias da praia.

— Ei! É você que é o grande amor da vida do meu irmão? — viro e a encaro.

— Como? — faço uma cara de espanto. Ela não parece nada com o Marcos. Tem cabelos lisos, loiros, estatura mediana. Somente seu olhar é daquele tom castanho intenso que conheço bem. E eu já a vi em algum lugar. Da noite que eu fui ao endereço que Emily me deu, quando estava desesperada para salvar a Mari. Avistei ela e o Marcos trocando carinhos e na época achei que era sua namorada. Sabia que ela não era estranha.

— Olha, leva essa mala sem alça. Não aguento mais ouvir esse lamento de vocês. Ele está me impedindo de sair com meus amigos, pois,

todas as vezes me pede companhia, para não ficar sozinho e eu perco a oportunidade de ficar com todos os homens gatos desta cidade. — sorri.

— Jéssica! — Marcos a repreende, mas não faz nenhum efeito.

— Graças a Deus que você apareceu. Vou dando no pé e ficar sozinha, finalmente! — ela eleva as mãos para os céus, agradecendo ao Divino e sai.

— Vocês não se parecem.

— É porque ela é filha somente do meu pai. O velho deu umas puladas de cerca por aí.— Seu Joaquim? Quem diria, hein! — Achou que eu já estava em outra? — ele estreita os olhos e sorri divertido.

— Bem... eu... — fico nervosa e envergonhada ao mesmo tempo.

— Fica tão linda com ciuminho. — ele se aproxima de mim e deposita um beijo na minha testa e sorri com meu constrangimento.

— Não foi bem assim. — tento parecer superior.

— Ah, foi sim. E quer saber? Adorei. — mexe nas mechas dos meus cabelos e me dá seu olhar intenso que tanto me perturba.

Ficamos em silêncio, apenas falando com os olhos. Dizemos tanta coisa na última vez que nos vimos. Coisas que nos magoaram, nos machucaram. Mas agora, depois que a poeira abaixou. É como se estivéssemos nos conhecendo naquela instante. Como se toda as mentiras e intrigas ficassem para trás.

Sei disso, pelos olhares que damos um ao outro. Marcos parece enxergar minha alma e eu a dele. Quero dizer tanta coisa e acredito que ele também. Meu coração acelera. O silêncio que paira sobre nós me deixa aflita. Eu não sei o que falar agora. Então, depois de uma longa pausa, Marcos inicia o diálogo.

— Desisti de ser o Mister M. Já comuniquei a todos que o grande DJ do momento deixará de fazer suas apresentações.

— Por que fez isso? — o encaro.

— Porque não quero ser mais ele. Quero ser eu. Entende?

— Sim. — digo compreensiva. Concluo que ele não quer viver mais atrás de máscaras. — Sinto muito por não ter te notado. Entendi o que você quis dizer.

Silêncio.

— Você me perguntou o que será de nós. Possa responder? — me atrevo a tomar uma decisão. Espero que ele concorde com que falo.

Marcos balança a cabeça.

— Acho que o nosso futuro é estar ao lado um do outro. — ele abre um enorme sorriso.

— Ah, Cléo! Como eu esperei por esse momento. — me agarra pela cintura com pressa. Nos olhamos e aos poucos seus lábios se tocam nos meus e me entrego ao beijo, que por horas é calmo e tranquilo, por outro é urgente e apressado.

— Isso é real? — ele me pergunta ofegante. Encostando sua testa na minha.

— Claro que é. — respondo com os olhos brilhando e coração acelerado diante de tanta paixão.

Marcos inicia os beijos, sua língua dança junto com a minha e eu não quero que ele pare, mas ele trava e me dá um sorriso maroto. Em seguida, beija meu pescoço, mordendo minha orelha e apertando minha cintura de forma possessiva; o que me causa arrepios. Beijo de volta da mesma forma que ele faz comigo e ouso até mais. Marcos dá um longo suspiro.

— Vamos sair daqui antes que a temperatura esquente. — sorrimos.

Andamos pela areia e de vez em quando dando umas paradinhas para um beijo ou outro e nos admirando. Apreciando agora o verdadeiro Marcos e a verdadeira Cléo. Sem máscaras, sem mentiras, juntos nos completávamos de forma verdadeira, sensível e libertadora.

— Oficialmente minha namorada.

— Oficialmente meu namorado. — olho bem fundo nos seus olhos e ele responde com um sorriso:

— E ELA É A MAIS LINDA DO BRASIL! — grita no meio da praia me fazendo vergonha. Algumas pessoas nos olham curiosas.

— Para bobo! — murmuro, dando um beijo casto em seus lábios.

— Que cena mais linda. — alguém se aproxima de nós com os braços para trás como se escondesse algo.

— Soraya? — digo incrédula. O que ela está fazendo aqui?

— É uma pena eu estragar isso. — aponta um revólver para a cabeça do Marcos.

— Soraya, por favor, pelo amor de Deus!. — entro em desespero. Transeuntes que passam e percebem a ação, gritam assustados.

— Achava mesmo priminha que eu deixaria você ganhar assim tão

fácil? — Marcos fica estático. Analisando a situação e se pode sair dela.

— O que você quer? — olho para ela horrorizada, temendo que aconteça algo ruim.

— Se você vir comigo, não estouro a cabeça do seu namorado e revelo o que quero. — continua apontando a arma. Respiro fundo.

— Eu vou.

— NÃO! — Marcos segura meu braço, suplicante. — Não vá. — Soraya continua com a mão no gatilho. Alguns segundos depois, dois brutamontes se aproximam de nós. Os dois são capangas dela e seguram também uma arma cada.

— Trouxe um reforço para que ninguém tente uma gracinha. — olha para o meu namorado.

— Não precisamos disso. Eu vou com você. Só deixe o Marcos em paz, tá bem? — um sorriso diabólico surge de seus lábios.

— Tudo bem. — ela retira a arma da testa do meu namorado e sorri triunfante.

Me aproximo dela, me rendendo para sabe lá o quê que ela quer me contar. Os fortões me agarram com força, enquanto vejo o Marcos correndo em nossa direção, gritando o meu nome. Mas eles são muito mais rápidos e me colocam em uma van. Depois disso tudo...

O que vejo é escuridão.

Capítulo 35

Sequestrada

Abro os olhos devagar. Consigo enxergar imagens distorcidas, que aos poucos se distingue. Estou em uma cama deitada. Em um local escuro, sem janelas, parece um galpão velho. Com uma cômoda e uma mesinha de centro. Levanto ainda fraca. Uma dor latejante vem da minha cabeça. Vejo minha prima na minha frente com um robe na cor vinho. Parada e me observando.

— Soraya?! O que aconteceu? — digo, desnorteada.

— Por favor, sente-se! — diz tranquila. Nem parecendo a mulher descontrolada que conheço.

— O que você quer? Que lugar é este? — olho para os lados apavorada.

— Sabe prima, eu tinha um motivo para fazer todas essas maldades com você. Um “bom” motivo! — vai à mesinha daquele local e pega uma garrafa de uísque e um copo, que há ali. Despeja o líquido no recipiente e degusta devagar a bebida, enquanto fala.

— Eu queria que você se decepcionasse. Que odiasse os homens! Que quisesse matá-los. — posso perceber uma espuma branca sair de sua boca.

Alguém chama a carrocinha!

— Eu queria que você gostasse de MIM! — se aproxima com os olhos esbugalhados e ainda mais perturbada que antes. Permaneço sentada na cama, sem saber o que fazer. Ela fala que quer que eu goste dela? Ouvi bem? Como assim? O que está acontecendo? Só pode ser um pesadelo, dos ruins.

Para minha surpresa, a maluca liga o som que está em uma cômoda daquele quarto escuro. Olho para os lados para me certificar que isso não é uma daquelas pegadinhas do Faustão.

Aos poucos entendo o que é aquilo, ao ouvir:

“*Conga, la conga, conga, conga, conga*”

Soraya se vira e aos poucos se aproxima de mim, tirando seu robe, mostrando uma *lingerie* ousada, de renda, na cor vermelha e fazendo caras e bocas.

Minha prima.

Está.

Fazendo.

Um.

Strip-tease.

Para mim.

“Conga la conga, conga, conga, conga”

Escuto e vejo tudo aterrorizada. Gretchen continua a cantar a melodia, enquanto minha prima rebola, joga os cabelos. Se aproxima de mim insinuante. E eu continuo impassível sentada. O que ela está pensando? Que eu me apaixono depois dessa sedução e imitação barata da rainha do bumbum?

Mais uma jogada de cabelos de um lá para o outro, parece um espanador os seus movimentos capilares. Tenta fazer poli dance com um pobre abajur, mas é impedida, ao cair no chão, com uma lâmpada que quebra em sua cabeça.

— Você está bem? — levanto e me aproximo devagar. Com medo do que essa mulher possa fazer próxima a mim.

— Diga que você me ama. — segura na minha camisa desesperada, nem se importando com o ferimento que agora está na sua cabeça. — DIGA CLÉO! — os olhos voltam a uma cor que desconheço, minha prima parece uma mistura de Samara do O chamado com a menina do Exorcista. — Você me amará! Ah, se vai! — dá um sorriso diabólico digno de filme de terror. Levanta-se e fecha a porta, trancando-a.

Eu realmente não estou em uma pegadinha do Faustão, como diz a Mari:

“Bitch, Please!”

Isso não pode está acontecendo. Também não estou em uma daquelas pegadinhas do Sílvio Santos? Meu inconsciente mentalmente fala comigo:

“Não, sua burra! Isso aqui é a vida real. Você foi sequestrada pela sua prima altamente psicopata! Morrerá terrivelmente com um daqueles seus livros de romance policial” Ha. ha.. .ha .ha.

O que Soraya fará? Me manter ali para sempre? Me obrigar a cheirar suas calcinhas?

Eu estou perdida!

— Como está a comida, amor? Boa? Fiz para você! — faço uma careta. Os cabelos dela estão desgrenhados e Soraya compete com um zumbi, no quesito figurino.

— Ah... ótima. — respondo meio a contragosto e ela sorri me olhando de um jeito muito esquisito.

Há uma mesa de jantar com cadeiras em uma parte que antes de chegar ali, era vazia. Próximo, tem um fogão com algumas panelas em cima. Os capangas nos observam; sinto um desconforto diante daquela situação.

— Eu te amo, você me ama? — se aproxima da cadeira onde estou sentada.

— Soraya, você me desculpe, não tenho nada contra sua opção sexual, têm muitas garotas disponíveis por aí, mas comigo não rola.

— É por conta daquele barrigudo, não é? — meus olhos arregalam e me lembro do Marcos. O que será que tinha acontecido com ele? Se Soraya tocou em um fio de cabelo sequer dele ou de alguém que amo, eu a mato!

— Darei um jeito nele. Assim como fiz com meu marido. — meu coração acelera. Ela matou o esposo dela? Ouço bem?

— O. Que. Você. Fez? — pergunto atordoada, levantando-me da cadeira.

— Amorzinho, não pode existir obstáculos entre nós. Por isso tive que dar um jeito no Sílvia. Matei-o envenenado com vodca. — recordo da comida que acabei de degustar e começo a tossir desesperada, imaginando que ela poderia fazer isso comigo também.

— Não se preocupe, não lhe farei nenhum mal. — me dá um beijo na testa.

Coloco as mãos na boca, incrédula como todas essas revelações. Realmente eu estou diante de uma pessoa doente e criminosa.

— Soraya, não faça nada ao Marcos. Você prometeu, lembra? Nem ele nem ninguém que amo. — ela me encara. Depois responde:

— Se é de sua vontade, mas com eles vivos não podemos ser felizes. — respiro fundo e tento entrar no jogo dela. Se aquela psicopata acha que ficaremos juntas, talvez possa pelo menos fazê-la acreditar nisso, para deixar as pessoas que eu amo em paz.

— Não há nenhum deles aqui. Não precisa fazer nada. Porque só estamos eu e você. — toco no seu braço, olhando bem para seus olhos, suplicante.

— Tudo bem. Tudo para você, meu amor. Por você faço qualquer coisa. — dá um beijo na minha bochecha. Levando-me para o quarto e me trancando.

Ficando sozinha, choro muito. Lembro do meu trabalho, meus amigos, minha família, o Marcos... Será que eles sabem que fui sequestrada? Estão me procurando? Será que nunca tenho meu final feliz? Depois de tantas perguntas sem respostas. Adormeço.

Capítulo 36

Casamento forçado

— Você está linda.

Depois de Soraya apontar uma arma para minha cabeça, visto o vestido branco com véu e grinalda que ela me obriga. A altamente psicopata, inventa um casamento forçado comigo nesse galpão velho. E diante do revólver que está na minha frente, nada posso fazer. A não ser aceitar. Temo pela minha vida.

— Não dizem que ver a noiva antes do casamento dá azar? — cutuco a onça com vara curta.

— Eu faço a minha sorte. — balança a arma calibre 32.

Ela usa um vestido branco, de mangas compridas e de poucos detalhes. Não está com a grinalda na cabeça. Se me dissesse tempos atrás que isso aconteceria, provavelmente eu daria uma gargalhada alta e diria que não teria chance nenhuma de isso ser verdade.

Sempre atribuí às implicâncias da minha prima a pura inveja que ela tinha de mim. Mas nunca imaginaria que ela tinha um amor doentio e viraria uma assassina.

Temo diante da situação. Uma imensa vontade de chorar vai e vem. Porém, tento controlar ao máximo para enganar Soraya. Para que pense que estou de acordo com aquilo tudo. Quando por dentro, temo acabar como o deputado Sílvio.

Jesus, Maria e José, santo Antônio e todos os santos, me tirem dessa!

Os capangas fortões estão na porta do quarto; assim que saio junto da altamente perturbada, me lançam um olhar ameaçador.

— Vamos, querida. — ela me puxa pelo braço. — Eles só estão aqui para impedir que ninguém estrague nosso momento. — saio daquele quarto indo para o centro do galpão, onde ontem fizemos a nossa refeição à noite. Antes, havia uma mesa e cadeiras ali, hoje não há nada, a não ser um padre que está quase se mijando nas calças por ter uma arma mirada na sua cabeça.

— Vocês?! — olho assustada diante de dois traíras que eu conheço bem.

— Surpresa? — a pessoa me dá um sorriso de deboche.

— Muito. — ele se aproxima de mim. Enquanto a garota continua apontando para o sacerdote. Soraya sorri cinicamente e fala com seres

imagináveis. Essa mulher não está nada bem!

— Olha a cara dela Rebeca, Cris? Cris disse que você está muito pálida e que isso está tirando sua beleza. — murmura para mim. Olho ao redor e só vejo dois quadros velhos com quem a louca conversa.

— Bom, como podemos ver... — ele faz uma pausa e lança um olhar de desprezo para Soraya. — Nossa querida amiga não está em condições de explicar nada; tomo a liberdade de contar uma historinha para você. — trinco os dentes, diante de tamanho ódio. — Soraya, como você já sabe, tem dinheiro suficiente para comprar o que quiser. Depois de seu *show* na empresa, o nosso chefe me demitiu também, junto com a Michelle. — franzo a testa. Não fiquei sabendo desta informação. — Estava meio sem grana e bem... sua prima soube do nosso envolvimento e me procurou. Contou tudo o que faria. Não hesitei; ela me pagou para morar perto da sua casa. Te seduzir de novo e te fazer de boba pela segunda vez. — gargalha. — E olha que você quase caiu no papo furado que nós armamos. — isso explica muita coisa. Explica o porquê Edu deixou Soraya me filmar, quando apareci na sua casa pelada. O motivo de Soraya sempre saber o que acontecia ou não quando estávamos juntos. Tudo faz sentido agora.

— Somos bons atores, amor. — Michele pronuncia, fuzilo-a com os olhos.

— Larga de ser trouxa. Que nem pintado de ouro eu te queria, encosto! — minha cabeça ferve. Esse cara tá se achando demais!

— Olha só quem amanheceu bravinha. — toca no meu rosto, desvio.

— Nem em um milhão de anos ficaria com um idiota como você. Eu realmente devia ter te dado uma boa lição. Perdi meu tempo com um imprestável, quando poderia estar com alguém que realmente vale a pena.

— Está falando daquele gorducho que você fez aquela cena no banheiro? — debocha. Cerro meus punhos. — O que ele te oferecerá? Banhas por quilo? — Soraya continua com seu comportamento esquisito. Agora falando com o chão do local, pensando que é meu tio.

— O que ele me dará é algo que um homem como você, nunca me deu: Amor verdadeiro.

Ele sorri de escárnio. E eu continuo:

— Você nem tem do que falar. Olha só para mulher que você escolheu para ser seu par. Felizmente somos pessoas que não ligam para as aparências. — ele me fita com ódio. Michele mais ainda. — Quem fala o quer, ouve o que não quer. — digo triunfante.

— Já chega! Comecem essa cerimônia! Ou eu mato todos vocês. — Soraya se desperta do transe e nos assusta. Aponta a arma para todos nós, decidida.

— Queremos um aumento da nossa parte do acordo, não se esqueça, querida, que também temos um revólver! — Michele grita. O padre continua trêmulo e ouço ele rezar um pai nosso e três ave-marias.

— Não esqueça que eu tenho capangas. — Os brutamontes se aproximam e mostram ao Eduardo dois fuzis. Ele na mesma hora sabe onde é seu lugar.

— Não fale mais em dinheiro, já dei a vocês o suficiente para ficarem bem por um bom tempo. Trouxeram o que eu queria. — aponta a arma para o sacerdote. — Agora saiam por bem ou por mal. — ouço um momento de silêncio entre ambos, Troca de olhares que dizem tudo. Desconfiança, ambição e no caso da Soraya, loucura.

— Sairemos sim. — Eduardo se pronuncia.

— Baixe a arma, queridinha. — Soraya fala com Michele. Que bufa e depois é obrigada a recuar pelo seu namorado.

— Ótimo. Agora saiam! Que há uma celebração para acontecer. — Soraya não escuta, mas o Eduardo resmunga baixinho:

— Isso não fica assim. — Os dois saem de fininho sendo acompanhados à força pelos capangas que não são nada delicados.

— Onde estávamos?! — aponta a arma para o padre, que se pergunta por que aquilo está acontecendo com ele.

— Deixe de lamúrias, clérigo. Comece logo com isso! — os capangas voltam e cruzam os braços em uma posição de intimação ao reverendo.

— Estamos aqui para celebrar a união de Soraya *Bitencourt* com Cleonice Fernandes. — o padre inicia, mesmo a contragosto.

— Espere! Não teve marcha nupcial. Me recuso a começar sem a música! Ei! Vocês! — se refere aos cúmplices. — Liguem o som que entraremos de novo.

Voltamos à estaca zero. Colocam a música “*Some like you*” da Adele. Juro que essa melodia é linda, mas para mim parece canção para meu enterro. Caminhamos lentamente até chegar de frente para o padre. Soraya sorri de um jeito perturbado, por vezes me assusto achando que ela é o palhaço “Bozo” diante de tanto batom vermelho que rodeia aqueles lábios.

— Estamos aqui para celebrar a união...

— ... vai logo com isso! — ela aponta o revólver para a cabeça do pobre sacerdote.

— Eu vos declaro...

— ... LOGO!

— Mas nessa situação, o que devo falar? Marido e mulher, ou mulher e mulher? — Soraya olha zangada para o reverendo que está em uma completa dúvida.

— CASADOS! — minha prima quase estoura os tímpanos de todos presentes.

— Bom, então, Eu vos declaro casados. Pode beijar a... — ela o encara transfigurada diante da sua outra dúvida em falar noiva ou noivo, acho que até o diabo tem medo dessa mulher.

— Noiva. — o padre completa e abaixa a cabeça. — quando Soraya tenta tocar meus lábios e eu indo ao sentido contrário. Uma claridade e um empurrão na porta do galpão, nos assusta.

— Parados! Polícia!

Capítulo 37

Liberdade

— Acabou. Você está livre. — o policial se aproxima de mim. Em prantos, o abraço trêmula. — Ficaré tudo bem. Sua mãe e seus amigos a aguardam na delegacia. — ele me conforta. Enxugo minhas lágrimas.

Depois que as autoridades entraram no galpão, foi tiro para todos os lados. Na hora me abaixei e fui escoltada por um oficial, que ficou do meu lado o tempo todo. Nos escodemos atrás de algumas tralhas velhas, fazendo-as de escudo. Vi tudo muito assustada. Temendo pela minha vida. Em todo momento, rezava para que isso acabasse logo. Minha prima olhava furiosa para onde estávamos, chegou a atirar para cima da autoridade, que me auxiliou a me defender, porém o tiro foi para culatra. No fim das contas, terminou com os três criminosos feridos. Sendo levados ao hospital.

Quando as ambulâncias chegam no local, vejo o Eduardo e Michele dentro de um carro de polícia próximo dali. O observo contrariar o oficial, ao sair do veículo e ir correndo em direção da ambulância antes da Soraya entrar.

— Eu disse que isso não ficaria assim. Eu vou preso, mas te levo junto. — os oficiais o tiram do lugar e colocam algemas nele. Que tempo depois, entra no camburão e parte. — minha prima nada responde, está ferida demais para argumentar. O policial que me ajuda, é um rapaz de olhos verdes, alto e de aparência jovem.

— Isso daria um filme. — ele olha abismado para o que sobra de toda confusão.

— De terror. — ainda sorrio. — Essa é minha vida! — suspiro desanimada. Ele aponta o veículo da polícia e entramos. O carro vai direto para delegacia.

Chegando lá, não vejo minha mãe, nem amigos. As autoridades querem logo me interrogar e pedir todas as informações possíveis sobre o caso. Conto tudo desde do começo, quando minha prima me ameaçou.

Eles falam que se tivesse denunciado desde do início, as coisas não chegariam a esse ponto. Lamento, mas conto o meu medo do deputado Sílvio e minha prima. Narro que Soraya confessou ter matado o marido. Os policiais olham surpresos e anotam tudo. Sei que foi mais de horas de perguntas e respostas. No fim de tudo, me levam a um local em que meus amigos e minha mãe estavam esperando. A sala é próxima à outra, onde eu havia sido interrogada. Ao abrir a porta:

— FILHA!

— *BICTH!*

— AMOR!

— MONA!

Os quatro estão à minha espera. Nos abraçamos todos ao mesmo tempo. Mamãe chora, toca meu rosto, cabelo, parece não acreditar que eu estou ali.

— *Bicth!* Até sequestrada você tem sorte! Eu vi o policial gostosão que veio com você, hein! — Mari pisca o olho. Marcos solta uma tossida de reprovação. — Opa! Foi mal aí.

— Sei. — ele olha com risinhos para ela.

— Senti falta de você também, Mari. — ela me dá um beijo na bochecha e me abraça bem apertado.

— Nunca mais faça isso, viu! Não nos deixei preocupados. — começa a chorar. — E ainda me faz borrar a maquiagem! — sorrimos.

— Affe, Mariane! Só você mesmo para se preocupar com isso diante de uma hora dessas. — Bernardo\ Mariah a repreende. — Mona! Quando eu pensava que você tinha feito a maléfica andar na prancha, acontece isso? Não se preocupe, que te dou um banho de sal grosso que trouxe já para tirar suas mazelas. — pega um vidro pequeno do bolso da sua camisa e começa a jogar o líquido com sal em mim.

— Tá ardendo. Ai! — reclamo, quase fico cega. — ele e Marcos se aproximam de mim e tentam me ajudar. Assopram meus olhos, mas não adianta. Então, vou ao banheiro daquele local e lavo meu rosto diversas vezes. Saio de lá ainda com minhas íris vermelhas.

— Seu doido! — reclamo, assim que retorno à sala e ele sorri.

— Desculpa, Mona. — rói as unhas agoniadas. — Mas posso te garantir que agora você está protegida. E tem outra coisa...

— Outra? Fala logo para eu me precaver. — coloco as mãos no rosto, na tentativa de me proteger para sabe lá o quê. — todos sorriem. Mariah coloca as mãos na cintura e solta:

— Agora você terá que ir comigo ajoelhado para o morro da Conceição, pela promessa que fiz.

— Ih, faz promessa e sou eu que pago! — retiro as mãos do rosto.

— Na minha promessa nós dois pagamos. — gargalhamos.

— A mim restou a fé te encontrar viva. — Marcos se aproxima,

nostálgico, parece cansado; a barba cheia, olhos tristes e aparenta não ter dormido.

— Emily rezava todos os dias e falava:

“Ela vai voltar, papai. Ela me prometeu que te faria sorrir.”

Uma lágrima cai dos olhos dele. E uma escorre dos meus.

— Ah, Emily! Pobrezinha.

— E você cumpriu a promessa. — ele enxuga a lágrima e logo em seguida sorri. — Eu estou sorrindo de novo. — nos abraçamos e o tempo para ali mesmo, pois só existe nós dois. Ele toca meu rosto, meu queixo, meus cabelos e me admira, incrédulo.

— Ah, Cléo. Como senti sua falta. — continuamos agarrados e nossa plateia está chorando; principalmente Mariah que se abana diante das lágrimas que derrama.

— E a fresca sou eu! — Mari desabafa. Todos sorrimos.

— É melhor irmos. Temos muitas coisas para conversar e não quero te ver com essa roupa de noiva cadáver.

Nos abraçamos novamente, matando a saudade e saímos dali o mais rápido possível.

Capítulo 38

Aprendizagem

Linda. Feliz. Gorda. São esses adjetivos que encontro para definir como me sinto no momento. Acho engraçado como podemos mudar nossa opinião diante de situações e fatos que nos acontecem. Um dia eu era a garota preocupada em estar sempre magra ao lado dos homens mais gostosos e sarados do momento. No outro, eu não me incomodo mais com minhas gordurinhas, estou achando até bonito ver minhas pernas grossas e meu corpo mais avantajado.

O que antes não suportava, hoje me deixa feliz. A vida nos proporciona essa mudança. E que bom que podemos mudar. Crescer, amadurecer e aprender com nossos erros. Chato seria se fôssemos as mesmas pessoas de antes. Aquelas que não vão a lugar algum e não entendem porque certas coisas lhe acontecem.

Aprendizagem! Esta palavrinha mágica que mudou minha vida e meu jeito de ser e que pode te tirar da inércia que talvez você viva. Estamos aqui para isso. Para mudar. O mundo. A si mesmo. As pessoas. Basta você querer e aprender com ela.

Há três regras que gosto de espalhar e que continuarei com elas até o fim de minha vida.

Número um: Nunca julgue ninguém pela aparência, seja pelo bem ou pelo mal.

Sou um exemplo disso. Eu ia atrás de homens bonitos e sarados e esquecia do que eles carregavam em seu coração e mente. Prova disso são duas pessoas adversas:

Marcos e o Edu.

Achava Eduardo um cara lindo, de bom gosto, quando na verdade o cara era um sem caráter e que nem chega aos pés do Marcos.

Ele responde à justiça pelos seus crimes e desejo que minha palavrinha mágica cause efeito nele. Os anos atrás das grades como cúmplice, talvez o faça refletir sobre seus erros.

Já o Marcos, o julguei por um átimo. Momentos que ele foi rude comigo. Quando hoje sei, que ninguém consegue ser perfeito. Às vezes somos ruins ou bons. Mas o que conta é quando erramos tentamos acertar na próxima e ser uma pessoa melhor.

Situações que julguei pela sua aparência física. Só porque o cara não é

aquela estrela de cinema, ele não presta? Não é bem assim, não. E se o cara for bonito, sarado, gostoso e ser um traíra, mau-caráter e não te respeitar? Adianta?

Marcos foi e continua sendo uma surpresa boa. Se mostrou verdadeiramente apaixonado. Um amor real. Pé no chão. Aos poucos o próprio também aprendeu a gostar mais de si e não viver mais atrás de máscaras.

Número dois: Perdoar te deixa mais leve.

Eu sempre odiei o Bernardo por tudo que ele me fez passar. Nada contra sua opção. Mas foi a mentira. Éramos acima de tudo amigos. E ele deixou de lado a parte principal de um relacionamento. Contudo, guardar o passado no seu devido lugar faz muito bem.

Mesmo que quisesse, dá para ficar com raiva do Bernardo? De vez em quando ele aparece lá em casa com livros eróticos e diz que tenho que entrar na onda. Fora a vez do dia dos namorados que ele me deu uma calcinha comestível para usar para o Marcos.

Também não sinto raiva do Edu nem da Michele. Ambos pagam pelo que fizeram, apesar de não concordar com a pena, mas... não sinto mais nada. E juro que é de coração o que digo: eu quero é que eles sejam felizes!

Antes ficava me martirizando por ter sido trocado por alguém que eu considerava “inferior” a mim, porém, hoje vejo que não existe esse lance de estar com alguém mais bonito e melhor, existe alguém certo para você, independente da aparência.

Eu acho que aqueles dois combinam direitinho. No amor e no crime. E é como o Marcos sempre me diz: “é tanto amor no coração que não sobra espaço para o ódio”.

Até desistir de fazer macumba para o pinto do Edu cair. Mesmo Mari fazendo biquinho dizendo que já tinha contratado um pai de santo.

Número três: Sua família te ama!

Eu tenho a família mais sem noção do mundo. Tipo:

Tenho uma prima que estava apaixonada por mim e que fez mil e uma loucuras por isso. Soraya não foi condenada à prisão e sim a um hospital psiquiátrico. Sinceramente, espero que ela fique bem e cuide de sua saúde.

Minhas tias e algumas primas continuam com o seu esnobismo de costume. Tô nem aí! Para mim não faz diferença. E sim as pessoas que realmente considero família. Como:

Tia Lio.

Tããão comilona! Só vem para festas para encher a barriga. Mas que é gente boa e não tem maldade no coração.

Vó Divina.

Tão fofa, com aquelas bochechas rosadas e olhos claros como os meus. Na maior parte das vezes, fala muita bobeira, mas sabe fazer uma comida como ninguém! E dá um conselho de sábios!

Minha prima Jaqueline.

É com muita tristeza que digo que eu e Jaque andamos muito afastadas. Não é por brigas nem nada. E sim que minha prima deu a volta por cima na vida e está se virando em mil. Teve o bebê, que é um menino lindo chamado Enzo. Uma coisa fofa! Agora passou em um curso de graduação de economia. Com isso aumentou os lucros da loja e está até abrindo filiais! Então, o tempo da minha prima está bem curto. Mas quando nos vemos é aquela alegria!

Mamãe.

Eu fui muito boba em não ouvir seus conselhos e adivinhações. Não é que ela sabe das coisas? Estou incentivando a virar cartomante; ela leva o maior jeito.

Às vezes Dona Drica fala umas coisas que me magoam, porém sei que na sua cabeça é sua maneira de me proteger e ser MÃE.

— Tá pensando em quê? — Marcos chega por trás de mim, me dando um beijo na nuca.

— Na vida. — continuo a olhar o sol chegando e dando suas boas vindas ao dia, encostada na grade da minha varanda.

— Na pense muito, senão estoura...

— ... os miolos! — sorrimos. — Emily! Onde ela está? — Marcos continua me abraçando por trás carinhoso.

— Com minha irmã.

Temos muito cuidado para não confundir a cabeça da Emily. Por isso eu e Marcos não dormimos juntos na sua casa, só na minha. Que não tem ninguém, a não ser eu. Estamos muito bem, obrigada. Já se passou um ano depois de tudo e estamos nos conhecendo e aprendendo cada dia mais com o outro. As coisas não são perfeitas. Dou exemplos disso: de vez em quando ele implica comigo e eu com ele como:

1. Quando compro minhas trufas deliciosas e luxuosas da Cacau Show e quando abro a geladeira, depois de um dia supercansativo na livraria, Marcos está muito à vontade deitado no meu sofá lambendo os dedos.

2. Ou quando ele quer me beijar às 06:00 da manhã, sem escovar o dente, com um bafo de onça enorme.

3. E quando ligo o som com a música:

“Ser corno ou não ser”

Ele me pergunta se estamos com problemas de relacionamento.

— Volta para cama.

— Me dê um bom motivo! — sorrio.

— Isso é um bom motivo! — tira suas peças de roupa e vai para o quarto.

— Me espera! — corri.

— Tão liinda. — ficamos nos olhando por um bom tempo. Por mim pode durar a eternidade aquele momento.

Ele toca meu cabelo e sorri feito um bobo, enquanto eu estou enrolada nos lençóis.

— Tão liindo. — toco no seu rosto.

Um barulho estranho invade o quarto. Ficamos em alerta. Mas baixamos a guarda ao ver que é Miúcha subindo na cama.

— Só podia ser! — murmuro. — Tá com saudades do seu tempo né, Mi? — ela late, talvez confirmando. Marcos a alisa com carinho.

Contei que essa cachorra ficou grávida? Pois é. E ainda teve sete filhotes todos de raças diferentes. *Beagle, Husky siberiano, Terrier brasileiro, Buldogue, Vira lata, Labrador e Pastor alemão*. Como ela conseguiu isso? Eu não sei. Tenho certeza que foi muita pulada de cerca por aí. Acredita que ela saiu até no *Guines Book*? Tenho foto e tudo para comprovar.

Infelizmente tive que doar os filhotes para um *pet shop*; não tenho condições de criar todos, mas soube que eles passam bem.

— Acho que ela quer uma companhia! — Marcos me fita malicioso.

— Ei! Chega de filhotes! — o repreendo com a cara feia.

— Qual é! Ela é jovem. — continua, me perturbando com seu sorriso

debochado.

— E quem cria? — faço biquinho.

— Dá vacina, ué! — jogo um travesseiro na sua cabeça, recriminando suas argumentações para Miúcha se jogar no mundo e me trazer mais dores de cabeça do que todos aqueles cachorros.

Minha cadela late três e parte. Nos fazendo sorrir com sua linguagem canina, provavelmente recriminatória a mim, por deixá-la em celibato.

Marcos fecha a porta. Está só de cueca e vejo suas dobrinhas e sinto uma vontade imensa de morder e fazer outras coisas que não cabem nesta narração.

Assim que retorna, meu namorado pula na cama e me enche de beijos, que chegam a fazer cócegas. O correspondo e em seguida ele tira seus lábios dos meus e coloca sua mão apoiando sua cabeça no colchão e fica a me admirar, depois me pede para colocar a roupa e se levantar. Faço bico, estava adorando nossos momentos aqui e ele agora quer acabar!

Mal-humorada, fico de pé e dou mais um beijo em sua boca, querendo fazê-lo desistir.

— Tenho uma surpresa. — fala misterioso. Bufo por não conseguir fazê-lo voltar atrás e visto um vestido que jaz jogado no chão.

— Está bem. Estou curiosa. — ele sai do meu apartamento e volta tempo depois, vestido de *Mister M*.

— Ele voltou? — murmuro curiosa.

— Só por hoje. — usa sua máscara branca, elegante como sempre. E segura algo que só me revela depois.

— Leandro e Leonardo? Como conseguiu isso? — olho bem para o LP.

— Uma raridade. Mas o Mister M consegue tudo.

— E como vamos escutar? — ele sorri e mostra a vitrola que está na minha estante.

— Eu nem percebi. — digo abobalhada.

— Claro amor, você sempre foi bem desligada, não é?

— Ei! — o repreendo. Ele coloca o LP e aos poucos escutamos o acorde da nossa música.

“*No deserto, quando eu te encontrei...*”

— Me dá honra, senhorita? — balanço a cabeça. Ele pega na minha

cintura e dançamos devagar no meio da sala. Vejo Mi uivar e colocar a língua para fora. Acho que ela está aprovando a cena.

Ele chega próximo do meu ouvido e sussurra:

“Eu te amo”

Olho bem nos seus olhos.

“Eu também”

Tiro sua máscara e nos beijamos.

Epílogo

— *Bitch*, por que será que o Marcos me chamou para ir junto também?
— Mari rói as unhas, nervosa.

— Ih, está com medo? — faço uma voz assustadora.

— Nenhum. — ela dá de ombros.

— Quem não deve não teme, dona Mari! — brinco.

— Não estou temendo nada. Só achei estranho ele me pedir para ir junto conhecer a família *do seu namorado*.

Realmente foi um pedido inusitado. Eu gosto da Mari, ela é uma ótima amiga, mas há certas coisas que prefiro permanecer na privacidade. Como conhecer a família do Marcos. Apesar de saber quem é seu pai, ainda não sei do resto dos parentes e meu namorado acredita que o momento de conhecê-los chegou. Apesar que, enrolei ao máximo esse encontro, pois, tenho receio de como eles me receberão.

Fiz tantas besteiras e uma delas era quase ter fantasiado um romance com meu sogro. Temo como será a reação deles diante da minha presença. Contudo, se o Marcos chamou minha amiga, tenho certeza que não é por acaso e se eu conheço bem, ele deve estar aprontando.

— E Emily? — Mari indaga, preocupada.

— Já está lá. — respondo.

— E sua família? — minha amiga dá uma risadinha, ela sabe que estou com medo deles nos acharem um bando de loucos e chamarem o hospital psiquiátrico mais próximo.

— Estão lá. — mordo meus lábios, nervosa.

— Amiga. — ela me fita com os olhos cheios de expectativa. — Não parou para pensar que isso pode ser um jantar de noivado? — ela pisca o olho.

Não refleti sobre isso. Se for, será uma grande surpresa, eu e Marcos combinamos de não falar em casamento tão cedo. Mas realmente está parecendo um, minha família, a família dele e minha melhor amiga.

— Pode ser... — murmuro em alerta.

— Se for, o Marcos é um cafona. Em pleno São João? — Mari faz uma careta de nojo e sorri.

— Vem. Me ajuda com minha roupa. — desconverso.

Mari caminha para meu quarto, abre meu guarda-roupa e passa a mão

em várias calças, vestidos, saias, que estão pendurados no cabide. Testa alguns *looks* que ela monta, mas nada dá certo. Até que minha amiga vê lá no fundo do meu guarda-roupa, um vestido que eu nem me recordo que o tenho. Ele é azul-turquesa, cinturado, com a parte de baixo rodado e com pregas. A manga é fina de tecido transparente.

— Este! — ela aponta. Faço um meneio com a cabeça concordando. Visto, calço sapatos fechados, altos e Mari finaliza com uma maquiagem leve, com *blush*, rímel e meu batom, claro! Solto meus cabelos ruivos e vamos a casa dos pais do meu namorado. Pego meu carro no estacionamento e seguimos nosso destino.

A família do Marcos mora perto do Marco Zero, o que acho muito legal, se eu residisse por ali, seria uma das pessoas mais felizes do mundo. É lá que acontece as melhores festividades do Recife. Datas comemorativas e os passeios do Olha Recife, um projeto criado recentemente com o objetivo de proporcionar diversão e entretenimento para todas as famílias. Desde passeios ciclísticos, patins, de catamarã às feiras artesanais e gastronômicas.

— Dará tudo certo. — paramos em frente à casa da família do meu namorado. Respiro fundo e minha amiga aperta minha mão.

Temo que não dê. Na última vez que conheci a família de um namorado meu, acabou em um desastre. E lembrando que praticamente dei em cima do meu sogro, creio que a mãe do Marcos não vomitará arco-íris quando eu chegar.

Eu preciso enfrentar meus medos! Logo!

A rua é bastante colonial, as casas ainda possuem um toque do século passado. Os postes iluminam com sua luz amarela, dando aquele local um ar exótico e convidativo. A casa é de esquina e tem um bar na parte de baixo. No andar superior há uma longa escada de tijolos que liga os dois andares.

Marcos me vê e faz um aceno para que suba. Estaciono o carro ali perto. Eu e minha amiga subimos com o máximo de cuidado para não cairmos em nossos saltos altos. A decoração está bastante bacana, tanto fora, quando dentro, têm bandeirinhas de São João espalhadas nas casas e ruas.

A do Marcos é decorada com estandartes coloridos em cima do teto e alguns elementos juninos espalhados pela casa.

— Oi, amor. — dou um beijo suave na sua boca e escondo minha frustração.

— Estava ficando preocupado. — me abraça. — Quem bom que veio também, Mariane. — dá uma piscadinha para minha amiga, que fica

constrangida.

— Ei! Não trouxe a Mari aqui para você ficar paquerando, hein! — dou um soco no seu peito.

— Relaxa, gatinha. Na minha vida só existe você. — me beija.

Mari pede licença a nós e solta uma gracinha que hoje não seguraria vela. E se distancia indo à sala e sentando bem à vontade. Acredito que é mais pela novela que passa na TV da casa do meu namorado. De longe, ouço ela suspirar pela cena que um ator global aparece tirando a roupa. Eu e Marcos gargalhamos. Típico da minha amiga!

— Então, esta é a Cléo? — uma senhora baixinha e robusta se aproxima de nós. Meu sorriso de desfaz e temo pelo pior. Ai, Jesus! É agora que serei espetada até o inferno!

— É mãe. — os olhos do meu companheiro brilham ao fazer as devidas apresentações.

— Então, foi você que quase beijou meu marido? — ela faz uma cara de reprovação.

Ops!

— Ah ... bem ... eu ... — fico sem palavras.

— Estava só brincando. — dá uma sonora risada. — Viu como ela ficou roxa, meu filho? Se não tivesse existido essa confusão toda que você fez, e fosse outra pessoa, com certeza teria te dado para os cachorros comerem.

Sabia!

Sorrio meio constrangida. Mas logo a Márcia, a mãe do Marcos, me deixa à vontade. Ela é bem brincalhona, aquele tipo de pessoa que ri da própria desgraça. Tudo é motivo de piada e ela transforma todo o ambiente num lugar alegre e festivo. Junto com o Marcos, ela me mostra o restante da casa. Ali, na varanda, há algumas cadeiras de plásticos, amarelas, com o *slogan* de uma cerveja. Márcia me conta que eles têm o bar muito antes deles mesmos pensarem existir. Foi do tataravô dela e passou de geração a geração. Entendo o motivo da casa ter aquele aspecto antigo.

Ainda na varanda, a mãe do Marcos me apresenta há alguns familiares. Vejo duas moças que são as irmãs mais velho do meu namorado, suas feições possuem as temíveis rugas femininas e alguns fios brancos que escorrem de seus cabelos. São as mesmas que vi no parque, e uma delas a vi na casa de Marcos quando fui falar com Emily.

Fazemos os devidos cumprimentos e esbanjamos sorrisos com nosso

primeiro contato. Outros tios e primas chegam e também me abraçam e festejam o nosso encontro.

Sinto a falta de uma pessoa. Uma que daria certo com minha amiga. Pergunto ao Marcos sobre Jéssica e ele solta um longo suspiro e diz que a sua presença daria uma bela confusão. Aponta para sua mãe, que conversa com o restante da família.

— Não é porque ela é divertida que não deixa de ser brava. — compreendo a situação delicada. Mas a pobre moça nada tinha a ver com as safadezas de Seu Joaquim.

Não dá nem dois minutos e o celular de Marcos apita, vejo rapidamente as palavras “*vai desencalhar, amém!*” Embaixo estava escrito de sua adorada irmã, Jéssica. Dou uma risadinha e Marcos parece nervoso por eu ter visto a mensagem, esconde o celular no bolso e muda de assunto. Chama sua mãe, que logo vem me mostrar as comidas típicas daquela data. Todas postas em vasilhas redondas que estão sobre a mesa quadrada mais adiante. Pé de moleque, bolo de fubá, canjica, bolo de milho, milho assado e cozido.

Desejo muito saber o que Jéssica quis dizer com “*vai desencalhar*” se já namorávamos há um bom tempo.

Marcos sabe que estou pensativa, o encaro, porém ele desvia os olhos, logo ouço sua mãe terminar de enumerar os quitutes.

— Esses aqui foram sua vó que trouxe. — ela dá uma piscadinha e mostra as deliciosas pamonhas da Divina. Huuum. Me dá até fome. E esqueço completamente do que estava pensando.

— E onde está minha família? — os procuro, contudo, não os encontro.

— Ai é onde eu quero chegar. — Marcos argumenta. — Vamos para praça do Marcos Zero, quando chegarmos comeremos isso tudo aí. — me dá um beijo quente e escuto duas tossidas, uma da mãe do Marcos e outra da Mari.

— *Hello! Eu* estou aqui. — Mari sai da sala e se posta diante de nós.

— Não esqueci. — Marcos a chama para perto.

— Então, vamos? — Márcia parece animada.

Todos assentem e a mãe do meu namorado vai à cozinha pegar uma toalha de prato para cobrir as comidas, diz para outros ficarem bem à vontade e eles acenam que irão depois.

Descemos as escadas de tijolos indo em direção à praça do Marcos Zero, que fica a poucos metros dali. Já escuto o forró agitado de Elba

Ramalho. Ela anima as pessoas com os acordes graves da sanfona, triângulo e da zabumba. Canta um forró pé de serra animado, que faz toda multidão se movimentar.

— Espera aqui. Tenho uma surpresa. — ele se dirige para outro caminho.

— Não gostei disso, não. — faço biquinho.

— Vai gostar, eu sei. Acredita em mim? — ele me fita com seus olhos castanhos brilhantes e aperta suavemente meu queixo, sinto um arrepio.

— Não tô dizendo, *Bitch!* Ai, tem! — Mari chega próxima a mim e lançamos olhares curiosos para Márcia.

— Não sei de nada. — ela dá um sorriso travesso.

Minha amiga e eu não quisemos perder o forró e nós duas começamos a dançar. Dois para lá e dois para cá. Apesar que é muito difícil bailar naquele aperto, as pessoas parecem que nos engolem. Dou um passo e vem um casal e pisa no nosso pé, me movimento para outro passo e outro casal bate nas nossas costas.

— Desisto. — minha amiga diz com raiva.

— Também. — paro de me sacudir.

— Vamos tomar um ar? Aqui está muito quente. — Mari fala no meu ouvido, pois, está impossível escutar alguma coisa que não é forró.

— Vamos. — respondo de volta.

Chegamos próximo à Márcia e avisamos que ficaremos perto do espaço do frevo, um local dedicado ao histórico do frevo e suas peculiaridades. Lá não tem quase ninguém e parece menos desocupado.

Ficamos meio sem jeito deixá-la sem alguém, porém, o senhor Joaquim chega rente a ela e nos cumprimenta como de costume. Acenamos e saímos.

— E pensar que você largaria tudo para ficar com senhor Joaquim. — Mari debocha, dou um tapa leve nas suas costas.

— Ei! Ninguém esquece isso mesmo, né?

Passamos pela praça, por bancos de concreto e algumas flores ali. As barraquinhas de madeira estão enfileirados em frente à praça, vendendo maçãs do amor, comidas típicas, lembranças juninas, mas uma barraca me chama atenção pelo esoterismo, a bola de cristal e o baralho cigano em cima da banca.

“Prevejo o grande amor de sua vida”

Dou um sorriso, Mari dá outro.

— Mamãe? — me aproximo, enquanto ela tira uma carta para uma jovem de mais ou menos quinze anos, que olha esperançosa para Dona Drica como se ela fosse ganhar na loteria.

— Psiiu! Não me desconcentre. — ela me olha furiosa.

Reparo no seu pingente falso na testa, se movimentando para lá e para cá, à medida que ela faz rodeios em volta da bola de cristal. Os cabelos estão enrolados num lenço colorido e de tecido grosso. Usa saias largas e grandes, completando seu visual cigana.

— Enteadinha! — reviro os olhos. Para meu desgosto, Lucas continua na família e pelo que vejo, terei que suportá-lo por um booom tempo.

Meu padrasto recolhe o dinheiro daquelas meninas, como se estivesse livrando o mundo de uma doença incurável. Posso deduzir pelo sorriso no seu rosto e o peito estufado. Ele usa um jeans velho e uma blusa xadrez vermelha e preta. Acho que pela primeira vez ele está se sentindo útil.

— Ah ... oi. — respondo sem entusiasmo.

— A gostosona leva jeito para coisa. Já faturamos mais de dois mil hoje. — ele dá uma piscadinha.

— Quê?! — indago horrorizada.

— Seja o que for que ela esteja fazendo, tô dentro! — Mari levanta a mão se voluntariando.

Assim que mamãe acaba de atender à garota, ela dá um aceno com as mãos para nos aproximarmos. Conversa conosco de forma animada, contando cada previsão que teve aquela noite e que muitas garotas voltaram agradecendo e dizendo que ela estava certa.

Estou feliz por ela, fazendo o que gosta e se dando bem com isso. E pela quantidade que ela está faturando... já estou pensando em largar a livraria.

— Onde estão os seus sogros? — mamãe olha para os lados, à procura deles.

— Dançando. — respondo apontando o local.

— E o Marcos já fez o pedido? — meu padrasto questiona, mamãe dá um cutucão no braço dele. — Ai! — ele reclama.

— Eu te disse que isso era segredo. — ela adverte.

— Pedido? Que pedido? — meus olhos piscam, coço meu pescoço.

— Eu sabia! Sabia! — Mari gaba-se.

— Bom, agora você fica sabendo mesmo. — mamãe indica o palco, onde surge um Marcos bem-arrumado, de terno e gravata e com os cabelos em gel, puxados para trás.

— Ai. Meu. Deus. — é a única coisa que consigo dizer.

— Vamos para lá agora! — Mari me puxa pela mão e nos despedimos alegres de mamãe e o *cover* de *Justin Bieber*.

Ficamos perto do senhor Joaquim e da Márcia, que apenas sorriem para nós sem nada a dizer. Quero estar lá na frente para vê-lo. Meu coração bate a mil por hora, aperto diversas vezes a mão da Mari, de forma nervosa. Ela me tranquiliza e diz que ela é a melhor cupido do mundo, que além de me arrumar um namorado, trouxe um casamento.

— Se bem que você foi um cupido fajuto. Só me arrumou com ele por causa daquele magricelo. — dou língua.

— Não foi bem assim. E a propósito, eu nem o conheci. — dá de ombros.

Marcos segura o microfone na mão e começa a falar para todos que ele é o Mister M. Muitas pessoas abrem e fecham a boca. Outras o contradizem. Mas se calam assim que o meu namorado anuncia o nome de uma pessoa que confirma toda sua história.

— *Denis Lesson*. — ele chama.

— Ai. Meu. Deus. — é a vez da Mari clamar pelos seus céus. — Eu vou desmaiar, *Bitch!* — seguro firme sua mão, sorrindo.

— Acho que foi por isso que ele quis tanto que você viesse. — a observo, rindo de sua compostura.

— Ele devia ter avisado! Nem coloquei minha calcinha vermelha da sorte. — balanço a cabeça sorrindo.

— Eu anunciei minha aposentadoria há um tempo. Porque eu queria que vocês gostassem do que sou e não de um cara mascarado. No começo fiz isso porque as portas foram fechadas para mim. Não sou um exemplo de beleza como certas pessoas. — aponta para o Dennis, que sorri e a mulherada grita enlouquecida. — Mas eu queria que vocês me avaliassem pelo conteúdo e não minha casca. — ele olha para mim e compreendo de quem ele tira aquelas palavras.

— Vocês são tão lindos. — Mari se abana, quase chorando.

— Porém, conheci uma pessoa há um tempo atrás e essa pessoa me fez enxergar o meu devido valor. Aliás, juntos, conseguimos enxergar os nossos devidos valores e é por ela que estou aqui hoje. — muitos aplausos e gritarias. — Obrigada. Obrigada. Eu e o Dennis somos companheiros de longa data. Compus uma nova música em parceria com ele. E o nome da canção é... Ela. — ele me procura na multidão e acho que encontra, pois dá um incrível sorriso. Dennis se aproxima do Marcos e aos poucos escuto a música que ele compôs.

O *Mister M* se posiciona em um espaço cheio de aparelhos e botões, coisas que só DJs sabem o que significam. Seu amigo começa a cantar a canção com sua voz aveludada e que faz qualquer um arrepiar. A música tem acordes baixos e faz um MIX balada romântica, tenho certeza que fará um grande sucesso nas rádios.

Eu tenho um namorado incrivelmente talentoso. Estou muito orgulhosa do Marcos e mais ainda ao saber que essa música é dedicada a mim. Eu, Cléo azarada, que não tinha sorte no amor, na vida, e nem no ambiente profissional.

Acho incrível como as coisas podem mudar quando estamos ao lado das pessoas certas.

Eu não consigo me conter, no lugar em que estou, paro. Simplesmente parece que só existe o Marcos e eu naquela multidão. Como se o tempo contemplasse nosso amor. A letra da música é linda. Narra a história de um homem perdido, que sentia em seu coração um vazio, que enfrentou vários obstáculos na vida, que caiu, se levantou porque alguém estendeu a sua mão e esta pessoa era a criatura mais linda que ele tinha visto.

“Só ela é capaz de preencher meu coração. Somente ela é que me faz feliz. É ela que quero para mim. Só ela ...”

Dennis termina o refrão da música sendo muito aplaudido. Marcos se aproxima dele dando um abraço e tapinhas nas costas.

— Ele devia voltar, não acham? — Dennis atíça a multidão.

— Volta! Volta! Volta! — eu também grito para que ele volte. Marcos ama compor suas músicas e fazer melodias, é sua paixão, está na cara. Quero somente o melhor para ele e sei que ali é seu lugar.

— A voz do povo é a voz de Deus. — Marcos sorri e todos aplaudem agradecendo e dizendo que sentem saudades do Mister M. — Agora sem máscaras, hein! — ele pisca animado. A multidão sorri. *Dennis Lenson* ainda abraçado com meu namorado e começa a conversar de novo com o pessoal.

— Mas não foi por isso que estamos aqui. O *Mister M* aqui vai casar! — a multidão grita. — Faça logo o pedido, meu camarada. Se não fizer eu faço para ela, hein! — sorri.

Meu namorado parece muito nervoso. Passa as mãos na sua calça preta e me procura na multidão. Dá um grande sorriso e fala meu nome no microfone. Vejo várias cabeças se contorcerem para tentarem saber quem sou.

— Minha assistente de palco te buscará.

A pequena Emily caminha lentamente no meio daquelas pessoas. Muito linda por sinal. Seus cachos estão mais belos do que nunca. Envolvidos por uma presilha brilhante no topo da cabeça. Ela carrega algo nas mãos, aveludado, uma caixinha azul, veste um vestido lilás com pequenos laços. Me estende a mão e todos os olhares repousam em mim. Os pais do Marcos me lançam olhares de apoio e me desejam muitas felicidades.

— Papai fez uma grande escolha. Não podia ter escolhido uma mamãe melhor que você. — ela sorri, me fazendo ficar muito emocionada. Antes de subir ao palco, Mari cochicha:

— Não esqueça de mim, hein! — sei muito bem do que ela está falando.

Alcanço o local, trêmula, sendo arrastada por Emily, que parece adulta. Ela nem está com medo ou vergonha. Aparenta gostar muito daquele ambiente. Me conduz com firmeza, me deixando próxima ao seu pai.

Assim que eu coloco os pés no local, todos me aplaudem. Fico com muita vergonha diante de tanta gente me encarando. Porém, logo me sinto confortável, assim que vejo um par de mãos calorosas e uns olhos castanhos claros próximos a mim.

Marcos faz um meneio com a cabeça e Emily lhe entrega a caixinha aveluda. Ele se ajoelha na minha frente, pegando minha mão, fazendo as pessoas gritarem vários: Ooooohs!

— Cleonice Fernandes, aceita casar comigo e viver para o meu lado para todo sempre? — ele abre a caixinha azul e fito dois pares de anéis dourados que brilham em minha direção.

Fico um pouco calada, o que o deixa nervoso. Acredito que ele acha que digo não. Mas na verdade eu nem consigo falar direito. Volto a ficar apreensiva. Parece um sonho, dos bons! E nada de primas malucas para estragar tudo e nada do meu azar para atrapalhar minha vida.

Abro a boca várias vezes para responder, porém não sai nada, até que Emily quebra o clima e me deixa mais à vontade, me fazendo rir.

— Não pensa muito não, senão estoura os miolos. — sorrio e a multidão também.

— Aceito. — Marcos levanta-se animado e me pega pelo colo rodopiando pelo palco. Alguns sorriem, outros choram. A maioria nos aplaudem e desejam felicidades. Ele coloca o anel no meu dedo e eu ponho no dele. Agradecemos a todos e saímos meio que escondidos por trás do palco. Várias pessoas nos interceptam, jornalistas, curiosos, Marcos responde às perguntas gentilmente e assim que ele dá às respostas necessárias, agradece a todos e pede delicadamente que neste momento ele quer comemorar com sua noiva, eu. E eles nos deixam.

Meio que escondidos de todos, Marcos entra em um carro preto e enganamos os jornalistas, indo para várias direções de lugares, os deixando tontos. Até que vamos realmente para a sua casa, sem que ninguém desconfie que é tão próxima dali.

Entramos bem rápido e Márcia e os outros nos aguardam. A mãe do Marcos coloca cortinas em todos os lugares para que ninguém saiba o que se passa ali. Abre os braços alegre e grita:

— Viva os noivos! — todos aplaudem.

Tia Lio também está ali, veio com vovó, depois de terem vistos as apresentações de quadrilhas juninas em outra parte do local.

Por esse motivo não encontrei vovó no meio da multidão. Minha tia me cumprimenta rapidamente e já está atacando as pamonhas da Divina. Mamãe se delicia com as comidas típicas, junto com meu padrasto, que só falta usar um babador, pois parece uma criança comendo. Sujando toda a boca e a suas vestes. Mamãe aproveita para limpá-lo e lhe tasca um tremendo beijo. *Argh!*

Beth também está ali. Minha chefe e amiga do meu namorado, nos cumprimenta e quase nos esmaga com um abraço de urso. Esbanjamos sorrisos e conversas aleatórias. Devo este momento também a ela. Se não fosse seus conselhos de me impulsionarem a ir atrás do meu desejo, talvez eu não estaria com Marcos agora.

Eu e meu noivo retribuímos sua “ajuda” empurrando-a para um belo moreno que acaba de chegar, vejo ela ajustando seus óculos e Marcos e eu trocamos olhares confidentes. Meu namorado chama seu primo e faz as devidas apresentações. Posso jurar que aqueles dois pares de olhos brilham mais do que deve ao vê-la.

— No meu interior as meninas não saíam de casa depois das nove. Se saíssem eram pegas pelo lobisomem. Eu quase fui pega por um. Mas fui mais

esperta que o danado. — Vejo vovó sentada tranquilamente no sofá dos meus sogros conversando com Seu Joaquim. Sorrio, ao ver que ela adora contar suas histórias

— Sua vó é muito divertida. — meu sogro murmura. Divina olha para trás e me dá os parabéns. Me abraçando forte e dizendo que sabia que tudo acabaria feliz.

— Ei! Pombinhos! — Mari tosse na porta da casa, próxima ao sofá. Vovó me solta e Marcos a encara sorridente, sei do que ela começaria a reclamar. — Não estão esquecendo nada? — Marcos sorri e ouvimos um barulho vindo da parte de trás da casa. Nos aproximamos e observamos que há outra escada nos fundos da moradia. Seu Joaquim abre a porta de madeira dos fundos e Mari fica pálida como um fantasma ao ver quem é.

— É a que a festa de noivado? — Dennis ajeita seu *blazer* preto e sorri.

— Ai. Meu. Deus! Eu acho ... eu acho ... que vou desmaiar. — e cai.

Gargalhamos.

— Eu estou muito feliz, de verdade. — murmuro, pegando na mão dele, enquanto um vento sorrateiro entra pelas cortinas balançando meus cabelos.

— E eu mais ainda. Fico feliz que tenha aceitado. Por um momento achei que não estava fazendo a coisa certa. — ele me analisa.

— Pela minha demora em responder? — entrelaço meus braços no seu pescoço e o beijo.

— Exatamente por isso. — quando desgruda de meus lábios, respondo.

— Estava bem nervosa. — abaixo a cabeça.

— Eu vi. — ele dá um sorriso lindo.

— Agora, por que no São João? — ergo as sobrancelhas.

— Você me achará um tolo. — balanço a cabeça para os lados.

— Por quê? — estou curiosa. Ele tosse por uns instantes e vai ao ponto.

— Porque quando eu terminei com a Melissa, minha ex mulher. Eu... — ele me observa e hesita um pouco até eu pressioná-lo.

— Você...? — incentivo a continuar.

— Cléo, você rirá de mim. — dá um sorriso frouxo.

— Não vou, não. Fala! — que homem mais cheio de mistérios!

— Que dia é hoje, Cléo? — ergue a sobrancelha.

— Hoje é início das festividades juninas. — respondo não vendo nada demais nesta pergunta.

— Não. Que dia é hoje? — insiste mais um pouco.

— Hoje é 13. — me recordo da data pôr a ter visto no calendário naquele dia.

— Dia de Santo Antônio. Te pedi em noivado hoje porque eu fiz uma promessa a ele. Que se arranjasse uma garota que se apaixonasse por mim e eu por ela eu a pediria em casamento no dia dele e faria um banquete em sua homenagem. — ele aponta para mesa onde estão as comidas, minha família e a Mari fazendo uma cena com *Dennis Lenson* proibida para menores. Ao ver isso, lanço um olhar reprovador em sua direção e aponto para Emily que brinca alheia com suas bonecas no chão. Ela pede desculpa e se recompôs.

— Santo Antônio? Você é devoto? — estreito os olhos.

— Não era, até papai e mamãe me contarem que por conta dele eles se conheceram. — dá para acreditar em uma coisa dessas? Meu namorado também fez uma promessa que eu também fiz e ... se realizou. Não é que Santo Antônio cumpriu com o que prometeu?

— Você acredita nele? — me interroga.

— Por que não acreditaria? — sorrio e ele me estende seu braço e nos sentamos à mesa com nossos parentes.

Olhando para cada um deles, com suas peculiares, me sinto a mais feliz das mulheres. Todos alegres, comemorando, se conhecendo, não poderia ter um final mais feliz que esse. Olho para os céus e algumas nuvens brancas e espessas formam um rosto de um senhor bastante conhecido, com a face redonda e uma calvície notável.

— Obrigada. — murmuro olhando para nuvens e juro que a imagem sorri.

Fim

Gostou da história? Não se esqueça de avaliar! Me adicione nas redes sociais para batermos um papo.

Instagram: <https://www.instagram.com/dayanaskaraujo/>

Facebook: <https://www.facebook.com/escritoradayanaaraujo/>

Snapchat: escritoradayana